

The present writer is nothing of a philosopher; he is, *poetice et eleganter*, a supernumerary clerk who... writes because for him it is a luxury which becomes the more agreeable and more evident, the fewer there are who buy and read what he writes. He can easily foresee his fate in an age when passion has been obliterated in favor of learning, in an age when an author who wants to have readers must take care to write in such a way that the book can easily be perused during the afternoon nap... He foresees his fate — that he will be entirely ignored.

Søren Kierkegaard

# ELAÇÕES DO PEJORATIVO

SILVA CARVALHO

EDIÇÕES AQUÁRIO

Some say, regarding it with some asperity, that Silva Carvalho's poetic language is nothing else but a disguised poetry of ideas. So it is. But not the "poetry of ideas" in the traditional sense, as it was in the XIX century, where it meant the expression of significant "content" in appropriate language and verse form. For if we accept, as we mostly do today, the premise that the aims of all art are the uncovering of a "world" where human existences live without understanding what is going on, personally, politically and otherwise, the so-called "poetry of ideas" becomes the site of discovery where the complexity of events and relations is interrogated, even in the most ordinary aspects of everyday life. And this process of interrogation is of necessity tentative, self-cancelling and self-correcting, in a word, poetic. That's why Silva Carvalho, in his texts, doesn't discourse or digress affirmatively about anything, as most poets still do confident of the truth they convey. His aesthetics, contemporary to his writings, doesn't display a "theory" of literature. Silva Carvalho repeatedly and implicitly insists that it is impossible to define the "beautiful," or to say what the "essence" of art might be. Such professed skepticism, coupled with what seems to be simple ignorance or mere extravagance, was and still is greeted with suspicion by the Portuguese literary community. Understandably. Because no one in contemporary Portuguese language proposed, invented or accepted, as Silva Carvalho did - performing an indisputable profusion of styles - such an eventful confrontation with reality and such a rich and difficult discussion of what can be either poetic or poetic language. That is, no one has immersed the way he did into the subtle and deep problems concerning the process of becoming.

Arthur Brannan

The present writer is nothing of a philosopher; he is, *poetice et eleganter*, a supernumerary clerk who... writes because for him it is a luxury which becomes the more agreeable and more evident, the fewer there are who buy and read what he writes. He can easily foresee his fate in an age when passion has been obliterated in favor of learning, in an age when an author who wants to have readers must take care to write in such a way that the book can easily be perused during the afternoon nap... He foresees his fate — that he will be entirely ignored.

Soren Kierkegaard

# ELAÇÕES DO PEJORATIVO

SILVA CARVALHO

EDIÇÕES AQUÁRIO

Autor: *Silva Carvalho*

Título: *ELAÇÕES DO PEJORATIVO*

Direitos reservados para a língua portuguesa:

© Edições Aquário

Editora: *Edições Aquário*

[edicoes\\_aquario@hotmail.com](mailto:edicoes_aquario@hotmail.com)

Autor: [silvacarvalho@hotmail.com](mailto:silvacarvalho@hotmail.com)

Site: <http://www.silvacarvalho.com>

## OBRAS PUBLICADAS

### Poesia

*(em português)*

**SUOR DO TÉDIO** (1969) Edição do Autor

**MEMÓRIA DO PRESENTE** (1977) Brasília Editora

**CANÇÕES** (1978) Edição do Autor

**ASSIM** (1979) Brasília Editora

**ESSAS VOZES** (1983) Quatro Elementos Editores

**ANTES O PARAÍSO** (1985) Black Sun Editores

**75 SONETOS** (1985) Solcris Editora

**AO ACASO** (1986) Brasília Editora

**SETEMBRO** (1987) Solcris Editora

PENTALOGIA AMERICANA:

**DA ESTUPIDEZ** (1988) Brasília Editora

**ADIVINHA: ESTILICÍDIO E ENCICLIA** (1989) Brasília Editora

**NEM PROSA NEM POESIA – OUTRA COISA** (1990) Brasília Editora

**EM QUESTÃO** (1991) Brasília Editora

**O PRESENTE, A PRESENÇA** (1992) Brasília Editora

**A EXPERIÊNCIA AMERICANA AO VIVO** (2003) Edições Aquário

**CAOS INDELÉVEL INEFÁVEL** (2004) Edições Aquário

**CYPRESS WALK** (2007) Edições Aquário

**SONETOS PORTUGUESES** (2012) Edições Aquário – *site*

*(em francês)*

**LES TROIS AGES** (1973) La Pensée Universelle

### Porética

TRILOGIA PORÉTICA :

**O PRINCÍPIO DO ECO** (1993) Brasília Editora

**TEORIA DA DISPONIBILIDADE** (1994) Brasília Editora

**CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES** (1995) Brasília Editora

**MAIS OU MENOS** (1998) Black Sun Editores  
**NEW ENGLAND** (2002) Edições Aquário  
**MEDIOCRIDADE** (2003) Edições Aquário  
**AS ESTAÇÕES** (2004) Edições Aquário  
**TETRALOGIA FÁTICA** (2005) Edições Aquário  
**DÍPTICO MUSICAL** (2005) Edições Aquário

### **Romance**

**PALINGENESIA** (1999) Fenda Edições  
**O ROMANCE CONTEMPORÂNEO** (2000) Tertúlia Editora  
**QUE ESTUPIDEZ!** (2003) Edições Aquário  
**O RITO DIÁRIO DE UM HIPOCONDRIACO** (2004) Edições Aquário

### **Ensaio**

**A LINGUAGEM PORÉTICA** (1996) Brasília Editora

**Ao Jorge Leandro Rosa**

We thrive by casualties. Our chief experiences have been casual. The most attractive class of people are those who are powerful obliquely, and not by the direct stroke: men of genius, but not accredited: one gets the cheer of their light, without paying too great a tax. Theirs is the beauty of the bird, or the morning light, and not of art. In the thought of genius there is always a surprise; and the moral sentiment is well called "the newness," for it is never other.

Ralph Waldo Emerson



## MIL VEZES O DIA

Só para experimentar o que pode ser dito, isto, esta coisa, a morosidade da língua quando confrontada com os factos da realidade em que circunsona como uma necessidade quase natural. Que se passa à volta? Que sol ainda ilumina a terra, que terra ainda gira na sua órbita, que horror é este quando o pensamento se sente incapaz de medir a distância do alcance, que alcance é este para lá da fenomenologia que não restitui ao momento a sua realidade? Há um desejo de silêncio no sentimento em que se sobrevive, mas o mundo deblatera, as leis da física não determinam mais este *mais* que assola, que fazer? Mil vezes o dia dividido em afazeres, mil vezes a cegueira de uma passagem pelas horas, aqui este horizonte onde interstícios de luz luzem quase miraculados pelo *quase* que pretende ganhar uma centralidade no discurso que se intenta, sem muito bem se saber o que se está a dizer. O que poderá ser dito? Desdita a pergunta, sobram apenas as penas de uma obscuridade anímica, até quando viver, até quando fenecer na agilidade de uma língua que se desmente em cada palavra? Foi-se mundo e nunca se será terra. Vive-se a força de um desejo, sobreviver, sempre sentindo e sempre sofrendo a carne que se desdobra em razões como ser ou não ser na mendicidade do corpo. E regressa-se ao princípio, à experiência da experiência, sem que se possa vislumbrar um caminho onde os passos fariam sentido por serem sentidos contactos com um chão capaz de transmitir ao ser humano que se é esse *é* onde recai a imanência de um pensamento pensando-se como dito de uma mais profunda realidade.

7-10-2003

## VOLTO COMO SEMPRE VOLTO

Volto como sempre volto ao local, não do crime, mas desta deiscência do ser, depois de anos perdidos no sofrimento da perda de alguma família, uma mãe e uma tia, os dias a fugirem para o seu fim, o fim onde nenhum destino pode mais ser tragédia ou comédia, os géneros levados pelo vento da loucura civilizacional, as figuras fartas de pertencerem ainda à retórica, a retórica o lugar comum de um discurso que não faz a diferença entre uma rede e

um desvelamento. Volto nesta tarde em que um Nick Cave canta na tentativa de uma profundidade que o comércio tenta a todo o custo banalizar, ser não é mais do que consumir, consumir o que subsiste em nós dos nós que não mais nos unem a uma verdade onde a terra poderia ser possível. É possível ouvir-se esta voz reflectindo a violência do mundo querido por muitos, os zelosos do nada, ainda moderno, mas ser-se agora a contemporaneidade é uma aventura onde muitas vezes se perde a sanidade mental, a loucura da cura que se desejou um despojo acutilando a sensibilidade insensível ao poder que lavra na realidade. Mas dá prazer seguir som a som o ser de uma senda, viver na surpresa do que acontece inebria, viver a vida é a experiência de uma canção cantada no esplendor de uma descoberta: ser esta disponibilidade, ser por mais alguns minutos a procura de uma convivência, afinal esta música também perdeu a sua musa, só nos resta os ouvidos, ouvir, sentir, descer ou subir à experiência de alguém que nos é ainda um semelhante. Nick Cave faz-se rimar como se o século fosse outro, não se espera da porética nenhuma linguagem verbal, importa apenas que o tempo ao passar passe travestido em sonoridades. Lá fora o sol soleva transparências de luz, o Outono é e continuará a ser por muito tempo Outono, que é uma vida senão estar-se neste entre, nesta acalmia, o ouvido olhar, a vista a luminosidade que entra pelo apartamento como se o *como se* fosse a solução para tudo. Não é. Mas isso importa? Importa deixar-se sempre uma porta aberta, quem sabe se alguém ou será vir até onde a vinda é mais do que desejo ou solidão? Volto como sempre tenho voltado a esta perspectiva um pouco subtil da realidade, do real é-me impossível falar, talvez esta música possa dizer mais do que o que sei e sinto, talvez a vida seja mesmo isto, esta ausência na presença do presente, talvez voltar seja o modo como se regressa à vida. Que sei eu da temperatura do ser, que sei eu da língua onde escrevo um ser humano capaz de me viver?

8-10-2003

## A REALIDADE RISÍVEL DAS COISAS

Em casa, as portadas escancaradas, pleno do som que o *blues* me concede, vejo, para lá da piscina onde suas águas transparecem de azul, canas oscilando ao sabor do vento, eu próprio flutuando como

se em mim houvesse uma pessoa capaz de sentir a luminosidade do meio-dia sem ter que pensar em Nietzsche ou mesmo, por causa das canas, em Pascal. Todos esses filósofos disseram e pensaram asneiras abissais, todos eles estariam convencidos que o real é coisa de que se pode falar. Pode-se falar, pode-se dizer mesmo o que nos passa pela cabeça, minha cabeça agora impede-me que qualquer pensamento surja numa eclosão que faria a felicidade dos leitores presentes e talvez mesmo futuros, se os houver para o livro que agora se perpetra em abjurações do acaso e da ablepsia. Porque eu vejo, porque eu ouço, porque eu sou um homem tentando sempre ser um ser humano, embora, confessemos-lo imediatamente, seja tão difícil atingir-se esse apogeu em práticas coevas do capitalismo que perpassa numa infestação incompreensivelmente histórica. A história jaz no olhar que vê o vento zurzindo as canas, na voz deste *bluesman* de San Francisco, Tommy Castro, para que conste e não se pense que tudo o que se averba aqui é uma ficção. Também eu percorri as ruas de San Francisco, também eu subi e descii, a pé ou de carro, aquelas ruas que fazem as delícias do turismo, mas agora estou muito simplesmente ou muito complexamente aqui, diante da portada que dá para a natureza, incapaz de repetir Wordsworth ou os poucos poetas do distrito dos lagos. Tantas as referências culturais, dirá já o leitor chateado com a sorte que não lhe cabe, mas que fazer, tudo isto é verdade, mesmo quando hoje a verdade passa por uma suspeição que nem Sócrates nem o seu discípulo Platão pensariam que pudesse ser possível. O futuro a ninguém pertence, não é esse o truísmo? No lugar comum de quem está vivo e vive respirando, eu finjo que estou a escrever este texto, mas na realidade estou apenas sentado num sofá que fica mesmo em frente da portada que me dá a luminosidade do dia, incapaz de sentir ou de pensar, observando quase bovino as canas que balançam e ouvindo distraído as razões deste cantor que descobri há pouco. Pouco importa para a economia do mundo o que eu esteja a fazer, as leis do mercado cumprem-se, é pelo menos o saber contemporâneo, mas da contemporaneidade eu possuo a minha teoria, quanto à prática faz-se o que se pode, nada, que é o que os centros de decisão esperam dos cidadãos, desde que a produtividade, isto é, a criação de objectos, não sofra com uma atitude tão negativa. Negatividade foi um conceito que esteve na moda, falou-se mesmo em destruição e desconstrução, o mundo permanece o mesmo, ricos e pobres, com a naturali-

dade que nem a natureza concede a quem nela medita com objectivos filosóficos ou outros. Outros somos todos nós, a identidade grassa ainda por muitas mentalidades coetâneas, o outro e o eu é um binómio da desesperança, mas que fazer? Prometi a mim próprio deixar de fazer perguntas, por que razão terão que aparecer quando menos se espera no desespero do momento? Desespero? Apenas a portada aberta, a luz do dia outonal entrando num, como se diria outrora, esplendor extático, apenas a música que se faz ouvir. Confesso que não estou a gostar deste texto. Daí, caro leitor, sermos já dois. Esta irmandade poderá ser uma coisa importante quando se trata de inventar uma comunicação que nos possa unir por momentos. Risível, a realidade das coisas diz-me que não. É pena!

9-10-2003

## ENQUANTO A TARDE PASSA

Enquanto a tarde passa passam estes *blues* de Ronnie Earl um pouco sofisticados, devo dizer, para o meu gosto mais habituado às crueldades sonoras como sentimentais, mas enfim, é preciso provar de tudo, provo agora esta sensação de uma intelectualidade que me deixa um pouco confuso, como se fosse outro no que estou a ouvir, como se não quisesse ser outro, contente com a minha história feita fática de sofrimento. Mas agora até que sou sensível a esta guitarra desfibrando experiências que não me foram tão estranhas como se poderia pensar a uma primeira audição. Aliás o *blues* que agora ferve de felicidade chama-se *Blues For The Homeless*, sinto-me mais reconfortado, *homeless*, sem miserabilismos, fui-o muitas vezes na vida, em tantas partes da terra, em tanto descampado da memória, que nada mais me resta do que encaixar o que a realidade tem para me propor agora. Já se está numa outra canção, mas é como se fosse a mesma, como não há uma voz cantando tudo me parece um *continuum*, sons soletrando a passagem deste tempo que se esvai no consolo da sua duração. Que é feito de mim? A pergunta não me compele a respostas abusivas ou mesmo abstrusas, antes me propala para este lugar do ser onde se é por interposta estética, neste caso musical. Não, não me vou abandonar a reflexões, vou antes tentar sentir que um homem está a ouvir trechos de uma humanidade contemporânea. New York fica a dois passos. Sei que os

aviões depois do fatídico Setembro levantam alguns problemas a certas consciências, quantas vezes não atravessei o Atlântico como se estivesse a atravessar a morte, mas agora é-me mais fácil pensar-me metrópole onde uma sala de estar se reverte num bar nocturno onde gente de várias etnias gozam o gozo de viver ouvindo as lamentações da hora e da civilização onde estamos incrustados como futuros fósseis de ciências ainda por inventar. Estou nitidamente a inventar. Mas os *blues* existem, agora o silêncio cai no estarrecimento da sua derrelicção, que palavra tão feia para se dizer abandono ou queda na perda dos sentidos! Lá terei que me levantar, lá terei que colocar um CD no leitor que o absorverá e devolverá, mas não agora que escrevo este texto na tentativa de pensar o que me vai de indizível e de imprevisível na... (quanto me custa dizer, depois de tudo, do vivido como do experimentado) alma. Ficou dito. Mas foi uma concessão. Fiquei súbito como este silêncio, sem saber muito bem o que fazer, eu que nada mais fazia do que ouvir uns *blues* nesta tarde outonal. E agora? Bom, agora só me resta continuar. Mas qualquer coisa se perdeu, uma maneira de se ser homem, uma humanidade desperta no delírio da sua consciência, na absorção da sua desmedida medida som a som pelos instrumentos que configuram, ou desfiguram, a realidade das coisas que se imiscuem na sensibilidade de uma polémica que transcende o que se acende neste silêncio pervagado de irrisão como de destempero conceptual.

16-10-2003

## A OCUPAÇÃO DO TEMPO

Embora esteja a ouvir Guy Davis na sua versão quase trágica da canção de Bob Dylan, *Sweetheart Like You*, os sentidos presos ao susto ontológico e à beleza das situações humanas, por mais deprimentes que sejam, estou determinado a sair do apartamento, o sol a pedir-me uma espreguiçadeira de lona junto à casa onde uma piscina reflecte o azul do céu. Mas antes terei ainda que comer uma sopa onde bóiam pedaços de couve-flor, espero apenas que arrefeça o líquido. Hoje, para estar entretido, não descerei nem subirei a colina dos meus suspiros, hoje levarei comigo o livro que ando a ler, *The Errant Art Of Moby-Dick*, de William V. Spanos, que me

ensinou, via Heidegger e outros, sobre o que é ainda o ocidente e a sua ocasião actual. Terei tempo, espero, de meditar a vida minha como a tenho vivido nos últimos tempos, os acontecimentos e os percalços, os encontros, os desencontros e os reencontros com pessoas que se conhecem ou conheceram, a contingência também determinando o ser ou o haver dos passos que se dão quando... A atenção afasta-se da língua, ouço este blues de Guy Davis, *Watch Over Me*, e todo eu sou quem não sou, um arrepio transcende-me rito de nada e de ninguém, minha vida reflectida numa rima que me traz o tão famoso conceito de *repetição* de um Kierkegaard que já aqui faltava para que se completasse esta duvidosa erudição. A linguagem porética tem destas coisas, e das coisas dificilmente se poderá alinhar um conceito.

21-10-3003

## DROWNIN' ON DRY LAND

Sentado na espreguiçadeira, um livro na mão, ouço o restolho provocado pelo vento nas canas que se vergam em ritmos intraduzíveis, eu próprio sentindo-me intraduzível, embora o calor da tarde acaricie meu corpo num embalo quase metafísico, se isso fosse possível, porque justamente o livro que estou a ler é uma acusação, uma diatribe contra a metafísica do ocidente na sua procura de hegemonia e de império sobre o globo que não sabe como se defender das armas do capitalismo. Mas cansado da leitura, o sol atraíçoando-me em lágrimas os olhos que buscam uma solução para os males do mundo, levanto-me quase espreguiçando-me e dirijo-me para a berma da piscina, as águas límpidas, embora aqui e ali se possam ver folhas de canas afogadas no chão do lago artificial que mandei construir há já bastantes anos, ainda a casa não existia e tudo o mais era o que se denomina de horizonte, isto é, o verde da vegetação e o castanho da terra removida pelos tractores em certas épocas do ano, como, por exemplo, agora. Tudo está lavrado, só me pergunto para quê, pois a agricultura não existe mais no país, a não ser estes campos semeados de um feno que terminará seus dias em alguns fardos compondo estátuas de uma ilha que poderia ser da Páscoa, se houvesse um pouco de imaginação. Não há. O que há é a vinda furtiva de alguns ciganos das redondezas que em burros fa-

mélicos levam o produto de um suor que já não sei se é apenas retórico ou se corresponde a alguma realidade que não seja apenas da verdade a tão famosamente defendida *adaequatio intellectus et rei*. A mim interessa-me mais a verdade dita *aletheia*, esse desvelamento como me está a acontecer por acaso agora, observando o azul das águas e sentindo, sem ser como num sonho nem como numa outra dimensão do real, os olhos azuis claros da rapariga francesa que um dia, na livraria onde trabalhávamos, veio por detrás de mim e muito mansamente me apertou nos seus braços como se eu fosse capaz de ser amado ou houvesse em mim ainda um homem. Posso sentir o calor do seu corpo junto ao meu, e não é do sol, tenho a certeza, esse calor feminino que nos alcança onde menos se espera. Não teria mais de dezasseis anos, foi em Paris, era filha de proletas, tinha uns seis irmãos, não sei ao certo, nem sequer me lembro do seu nome. Lembro-me que casais amigos entravam na livraria para admirarem aquela beleza que se interessara por mim, contentes pela minha sorte, piscando-me um olho matreiro como se dizendo, estás feito, menino! Mas eu não estava feito nem era já um menino. Eu tinha medo, eis tudo. Medo de cair na condição proletária, medo de não poder suportar por mais tempo os salários mínimos com que nos brindavam. Não recordo se nessa ocasião já tinha ou não tentado, e como custa confessá-lo, um suicídio gorado, sei que aquelas mãos e aquele calor que tentavam reanimar um cadáver de assalariado não tiveram o condão de me trazer à vida. Autómato de mim mesmo, logo que pude encontrar um outro emprego, dar aulas de português numa escola de línguas (condenação a que nunca mais escapei, vá para onde for), me escapuli pensando que o fim da miséria tinha chegado. Foi quando ela, serena e séria, sem lágrimas nos olhos, como estou eu agora, fitando-me bem de frente, me repetiu umas três vezes, à espera de uma resposta que nunca chegou, cobarde que fui: – Je ne te verrai plus?!

22-10-2003

## A NOITE INEFÁVEL

A noite sem mais nada passa reduzida a alguma música, penso que quem canta é uma mulher do grupo Cat Power, o CD tem como título *You Are Free*, mas devo dizer que ainda não consegui entre-

gar-me completamente a este tipo de música. Parece-me que estão todos a morrer, e de morte já me basta a das baladas portuguesas que infestam e infestaram a estética e outros apêndices pátrios nestes últimos, pelo menos, cinquenta anos. Estou por isso mais triste? Não, afinal se eles dizem *Speak For Me*, que é a canção que estou a ouvir, eu falarei por eles e por mim sem resguardos maiores do que os da decência. Tem graça, estou a gostar desta canção, *Werewolf*, há ali um instrumento que me abre em afabilidades da errância ontológica, há uma voz onde a cadência traduz o ocidente etimológico onde sobrevivo tão bem que mal, como diriam os franceses. Que estou a fazer? Que significa esta escrita? Não faço a mínima ideia, e no entanto a ideia faz-se da prática que levo a cabo como se uma canção ou sucessão de canções pudessem ser felizes só pelo facto de existirem como algo que paira na noite onde coabitam com o silêncio que se pressupõe vital em qualquer círculo hermenêutico que se preza. A noite nasce súbita, só me falta estar à altura da sua desmedida.

22-10-2003

## OS CONTROVERSOS LIMITES DA DISSEMINAÇÃO

Não, não vou recomeçar pela manhã para depois inscrever no prazer de escrever o delírio da questionação, antes vou deixar-me levar nesta expansão da consciência que a música de Jacky Terrasson me faculta enquanto um piano e um baixo dialogam em acordes de um acordo que me é totalmente desconhecido. *That's it, man, that's it*, alguém diz depois de um trecho jazzístico que não me empolgou, mas enfim, o que é preciso é que haja música, já que do sol que deveria existir nem sinal, ou apenas ínfimos resquícios em ínfimos minutos que não dão para se absorver uma tonalidade afectiva digna desse nome. A vida decorre pois assim achada em vibrações musicais, que haveria a dizer agora do quotidiano, e que quotidiano aguentaria da língua difusa deste momento um momento de revelação? Ah, suspira-se em suspensões de um limite quase respiratório, mas esse suspiro desfaz-se como areia entre os dedos de quem não compreende a razão do universo ou do seu haver, ou do seu existir, ou do seu ser, se se pode misturar ao ôntico o ontológico, que é o que faço sempre que posso. Sempre que posso... Fica este frag-



mento de frase no texto que se intenta a toda a convulsão do esforço, a inspiração uma monomania lavada de qualquer conotação metafísica. Sim, sim, digo quase seráfico, quero sentir paralelamente a esta música uma nostalgia, mas até isso me está vedado, terei novamente que me expelir num «Que fazer?» que só envergonha aquele que escreve? A disseminação não é acção que se possa testemunhar de ânimo leve, a leveza do ser foi o que foi, propaganda e alguma publicidade... Como sair, aqui e agora, do dédalo, se já não existem dédalos capazes de dar ao mundo e à experiência do mundo uma figuração, uma imagem onde se pudesse comungar um degelo na memória do que parece ainda ser a sobrevivência da história como parece ter sido vivida no Ocidente? Ocaso do acaso este texto inverte o sentido de uma demonstração.

27-10-2003

## IR MAIS LONGE É FICAR BEM PERTO

Inscrito no frontão acima este disparate mais que milenário, só me resta agora estar à altura do que vai suceder nos próximos minutos desta escrita que se expande em vocábulos capazes de significarem mundos onde falta e falha justamente o mundo como o vivemos todos os dias e a todas as horas. O mundo de todos, quero dizer (se me for ainda possível), dos homens e das mulheres e das crianças... Não vou falar do desconcerto das nações, da miséria onde grande parte do globo está imerso, nem do mal do capitalismo, afinal as instituições estão aí para fingir que querem resolver os problemas das pessoas, na realidade sabemos que o interesse que faz mover os seus promotores nada tem que ver, de longe ou de perto, com o bem das populações. De repente, ignorando-se porquê, esta língua fica paralisada, não sabe como avançar, não sabe mesmo se continua a ser língua, o perto tão próximo e tão contíguo que até parece que o mundo deixa de existir, e que homens e mulheres e crianças são apenas invenções de uma pessoa dedicada ao lazer da escrita, ao pretexto de uma elucidação onde possa equacionar a experiência diária. O perto, o que se toca, é fogo, mas perdido pela intromissão da metáfora. Como resolver o problema que grassa no tumulto da materialidade onde nossas vidas cumprem destinos concutidos pelas peripécias de uma história que não tem mais origem nem fim,

esta hora seguindo-se a outra hora, este afazer dando-nos a ilusão de que se vive quando se sente, confusamente, que no fim só nos espera a morte?

27-10-2003

## CREPÚSCULO OUTONAL

Deste segundo andar de um imóvel ínsito numa urbanização suburbana, alguém, vindo à janela, descobre o fim do dia no reacender de luzes que transmitem não um desejo de sofrer, mas uma quase alegria vinda não se sabe de onde nem como. A vida não deixa de ser um mistério mesmo que se viva já no século XXI de nenhuma nostalgia, mas algo alaga seus tentáculos pela rua que se divisa de cima, pessoas passam e nenhum Cesário Verde está vivo para poder perturbar o sentimento que não se deseja mais do ocidente nem, por isso, de um ocidental. Luz dentro da sala de estar um candeeiro, ouve-se um *blues* que não interrompe a hora com sensações de estranheza, tudo parece viver de uma estabilidade que se apodera dos objectos, como se fosse ao homem junto à janela que coubesse a necessidade de se justificar. Mas não há justificação para a vida. Vive-se ao acaso do que acontece, acontece que agora até se sente um prazer paz, este substantivo adjetivando outro substantivo como se a língua agora empregue não obedecesse mais ao figurino de uma obsessão que percorreu a história da desmemória em tudo obscena, menos no seu imo. A rua é negrume e escuridão, o sono quase que desce sobre quem escreve, como evitar a proliferação do mal? Felizmente que a música consiste numa apropriação dos sentidos, entre o silêncio da rua e os instrumentos gravados grava-se neste momento arúspice, mas o adjectivo é impróprio, uma pacacidade que nada tem que ver com a ordem ou a desordem do mundo, mundo uma palavra que não prediz o que se pretende dizer da experiência histórica onde se vive aquilo que outrora era e foi um destino nas mãos da imaginação. Ele sente que o pensamento não pode nem sabe acompanhar a vida onde se respira levemente um estar, mas que fazer quando o gozo de ser é mais intenso que qualquer razão apostada na apoteose do pessimismo? Desviado da janela, porque entretanto a música acabou, dirige-se para dentro da sala mesmo que esse dentro lhe traga alguns engulhos da consciência,

afinal dizer-se qualquer coisa é já e sempre incorrer na deslealdade para com as coisas. Um outro CD cede ao momento o conforto de uma presença, quem toca e canta é um jovem negro, Alvin Youngblood Hart. Ah, se o sangue ainda fosse jovem, se ao menos a vida pudesse reter a vida de um segundo no ápice de um ilapso, se tudo fosse música e voz e luz, mesmo se do candeeiro que ilumina a um canto da sala! Ele ouve uma voz dizer *It's Alright, It's Alright*, mas o que está bem? Ele não saberia dizer o que de si é inefável!

27-10-2003

## A OCASIÃO DO SEU ACASO

*Blues* atrás de *blues* vai-se atrás da vida como se ela fosse alcançável ou apreensível, não é, para quê pois perder tempo quando a língua não dá mais de si do que o que lhe é possível?: esta relação arbitrária nem sempre compreensível, esta distância que nem sequer se assemelha a uma música. Mas está bem. Não me perguntem o quê. Está bem. Também o que seria ganhar tempo quando tempo é o que se esvai pelos dedos, agora nada mais nos resta que o que resta, ficarmos aqui no ritmo de um som, sentindo na sonoridade os instrumentos de uma ausência, a alma, enquanto lá fora o fora parece querer ser a realidade de que todos falam, sem saberem muito bem o que estão a dizer. Está bem. Não está nada bem, mas o que não tem remédio remediado está. É ouvir este trecho tocado por Ronnie Earl, *Heart of Glass*, e seguir a guitarra eléctrica em requêbros de sensualidade, que é um pouco dizer da contradição em seus próprios e impróprios termos, mas pode-se mudar o que é, o que já está, esta série de acordes acordando em quem se é qualquer coisa de indefinido? Embora seja afável o sentimento que se desprende da escuta dos seus meandros, um desfibrar aracnídeo. Seria agora completamente inútil introduzir-se o símbolo para se fazer dizer o dizer que nem sequer está a ser dito. Do que estou a falar? Da ocasião vivida, do que está a acontecer, apesar de tudo, até do fim da canção para que um outro *blues* irrompa na novidade da tarde que desce em escaninhos da verdade: *Blues for Shawn*, é o que é, mas vou perguntar quem é este ou esta Shawn? Vou ouvir o que estou a escrever, este acaso cujas consequências são obscuras, só espero naquilo que estou a fazer ser humano, só esse é o meu desejo,

embora me pareça agora despropositado ter escrito o que não quis dizer. Dizer, tem muito que se lhe diga, não, já pisei esse chão, essa estrada, quero agora empreender um outro feito, este facto inteligível mesmo se difícil de ser configurado como experiência. Vou fazer como Ronnie Earl, passo para o inolvidável *Catfish Blues* que ressoa em toda a sala de estar, estarei ainda disponível para sentir a novidade de uma recordação onde não falha nem o coração nem o sonhado em épocas da adolescência? A ocasião do seu acaso, que estupidez! Poderia estar muito bem a escrever um texto legível, canónico, canonizável, mas não, perco-me onde me acho, que mais tenho feito da vida senão perder-me onde me é essencial achar alguém capaz de me conter como um ser não muito longe do que se pensa que será o ser humano? A noite avançou e faz-se sentir no candeeiro aceso, em que lugar da terra estarei, que de mim sou eu? *Glimpses of Serenity*, o novo blues, e sereno como uma indiferença contradigo-me ao ponto de não ser música mas apenas a sua exposição verbal em laços de uma sensibilidade que procura estar à altura da medida que poderá devolver o mundo à terra, ou vice versa, se isso ainda for possível e desejável. Este *Blues of the West Side* faz-me lembrar que também eu vivi na América, e depois? Não vou indulgenciar em nenhuma nostalgia, chega-me o presente, o que acontece à volta. Às voltas com a língua encontro-me eu, desorientado, sem saber como acabar o que teve um começo, mas será preciso concluir, perfazer, completar o que quer que seja? *Song for a Brother*, gosto da ideia subjacente, não fico empolgado com o que ouço, há outras nomenclaturas na desrazão do inesgotável, agora debato-me com esta abstracção súbita, ah, a língua, a querer afundar-me no indeterminado, mas vou lutar, não me deixarei submergir por uma qualquer ideologia da época, se necessário for regressarei atrás, os passos estão por aí, no chão de areia onde poetas mais felizes já souberam percorrer a distância que vai do logro ao dolo. Felizmente que este *Anne's Dream* veio em meu socorro, agradeço, mas agradeço a quem? Um saxofone soletra palavra a palavra o que passa despercebido, o que passa despercebido é sempre a vida, de hoje como de ontem, ao futuro não reservo nenhum papel, basta-me viver este agora neste aqui, sempre ao acaso, sempre na ocasião que se abastece de tempo para surgir um momento de felicidade, o conceito tão recente que ainda inexistente.

## NO INDUBITÁVEL PRAZER DA NOITE

Horas talvez para se ir dormir, mas a sala apetece como quando nos apetece sentir que a vida é uma coisa boa fluindo pelo desdobrar do tempo. Não nego que uma certa música não se faz sentir, senti-la faz parte deste prazer, ser muito baixinho o som que ascende através do espaço em volta. As voltas que a vida dá, outrora havia a dimensão filosófica da demora, hoje há a dimensão humilde de um estar que se confunde com a impressão que se adquire só pelo facto do facto ser um efeito de uma presença. Há ausências, até do ser, mas não faz mais sentido sugerir-se que a palavra mundo não existe, e que se existe não quer dizer absolutamente nada. A noite existe como não poderia deixar de ser, alguém existe dentro e fora dessa noite como se na condição de existir houvesse talvez uma promessa, um compromisso, esta insofismável razão: a vida continua viva apesar dos sofrimentos e das dores, algo que não se pode evitar quando é de carne que se é corpo e de corpo que se habita a terra tão maltratada pela contemporânea vesânia. Já faltava o sermão! Subitamente triste deixo de fazer parte da noite, que língua será capaz de me manter sempre vivo, que discurso no percurso em curso que não seja apenas uma brincadeira? Fica a pergunta mal formulada, mas fica como um arremesso de uma preocupação que passa pela noite e pelo seu prazer, não haver aqui e agora mais alguém para que o amor pudesse ser vivido na sua verdade!

28-10-2003

## FROM EVERY SPHERE

Uso este título em inglês e não sou capaz de justificá-lo com razões que fossem plausíveis, deverei pois ficar triste por tão triste facto? Não me importo. Vou apenas tentar sobreviver neste tempo de que disponho, o tempo de um CD cujo autor me abstenho de mencionar. Não é por maldade, mas hoje não me apetece ser da música o seu caixote do lixo, *emissário* já foi uma estratégia quando Pessoa quis ser profundo, confesso que não estou interessado em qualquer profundidade, prefiro antes escorregar por entre as palavras como se houvesse uma malha, daquelas que não são sonhadas por nenhum Império. Não deveria ter usado aquele título, antes é tempo

para repensar esta obsessão que me põe literalmente a dizer versos meus tão antigos que até parece que houve, apesar das teorias medianamente vigentes, uma origem, um começo na irrupção do que foi a escrita que, história pessoal, se inscreveu como odisseia, palavra proferida para ser imediatamente rasurada. Qual ou quais esses versos? Ei-los: «Sem camena não sei como poetizar a vida, transfigurar o real em mito paradisiáco...», e logo depois, porque a memória também falha: «Meus versos são eivados de excrementos, elações desmedidas, desmedidos enganos...». Fico num estado entre o frenesi e o frenesim, escolha quem quiser a variante mais propícia, eu apenas catalogo a realidade vária da língua portuguesa. Tudo o que desejo, é uma aposta, ficar aqui por mais uns minutos, afinal devo dizer que a música ainda não acabou, canções fazem-se ouvir onde me faço ouvir, não é bonito este trocadilho que não chega a ser um jogo de palavras? Bom, eis que a tarde, porque a tarde existe, avança para o seu fim, uma luz ilumina já esta sala de esferas siderais, brinco, estarei realmente a brincar? Poder-se-á brincar com a solidão? A pergunta não deixa, já agora, de ser profunda. Antes dizer: «Sem camena não sei como poetizar a vida», e depois ficar calado escrevendo que fico calado numa experiência da sucessão onde o trauma, não o sonho, não anda muito longe. Ed Harcourt, o cantor em questão, tem mais sorte do que eu, pois canta que está a ver o sol a nascer, e eu acredito, como sempre acreditei no que os homens e as mulheres me disseram ao longo da vida, afinal não somos todos seres humanos, não devemos pertencer à mesma família, a família do... (e agora até que me inibo de escarrapachar o dilate) homem? O importante é que haja sempre música, já bastam os escândalos que pontuam o mundo de escabrosidades, os crimes que se cometem como se nada fosse, e mesmo que o nada seja, como é, não justifica, num gesto de poder, que se passem as medidas que deveriam ser da humanidade do homem e da mulher e das crianças que povoam ainda o planeta. Pena não saber música, não saber fazer canções, não saber cantar, como outrora cantavam os poetas do ocidente medieval e de outras paragens indesmentíveis. Talvez a vida fosse outra, talvez o outro tivesse alguma importância, embora, pela história que se conhece desde os primórdios da civilização, essa seja também, infelizmente, uma ilusão!

## O FORA DO DENTRO, OU VICE VERSA

Vice versa de mim escolho-me um homem nesta tentativa de escrita, a tarde não tarda a desaparecer na escuridão da noite, a noite não me preocupa, agora é que é agora, e agora não sei o que fazer ou dizer da minha vida, por isso escrevo devagar como um verme passajando o chão de uma aventura sem começo nem fim, embora haja por aqui morte, não só a minha como também a dos entes queridos que entretanto se foram para outras dimensões da realidade sem real, ou vice versa. Versos é que não há aqui, apenas estas linhas tentando fazer da fragilidade a razão para se estar vivo. Não se compreenda muito bem onde se quer chegar. Nem dentro nem fora, é o consolo, pelo menos é o que diz a teoria, mas, contemplando com olhos de ver o transporte da sensibilidade neste mesmo texto tecido de palavras, fica-se com a sensação que há ou houve algures uma inexactidão ontológica, como se a verdade e a mentira não pudessem mais fazer parte de uma simbólica moeda capaz de explicar o que se sente quando há em nós uma voz que deseja vociferar as meditações mais insuladas que jamais vieram ao mundo da literatura. Não se compreende o raciocínio? Verdade, aqui não há raciocínio, apenas este andar daqui para ali sem uma direcção, este acaso de ocasos que são outros tantos casos de uma casuística que se perde todos os dias que a civilização tenta a civilização. Tentar é um verbo feliz na sua truculência e ambiguidade semiótica, diria um qualquer crítico perdido na sua perdição, pois vos digo, não tenham medo do desnorte que por aqui passa, são só alguns minutos de uma certa experiência, a experiência da suspensão, a experiência do transporte, viver afinal tem que contar com estes arroubos caóticos, um pouco de loucura, digo, mas não me sinto nada bem a aconselhar quem quer que seja, peço desculpa pela sugestão que imprimi ou estou a imprimir neste texto, não era nada disto o que queria dizer, desejaria apenas afirmar a minha presença depois de tantos dias de ausência num quotidiano que nem é tedioso nem excitante, a rotina não me faz mais mal, o mal não me indifere como poderá parecer à primeira vista, melhor dar por concluído este arrazoado, mas como, se ainda não acabei? Enquanto viver suspenso neste transporte do dentro para o fora e do fora para o dentro jamais poderei inventar um outro conceito capaz de me trazer alguma paz! Ah!, estas rimas que se processam ao longo do processo por muitos

ainda pensado criativo, mas aqui nada se cria, tudo se busca, tudo se inventa, se a etimologia for o que se pensa que é. E o que é? Confesso, não saberia responder. Por isso, muito devagarinho, depois do remoinho, respiro cada segundo de ar que me entra em gol-fadas nos pulmões, por quanto mais tempo? O fora do dentro é o nome de uma canção inglesa, não pensem que estão uma vez mais frente a uma metafísica, aqui só há o desejo de comunicar uma certa energia, mas ei-la que se esvai espasmo de um espasmo, a redundância só redundando quando nada mais se espera da existência!

10-11-2003

## UM TÍTULO IMPROVISADO

Não que haja muita disposição para me depor no que agora mesmo estou a querer escrever, mas a tarde fez-se noite e estes dois candelários que iluminam a sala, mais os *blues* de Roy Buchanan, quase que me obrigam, no sigilo do segredo, a desfazer-me do medo para que a língua não seja a rotina de uma sensibilidade insensível ao... ao quê? Que acabei de dizer? Que escrita é esta? Estou como quem ignora por onde começar, começo no entanto é o que já aconteceu, aquele título improvisado advindo dos sentimentos que uma pessoa pensa sentir quando se envolve demasiado na promiscuidade do real. Na falta de inspiração é onde me encontro, ouvindo mais que vendo, o som acariciando-me como há muito mão de mulher não o faz, e não estou a criticar a minha mulher que diz amar quem de mim sou mais eu, eu que me desconheço totalmente, incapaz que fui ao longo dos anos de me inventar uma personalidade ou um temperamento adequado ao simples facto de se ser um ser humano. Esta música toca meu corpo como pluma no reverso do que outrora foi alma, esta música passa quase sibilando pela história de uma memória que se esqueceu de deixar anais, embora seja de todo inexacto o que estou a dizer. Afinal o que significam os livros escritos ao longo dos anos, afinal o que significam os anos que se viveram, afinal que se pode esperar de um *afinal*? Não se deve brincar com o fogo. O truísmo aceite aceita-se também a sabedoria implícita na sua asserção, que bom poder-se mesmo assim dizer as no-nadas que edificam em destino destinações imprevistas e muitas vezes improvisadas, a música e a luz caem sobre mim como uma



chuva argêntea, o adjectivo perdido na manipulação que agora se apresenta: sou eu quem escreve, mas este *quem* não possui uma substância, é um preconceito incapaz de atingir a noção ou o conceito, é, no fundo, um mistério, uma não-pessoa agindo quase de livre vontade, se faz sentido sugerir o que o sentido sente no seu íntimo como uma suspeição. A vida passa lenta como contraponto desta música que fere o ar com revérberos quase anatómicos, mas não estarei a exagerar? Ouvir e ver e sentir, eis a realidade do momento, o momento do real que vibra numa entoação impossível porque metafórica, mas quem espera da língua mais que a sua insolência ou a sua irresolução? Eu não. Eu apenas me limito a escrever o ser do que acontece, como sempre o fiz, como sempre o faço, desde que possa, porque não raras as vezes uma pessoa fica perplexa diante do mundo e da mudez da terra, o que não é agora o caso. Por acaso sinto-me melhor do que no começo deste texto pretexto para uma melhoria da idiossincrasia, a vida tem as suas regras e as suas leis, a vida que perpassa todos os dias pela consciência sem que se possa vislumbrar uma qualquer ciência, mas isso importa quando este *blues* me faz contorcer com um prazer quase obsceno? Estarei a gozar um orgasmo anímico? Mas como, se a alma é coisa que foi posta de lado quando o sofrimento sobrevinha na sua agonia de coisa desavinda e incompreendida? Oh sim, compreendendo-me *blues* no instante improvisado.

20-11-2003

## PEJORATIVAMENTE SEDUZIDO

Vozes de homens e de mulheres cantam epopeias do quotidiano, não sei se já o disse, repito-me contudo para que fique bem gravado nas mentes das pessoas que me lêem este encanto, esta maravilha, este quase arrepio rente ao que resta do meu corpo devastado pelas intempéries dos anos. Paro. Acho que perdi o raciocínio, ou o caminho. Regresso atrás. Descubro um solecismo que me arvora ao degelo da inteligência, afinal seguir as regras da gramática mata um pouco a inspiração, deixemos pois a língua estrebuchar na sua ressonância, também eu passei por solos escabrosos em épocas da minha vida, também eu sobrevivi aos cataclismos da demência, não tenho eu sobrevivido à inexistência imposta pela arte da falácia?

Ser ou não ser deixou há muito de ser a questão, mas a procura é evidente para quem quiser compreender o que é um ser humano tentando ser verdadeiramente humano, isto é, uma incógnita. Confesso que não fiquei satisfeito com a tentativa de explicação, metime por um caminho que obviamente não leva a nada, sofro agora as consequências, este súbito silêncio estarecido, esta paralisia que é uma forma da apatia que por vezes cai sobre quem não sabe se tem passado ou se advém. Só mais uma ou duas linhas, cicio-me em apogeu pejorativo da elação.

20-11-2003

### COMEÇO DA TARDE, A CHUVA

Enquanto Chris Rea desenvolve a sua emoção ao ponto de parecer um raciocínio o que canta, eu, impossibilitado de cantar (falta-me a voz, a mais de um título), permaneço na emoção de sentir que estou a sentir algo, qualquer coisa que se distingue perfeitamente do que se pensa que é uma coisa, embora me seja difícil explicitar o que está a acontecer comigo... Comigo, se quiser ser verdadeiro, há a sombra de duas mortas queridas, uma mãe e uma tia, e um choro que explode ao compasso das canções que estou a ouvir. Ser autobiográfico significa exprimir-se esta dor? Dói-me às vezes o mundo como se já tivesse desertado a terra, é uma estupidez, eu sei, sentir a existência desta maneira, mas que fazer? Daí que me faça rodear de música, dessas vozes capazes, às vezes, de me trazerem uma alegria que aproveito como uma dádiva quase... quase divina. Ou-sei-o dizer, para quê esconder as cartas, não há jogo onde se joga um... um destino. As palavras revoltam-se contra mim, talvez mereça este castigo, talvez, quem sabe!, haja razões onde não impera a razão, talvez minha vida não tenha sido verdadeiramente minha, mas de quem me iludi ao longo dos anos da juventude pensando construir através da língua uma obra que me elevasse a pináculos da necessidade de ser. Chris Rea, indiferente a estas curas do corpo, continua entretido a dar prazer, é prazer o que sinto quando propago sentidos que me fazem sentir a ausência dos entes queridos? A chuva cai num acervo de sons onde milhões de gotas se esborracham no chão do bairro adormecido, vivi outros países como se não soubesse ser um foragido ou um criminoso, fui-o, sinto-o, mas de

tal maneira que ninguém se apercebeu dos crimes perpetrados no conluio das horas. Regressei a onde não havia nem nunca haverá casa, habitar um mundo exige da filosofia uma outra tentativa de pensamento, pensar é coisa que me foge todas as vezes que quero abarcar um real até o transformar na realidade onde possa respirar um reconhecimento. Vivo pois de incertezas e de incógnitas, arfo até matemáticas do sentimento, luto é o que tenho vivido nestes últimos tempos, uma mãe e uma tia desaparecidas, eis o que não posso suportar: ser órfão deve ser um pouco o que pressuponho que estou agora a sentir, haver dentro de mim um oco que já foi eco de relações familiares e é hoje apenas a melancolia de uma chuva caindo em mim, em mim que estrebucho e escabujo no arrepio de uma sobrevivência. Sinto que minha mãe me chama num incêndio de chamas, tê-la bem perto de mim nada tem de real, é só uma irrealdade onde depaupera a solidão: *Sometimes I get so lonely*, é o que estou a ouvir. Afinal Chris Rea não é indiferente à minha dor, pelo contrário, dá voz ao mecanismo do inefável, sinto-me quase reconfortado pela humanidade de alguns seres humanos que persistem existir onde o mundo parece mais impérvio. Impertérrito, sigo-o quase caninamente, cada som uma casa, cada instrumento uma companhia, perdidas a mãe e a tia não posso deixar-me perder na perdição depressiva, viver é preciso, é esse o grito, o alarme, mesmo que chova, mesmo que dia a dia seja difícil suportar o sofrimento de um quotidiano sem razão nem perspectiva.

21-11-2003

## A VIDA QUE PASSA LÁ FORA

Digo fora como se só fosse possível este dentro, esta sala onde passo o tempo a ouvir música e a fingir que o que faço ou não faço é também viver. Não que não haja mundo e terra e gente, mas parece até que tudo já foi visto e sentido, parece até que o pressentido ou pensado noutras idades da história pessoal não tinha afinal razão de ser. O mundo lá vai em distorções da moral mais ignóbil que se possa imaginar, o capital comanda as naturezas humanas, destrói pouco a pouco a natureza do que era planeta ou terra, poucos se importam com o que está actualmente a acontecer. Tempo sem dúvida para o *blues*, é o *blues* de Chris Thomas King que ouço achado

nesta perdição dos dias, maneira um pouco triste de dizer que se falta uma realização de mundo onde poderia talvez coexistir a amizade que, com certeza, nunca caracterizou o homem. E assim, de ritmo em ritmo, de pulsão em pulsão, sente-se uma guitarra a gritar som a som gemidos intoleráveis, eu sem saber o que dizer ou escrever, ouvindo apenas esta confusão de sinais que abrem um corpo até ao mais inacessível recesso da psicologia. Como amo o que sofro! Mas não é estúpido proferir-se tal dislate? A vida que passa aqui dentro não será muito diferente da vida que passa lá fora, afinal ser ou não ser que significa? Com esta pergunta encalho no pensamento que não na emoção que me desafia a ser homem, eu sou um homem, não duvido, mas longe dos centros de decisão que decidem da minha vida como da dos outros. Uma pena esta incapacidade ou incompetência, há uma ciência, quem a domina é a hegemonia do dinheiro, não vou estabelecer as relações com o que poderia ser mas não é. *Cain, Cain, what is wrong with your brain?* Canta assim este *bluesman*, sua voz parece sair de outra voz, como se houvesse um eco prolongando-se sofrimento na foz de um encanto que me deixa arrepiado de confusão. Já foi tempo para se perguntar o que é ou deve ser um homem, as Grécias exploradas até ao tutano. Resta-nos agora, humanidade constituída de homens e de mulheres, passar pela vida como se nada fosse, biológicos elos de uma cadeia, embora se fale ainda de universo e dos seus berços. Pois bem, embalado nesta música indifere-me que haja ou não universo e suas galáxias, só o silêncio responde à pergunta que nem sequer já faço, só o silêncio silencia esta ausência de uma presença tão inútil como se viver para, anos depois, sejam eles quantos forem, se morrer num precipício do absurdo que colmatou nossos sonhos de outra coisa. Mas até a música me abandona neste momento, não me levantarei agora nem nunca para evitar o sortilégio da solidão com um CD. Afinal tenho família e amigos, gente com quem convivo, gente com quem troco palavras de uma língua mais premente que a própria língua materna onde se diz que se nasceu. Devolvo ao nada o nada que sou, a alegria abalroa-me num espasmo da inoperância, ser nunca significou nada, nada nunca ousou dizer o que lhe nascia como contingência ou outra qualquer coisa. Não sendo essa coisa sou agora mais do que nunca um homem que passa sem dentro nem fora pelo mundo da demora, viver, sussurro ainda e apesar dos anos, viver independentemente da destinação

vulgar que o mundo e suas sociedades nos reservam, viver até ao último minuto como uma música incapaz de se conceber ou de ter sido concebida por um qualquer autor de canções. Poderia aqui permanecer para sempre, detesto contudo a ideologia do *para sempre*, prefiro expelir meus sentidos pelo redor, o algar da estação que se vive é o que sinto, não faz mal, houve um sol que sulcou o céu, houve mesmo uma saída precipitada para a casa de campo, um falso alarme revelando-se falso, houve também uma ida ao aeroporto para levar uma pessoa da família a outros pontos do globo, ir e vir, ir e vir, é este o ritmo. Não sendo um *bluesman* como gostaria tanto de ser, sou apenas quem escreve e se contenta com a dor da existência, esta dádiva da dúvida, para que a aliteração faça algum sentido nos dias de hoje. E assim, de palavra em palavra, consente-se uma estadia que não é indiferente ao estado das nações e das noções, mas que fazer hoje deste hoje, como emancipá-lo, transcendê-lo? Tudo poderia ser diferente, teima-me em ciciar a consciência, concordo, mas onde achar um acordo que acorde os homens, onde descobrir uma solução para os males da humanidade? Arde num turbilhão de sangue o ódio que se semeia nas arestas do medo, não estarei a ser demasiado metafórico e a fugir à verdade do real? É o que agora me preocupa. Confesso, não aguento mais este silêncio. Levanto-me por uns breves segundos e vou colocar outro CD na aparelhagem. Conhecem, sem dúvida, Robert Wyatt. Pois bem, ouço um dos seus últimos trabalhos depois de décadas de olvido de um *Rock Bottom* que me achou em Londres, Inverno de 74/75. Este CD chama-se *Cuckooland*, não desgosto, a voz é a mesma, o homem é outro, a pungência que me atraiu outrora desaparecida. Moral da história: envelhecemos todos. Sobrevivemos, e ao dizê-lo faço-o quase como se o remorso existisse e não fosse uma invenção do ocidente. Há mesmo uma canção cujo título aparece em português, *Insensatez*, o Brasil vive de uma sedução secular, que querei dizer com isso? Não o saberia explicar. Ficou dito, deixemo-lo dito na voragem do tempo, passa o que passa, seria sensato da minha parte tentar descobrir o que não se desvenda? A sedução não tem limites nem razão, a beleza foi desde sempre um preconceito, não, mil vezes o *blues*, enganos não me prefiguram nem posfiguram, antes me desfiguram ao ponto de ser dor a dor que deveras sinto. Aqui não há fingimento. Nem nada de essencial capaz de urdir as consciências de uma qualquer ideia de valor ou de poder,

aqui vive-se dia após dia como quem sabe o que é um corpo, um dever, um sol que rodopia no firmamento, embora digam que é a terra que gira à volta do pensamento. Algo está mal. Mas quem quer ir ao fundo do mal, quem ousaria socorrer-se de uma batalha contra as forças que corroem a concomitância de um conluio? Não sei o que estou a dizer. Cansado, a voz que não possuo possui-me de derisões, quer humilhar-me até que a mediocridade seja percebida como um acaso da permanência. Não, não vou lutar como outrora o fiz contra a língua que me açambarcava a sensibilidade com ilusões de génio, prefiro deixar-me ir, flutuar na fluência, vagar no limite da minha presença, a música que ouço adquire mesmo *foreign accents*, nessa canção estou como quem, não compreendendo a existência, compreende que é um prazer fazer do fazer um lugar capaz de pressentir a temporalidade onde, esvaídos, percorremos a excedência.

25-11-2003

## VARIAÇÕES SOBRE A CONTEMPORANEIDADE

Fico perplexo perante este título de um texto que ainda desconheço, que hei-de escrever capaz de ilustrar tal enormidade? Olho para todos os lados numa aflição, vejo objectos e ouço alguns *blues* de Ronnie Earl. Onde fui cair! *I'm so tired I can cry*, e, na realidade eu quase poderia dizer a mesma coisa, se os motivos não fossem nitidamente diferentes. Não, eu sou eu, e se a tautologia vence vença quem melhor souber sair do atoleiro metafórico onde descambou e caiu. Eu vou fazer tudo para escapar a esta ratoeira, não é por acaso que dizem que sou um *survivor*, embora ache ridícula tal asserção. Não, sou apenas um homem que escreve os dados da sua humanidade, dia após dia, ou mesmo nem isso, que agora a energia falha, ou outra coisa, que me coíbo de revelar. Não que ame o segredo ou o oculto, mas a ignorância é um facto que não me deixa indiferente, tantas vezes gostaria de explanar em algumas palavras a perplexidade da minha estesia, muitas das vezes não o consigo ou por incapacidade ou por incompetência. A vida é árdua. Viver não é um rebuçado oferto por mãos amigas. Bem sei que há a música para soldar em consolação esta disposição para a catástrofe, que fazer quando nada mais se sabe fazer do que escrever o que nos aconte-

ce? O dia na sua truculência atmosférica, uma chuva menos que miudinha varre o olhar quando se vai à janela, haverá uma hora dada ou roubada à metafísica do temperamento? Houve já filósofos que pensaram que pensar se reduzia a trazer à linguagem uma língua, eu não os compreendo por pura estupidez, mas aceito as conclusões que parecem até, por vezes, fazer algum sentido. Sentido em mim ecludo como possibilidade do sentir, que emoção capaz de ser minha contemporânea?

26-11-2003

### CANÇÃO PARA UM SOL

Em poucas palavras soletrar um sol onde se possa respirar no fogo da sua ignescência. Com um pouco de música consegue-se mesmo vislumbrar o seu deslumbramento, este *seu* uma incógnita perdida na sua gramaticalidade, mas quem disse que era fácil sair de uma revelação quando não houve ínstase ou êxtase? Eis o problema. Fácil de resolver, porque basta tecer palavra a palavra a rede do discurso, e nessa rede deixarmo-nos deslizar como um raio que transforma o dia na sua luz mais nua. Nada de oráculos ou de Grécias mais ou menos clássicas, quem aqui respira é prisioneiro do século em que vive, embora do tempo se possam desarticular algumas teorias. Não é minha intenção trazer ao auge o seu apogeu, nem mergulhar no acme da desrazão, basta que quem escreva seja quem saiba ler os sinais espalhados pela calada do real. Mas onde está o sol que nos alimenta de falsas esperanças, onde voga o que vagueia pelo frio do universo? Fez-se noite e a terra é o que é. Não sei o que seja, digo-o assim para me iludir com tentativas de compreensão, não desejo porém enganar ninguém dizendo que já fui a um além: o sol solta-se no céu escuro da cura.

26-11-2003

### A OPORTUNIDADE DO POSSÍVEL

Noite, como há muito não a vivia, entre dois candeeiros que iluminam a sala de um estar que me transporta para sítios onde ser não deixa de ser um mistério cercado de rituais em forma de rotina.

Que faço eu aqui? Com esta pergunta estarei a insinuar, num breve lapso ilapso, que não pertença ao planeta como seria normal que... A língua desarticula-se como me inculca uma presença própria do que não existe de moto próprio, ser é mais do que isto, estar aqui na luz de mim mesmo e estar assim ouvindo-me na música que se faz ouvir por entre o silêncio daqueles que sabem dormir algumas horas de descanso? Não, não vou rimar dor com des pudor, a mim interessa-me muito mais o ritmo, o ir e o vir, este vaivém do corpo em sensual postura quase metafísica, se esta palavra não estivesse completamente desacreditada. Que resta ao ocidente inventar para compreender o seu ocaso como viragem, sabe-se lá para onde, se os ondas são os lugares pouco habitáveis de um tempo incapaz de se instituir época ou era ou período. A história falha na incomensurabilidade da memória, quem sabe o que sabe? E podemos confiar nos testemunhos daqueles que representam os poderes do poder? Ao menos na música da noite uma pessoa pode sentir-se uma pessoa, que mais exigir da incongruência que decalca a falência da possibilidade?

26-11-2003

## OUVINDO AS VOZES DO MUNDO

É como se estivesse aqui para sentir o pulso do mundo, todas essas canções exprimindo o bem e o mal que nos afligem. Que mais fazer do que consentir ser invadido por vozes anunciando anonimatos que não predizem nem a história nem a memória? Viver basta a quem vive! Parece um truísmo o que acabo de dizer, mas não será verdade? Eu presto contudo toda a atenção que ainda possuo, cada voz para mim é uma revelação da humanidade que parece por vezes faltar na neutralidade de todos os dias. Sei que se canta muito o amor, compreendo, a sexualidade foi ao longo dos tempos sublimada, quem ousaria ser do tesão o seu arauto? Que eu saiba só eu o descarnei ao ponto de viver uma biologia desprotegida de qualquer ideia de ideologia, afinal a paixão é um dado adquirido nas mentalidades ocidentais, pois bem, não há mal nenhum que possa vir ao mundo pelo facto de se ciciar um *amo-te* quando as luzes se apagam e a luz que resta é do sol que se esvai em festejos da ilusão... Felizmente que há reticências, prefiro pensá-las pontos de suspen-



são, a estranheza cai dentro de mim como se houvesse para além do amor outra coisa. E há, chamo-lhe amizade. Mas não a vejo espalhada pelos socos do mundo. A amizade é difícil, não advém da pulsão sexual que nos delimita, exige-nos no apogeu da outridade e do seu sofrimento, e quem quer sofrer o que sobeja de fereza no quotidiano daqueles que ainda são mais miseráveis do que nós próprios? Esquecer com canções de amor o que falta de carinho, outra chegou-se a falar de fraternidade, mas o que significa ser-se voz da irmandade que nos deveria unir? Não, é perfeitamente retórica esta pergunta. A terra deblatera em arrazoados que o capital faz de conta que não compreende, o mundo jaz na fome que o define, mas que ali é aqui? Aqui ouvem-se só as vozes de uma parte do globo, ali é onde impera a peste negra, atrocidades cometidas como se a cultura fosse isso mesmo, podermos-nos exprimir no ódio que o amor à pátria nos cauciona. Ele canta, neste caso, Robben Ford, e que canta? Justamente, *so good to love*. Posso, em boa consciência, estar em desacordo?... Claro que não, mas é uma pena não ouvir ninguém cantar que urge mudar o mundo. Este *bluesman* tem aliás uma canção que ainda não tive a oportunidade de ouvir, chama-se *Help The Poor*, que sentido fará quando a ouvir? Na ignorância do que advém advenho eu próprio no que ouço, no que penso e sinto, que mais poderei fazer? Tantas perguntas começam a embaraçar-me. O interrogativo como estilo nunca foi literário nem bom conselheiro, afinal as pessoas devem ser mais positivas, não é o que se diz? Aflito com o curso deste discurso vou ainda tentar dar-lhe a volta trazendo uma sentença que consiga concluir o que não tem aparentemente solução. Deixei de ouvir os *blues* que agem em mim como proliferações de estusias, como fazer coincidir este silêncio com o desejo de ser homem num mundo habitável? Não sei responder.

27-11-2003

## CONTANDO OS DIAS UM A UM

Tempo frio, sete graus, mas um sol radioso que me fez sair do apartamento para me dirigir à casa de campo envolta numa luminosidade que não me deixou ler o livro que levava. Junto à piscina, fixando os olhos fechados no sol que percorria pacatamente o sul do céu,

parecia uma dessas personagens que nenhum romance ousa ficcionar. Melhor assim. Não sei o que foi meditado. Em frente, a barreira de canas desfiguradas pelo Outono, verdes acastanhados ou acastanhadas folhas, algumas no fundo das águas azuis da piscina. Pouco vento, e o pouco que se fazia sentir vinha também do sul, pois podia ouvir as vozes dos homens que constroem mais uma vivenda junto à estrada. Que bom sentir o calor do sol no corpo cerzido de indiferença. E nenhuma dor. Apenas o calor dévio, se me posso exprimir assim, embora não seja esse, nitidamente, o adjectivo. Qual adjectivo para se apropriar desse calor? Não vou pensá-lo agora como não estaria a pensar quando senti em mim que uma pessoa se destacava de mim para melhor ser eu no prazer de uma carícia solar. Levantei-me e percorri, com os meus passos de homem mais do que adulto, o contorno da piscina, o vermelho da tijoleira na sua superfície refulgia em tons abissais. Que raio de língua é esta que me faz dizer o que não desejo dizer? Qual abissal, qual dévio?!: que estupidez! Os vasos de flores lá estavam, cada vez mais vasos, se me faço entender (eu não me faço entender, digo-o desde já, para que não restem nenhuma dúvida!!!), as plantas certamente surpreendidas com o frio, afinal não se está no sul da Califórnia. Foi já há tanto tempo, para quê trazer ao calor do dia o calor de outras paragens mais amenas?... Não saberia responder. Sei fazer perguntas, por exemplo, que necessidade senti eu de vir escrever quando estava tão bem a ouvir música? Mas essas três horas de sol merecem um texto, é meu dever, como sempre foi meu dever, trazer ao papel do livro que se escreve o testemunho do que, acontecendo, acontece como se nada fosse. Sinto-me deveras feliz por ter estado exposto ao sol, sinto mesmo que não é bem um sentir ou uma sensação o que passa por mim, esta passagem aragem de um vento que poderia muito bem ser, mas não é, da loucura. Abissal em mim mesmo sentei-me de novo na espreguiçadeira de lona e gozei cada minuto de vida que respirava, a experiência olvidável, daí que me apresse, ou tenha apressado, a vir contá-la, embora este verbo contar tenha muito que se lhe diga. Contando os dias um a um... Que pretendi dizer? E vale a pena perder o precioso tempo com explanações do imponderável? Kelly Joe Phelps canta pela tarde intuída e vivida sem um dentro nem um fora, percepciono-me quase como uma personagem de um livro esquecido ao sol de uma praia que não existe como praia, mas se espraia diante do olhar como um céu revigora-

do pelas nuvens brancas que o calcorreiam de apelos súbitos, como vir escrever um ser, ou outra coisa qualquer, desde que seja possível. O dizer efectivamente diz. Mas eu, que faço aqui, nem língua nem música, apenas a presença de que muitos duvidam? Eu solidifico-me ao sol de uma tarde que foi ainda de Outono.

4-12-2003

## NÃO SEI PORQUÊ O PORQUÊ ME AFLIGE

Não sei porquê, mas tinha que vir mais uma vez aqui, como se um convite me fosse proposto, sabe-se lá por quem, se há quem, ou se não é tudo apenas a ilusão de uma psicologia aflita. Para dizer este momento que se alça hora de mais um dia enublado ao ponto de não se bispar sol ou outra coisa capaz de o substituir. Claro que a música avança pela manhã em desmedidas da disponibilidade, não o nego, aliás não saberia desmentir este sentimento que sinto por tudo quanto seja som onde a voz brinca com os instrumentos vários que edificam um *blues*. Neste caso só há uma *slide guitar* a proteger, da fragilidade que nos consome, Kelly Joe Phelps. Viro-me para a janela e penso, eis a suburbana realidade, mas não vou mais longe na raciocinação. Sim, não digo raciocínio, trata-se de outra coisa o que pretendo ser no que digo, de um abrir caminho, como se fosse possível habitar uma língua que se perdeu nas linguagens do quotidiano vulgívago. Ouço comovido a história de um Tommy. Que ligação me une à miserável solidão do mundo? E porquê exprimir-me assim, como se houvesse perto um perigo, como se ao utilizar este giro frásico eu sentisse que nenhum porquê já é uma verdadeira pergunta? Falho, perplexo, na interrogativa.

5-12-2003

## O SILÊNCIO DO SILÊNCIO

Deixo o silêncio invadir o apartamento, o dia entre a chuva e o sol, a luz quase desaparecida se não houvesse, sobre a mesa, este candeeiro que luz quanta iluminação lhe é permitida. Eu sem saber como me deslindar da hora que se faz tempo, ou do tempo onde me encontro desde que fui vagido afogando a realidade do dentro. Dei-

xo o silêncio invadir o apartamento, deixo-me pervagar neste vagar da alma em que me desfaço e refaço, aço para nenhuma construção da realidade. Isto é só isto. Este silêncio silencia-me. Não há mais voz. Atroz, procuro ainda com as palavras invadir os ecos da experiência coeva, consigo apenas deixar no chão de um clamor as penas de um absoluto *há* que se desprende do verbo haver como se as amarras não fossem mais possíveis. Há, no silêncio em volta, um mim sem eu, ou um mim incapaz de paz. O exagero não é hiperbólico nem se tenta agora, como tantas vezes se fez ao longo da história do ocidente, dramatizar seja o que for. A língua não colabora. Perora possivelmente ainda uma razão na mente perdida na acção humana, que divaga? Nenhum segredo é mundo, nem mundo poderia ser um segredo. A profecia jaz petrificada num chão juncado de armas e de cadáveres e de promessas, as lágrimas proferidas ao longo da vida, os suspiros quando um ser se viu diante do espelho e não pôde mais reconhecer-se como um ser humano. Que fizeram de nós quem nunca nada fez ou faz? Onde sucumbimos? Onde as armadilhas impiedosamente abertas ao logro e à cegueira? Este silêncio sai de si e envolve-me de ecos, o que sinto é o que estou a sentir, estou a sentir alguma coisa? Falha-se sempre um destino mesmo quando não se falha a permanência de um sonho que nos sulcou em tempos idos, quando a juventude parecia viver de uma eternidade que hoje se sabe não ser verdadeira. A morte, não como mãe da beleza nem como acicate do sentido, acotovela-me em tergiversações caras aos meus sentidos, todo o meu corpo se deixa possuir pelo seu abraço, um mimetismo invadindo agora o que está aquém ou além das palavras. Olho estarecido o redor e vejo coisas que nunca ousaram ser objectos da economia tecnológica, a lógica nunca abundou por estas paragens, antes foi o caos que me soube lamber até ao simulacro de mim, um homem pede para ser acariciado, um homem deseja viver da mulher a sua quentura, fervura donde deveria surgir o apaziguamento de uma origem. Mas não há nem houve origem. Houve enganos mitológicos, incompreensões incommensuráveis, escorregadelas na ilusão, derisões tidas como cataclismos ou hecatombes. Deixo pois o silêncio invadir o apartamento, incapaz de ouvir a música que dizem celeste, mas capaz de sentir uma alegria tremeluzir no nada que me devolve à realidade desta experiência: ser-se sem aquém nem além.

## A EXPERIÊNCIA FALHA A EXPERIÊNCIA

Mal dormido, mal sonhado, mal vivido, só agora, cinco da tarde, me posso aproximar deste lugar tão outrora acolhedor. Confesso que ignoro por que o tenho que fazer, mas a verdade é que sinto quase como um dever vir dizer o que se passa ou não acontece na minha vida. Na minha vida o eco manifesta-se como coisa corrente, que dizer pois para que, escrito este delito, esta escrita possa vir a merecer uma leitura? O sol soltou-se num céu azul, saí de casa manhã cedo para ir ao supermercado, supermercadei-me com pouca coisa, três cacetes que quarta-feira serão devolvidos à forma nem sempre redundante de rabanadas. E depois passei a tarde fria do apartamento a traduzir o final de um artigo de um poeta inglês que, pelo seu conteúdo, me deixou ainda mais frio... Assim, mal dormido, a gata com o cio passajando pata a pata num despudor arreitado o meu corpo, dado a sonhos que não soube sonhar por isto ou por aquilo, vivido nesta pacacidade que me parece empobrecedora, aqui estou, como se fosse possível sugerir tal dislate. Se não estou aqui, onde estarei? Ou que restará de mim? Ouço, como sempre que ouço, a música de sempre, o *blues* é mais do que uma configuração da minha sensibilidade, o *blues* percorre o tempo como eu decorro tempo para uma escrita que se encontra perdida na sua desmedida. Não, nada de trágico se me antolha em frente ou atrás, são só os hábitos a fazerem-se costume, é só uma experiência falha que falha quer como experiência quer como acontecimento da minha vida. Da minha vida deixou entretanto de surdir o eco, estarei ainda mais empobrecido? Desejava dizer um sol e o seu calor, falar da pessoa que me acompanhava no carro à deriva, Eric Bibb, o homem que agora me diz o que vai pela América. De uma maneira onde se sente que há uma cultura que vem de outras épocas do ser, do ser-se humano e por vezes até religioso, como ele o é, se as letras das suas canções não são só invenções para convencerem os putativos fãs a comprarem a mercadoria. Estou a ser mau. Peço desculpa. É com prazer que pressinto na sua música o real como o desejaria mais viver, um real a toda a prova, um real apetecível, um real onde a realidade pudesse surgir no seu apogeu e no seu acme, imo larvar onde o eco de que falo fala por outras dissonâncias a consonância com, com... quê? Perplexo, pretendo voltar atrás, mas não sei se me é possível tal proeza, já que o tempo avança, já que a

música dança e balança numa orgia de manifestações sensuais ao ponto de apalpar meu corpo para ver se sou quem sou no que estou a escrever ouvindo. Estou em mim, felizmente! Mas a guitarra tece tais imbróglis da sonoridade, a voz debita tais razões, o ritmo desconhece agora como viver a rima, o passado passou, passa agora como um vento algo que se assemelha muito ao silêncio, um outro silêncio, se me faço entender. Claro que não me poderei fazer entender se é no silêncio súbito que paro, a vida, surpreendo-me, mal sonhada e mal vivida, a vida, e com um sorriso onde brota quase uma lágrima, vejo-me no carro a percorrer as ruas suburbanas da realidade portuguesa, sentindo-me tão longe de qualquer identidade, enquanto a gata, agora mesmo, agora que escrevo, lança lancinantes gritos de um chamamento que nada tem de estético mas muito, muito de biológico, se compreendo alguma coisa do que acontece no que sucede. Sinto-me bem apesar de tudo, apesar do nada que evolui ao meu lado tentando roubar-me ao fascínio dos *blues*. Vou resistir, não vou deixar-me levar pelas águas de uma qualquer aluvião psicológica, estou bem, estou bem, se o repito não é porque não esteja certo do que afirmo, é antes para acompanhar a música que sou no que estou a ouvir. Ouvir o ser sendo, diria outra, que direi hoje? Hoje nada digo. Apetece-me antes levantar-me e ir afagar a gata, que mais poderei fazer de verdadeiramente humano? Sentido assim o problema só me resta abandonar este lugar privilegiado, fá-lo-ei contudo com contenção, que raio de língua é esta que se insinua sempre como um tudo procurando a totalidade que me aborrece como ideologia estética e mesmo política? Veio até mim a gata, está ao meu colo, afago-a como tantas vezes afaguei mulheres que se deixaram cair na tentação da carne, só que agora me será de todo impossível satisfazer os desígnios que nem sequer são dom dos deuses: mal dormido, mal sonhado, mal vivido, sinto o calor deste corpo felpudo, sinto até que uma lágrima abandone meus olhos e caia meu rosto abaixo com um amor que se desconhecia. Já não lança gritos capazes de deturparem a música, agora sinto no seu corpo uma efervescência ruidosa, aperto-a, um coração batendo. Escrevo muito lentamente, um dedo em cada tecla, outro dedo percorrendo-lhe o dorso, e ela submissa, tão interdita como eu, à espera de quê? Que espero eu? Não, meu sangue já não percorre convulso os escaninhos do meu corpo, foi tempo, nem nada em mim me diz que vivo destes nadas, desta aproximação quase

ontológica com o que acontece e se faz contingência, um toque, um tacto, apalpo a língua em que descubro uma fala, a parede em frente branca no sem sentido de um horizonte que já não existe. Existe este eco, esta gata que salta por mim acima como se eu fosse uma montanha, confesso que assim se torna difícil escrever. Quantas mais palavras para deixar escrito este momento, quanto mais tempo de vida, da vida que se deseja viver? Enternecido estupidamente com a música e com o calor deste felino que se arvora ao pináculo da filosofia que nos delimita e inaugura, só espero que ela se acalme quando deixar de contar com o meu corpo, da minha alma não saberia falar, do espírito da matéria só me resta convir que a ciência terá ainda que descobrir muito do que ilude a humanidade. Ei-la que se afasta de mim, a música nula, o silêncio titubeante, como quem quer começar a aprender. Não me perguntem o quê, também não sei. Só espero que o sofá onde se abriga o animal lhe dê o conforto que agora eu próprio não sinto, algum frio nas pernas e muito mistério na linguagem das coisas. Das coisas de que sou apenas o tributário.

22-12-2003

## NA NOITE EXPLODIDA A ANUÊNCIA

Este frenesim, esta angústia, esta escuridão algures em mim, que se passa? A noite calma, as luzes dos candeeiros acesas como pontos pontes para o outro lado, que lado existe aí que me consome e consuma ao ponto de não ser capaz de viver uma paz duradoura? Que homem me vive para que não seja quem sou? Que vida é esta que me tortura a fogo lento? A vida é boa, a vida é boa! A música, mesmo a estas horas altas da noite, faz-se ouvir, por que não me ouço no que mais sou eu? Uma placidez ávida de linguagem distorce minha existência, não é a morte o que a sorte me propõe, é antes este dilúvio de nada, este sortilégio do avesso, o berço incapaz de paz, a paz cerzida num lodo onde quem me dilacera acera a língua para que não possa sentir o ar que respiro numa lentidão confrangedora: ser é uma tautologia, perceber isso dói como se uma lava lavrasse em mim o lume de uma desesperança. Mas dança diante de mim esta coisa que não é a solidão, esta coisa inominável, esta queda que me alcança onde menos sou por ser do ser o que resta

em palavras. Sou eu próprio um *blues* mastigado pelo tempo da descoberta, que descubro eu? Que o mundo emundado pela minha presença não passa afinal de uma anuência onde nenhum nuto alberga um silêncio absoluto, mas apenas o luto de uma ausência que me abre em perplexidade: *la pénultième est morte*, escreveu Mallarmé. Minha mãe aflora como uma presença de uma casa antiga onde nunca pus os sentidos, pago agora com a minha vida a vida que lhe tirei quando a afoguei em preocupações.

22-12-2003

## A IGNORÂNCIA NÃO IGNORA

Pudesse eu ao menos dizer em língua de hoje o que me atormenta, pudesse eu resolver num ápice este sofrimento que lavra no meu corpo. Ignoro de todo como me obedecer. Sinto um rastro que é lastro de coisas volvidas, não sei visionar o alcance da vida que consumo em afazeres da sensibilidade. Haverá uma idade para tudo? Que tudo é este em frente? Faço de conta que não ouvi a pergunta, afinal o que é um destino e seu acaso? Destinado a não compreender o que é ser ou não ser escrevo paulatinamente a dimensão contemporânea da ânsia: saber que não se pode ignorar o que nos espera hoje ou amanhã ou quando a fatalidade quiser: morrer não tem nada que se lhe diga! Mas viver dia após dia não adia esta quase relutância, a náusea com que se enfrenta o conhecimento. Não é pois de *unknowns* que se tece em perspectiva a memória de uma história humana, é do saber que se vai morrer que arde este fogo queimando a consciência. Nada há a fazer. Dizer não obedece a nenhuma estrutura da matéria, só quem se ilude com outras dimensões ousará sorrir do que nos espera: ser do que se foi um menos que nada, ser do que se é um *mais* que ignora onde começa e acaba a verdadeira vida: se na morte, se no viver.

23-12-2003

## MANHÃ DE DEZEMBRO

Descia no automóvel a caminho do terreno, antes de chegar à Ribeira de Sintra, desta vez acompanhado de David Sylvian, amigo



que me fora apresentado por um outro amigo. Cantava-me ele que, apesar do *cold December sun* que realmente fazia, eu deveria *Let The Happiness In*, assim numa voz de quem não quer a coisa, enquanto eu sorria que sim, pois claro, por que não?, conduzindo com calma o veículo que me levava à casa que se levanta no horizonte de uma costa banhada de azul feliz. Antes ainda me perorara sobre certos poetas, dos que sonhavam com anjos, não deixando eu de perguntar o que é que eles veriam, pergunta que não obteve resposta. Mas o momento não era para cepticismos. Preferia antes, patético não sei porquê, sorrir deliberadamente feliz pela manhã fria ser abençoada com um sol solto na imensidão do azul que foi, ainda há pouco, adjectivado de *feliz* sem uma razão plausível, mas que é uma palavra que ultimamente me obsidia ao ponto de a introduzir em qualquer oportunidade que me surja, como é agora o caso. Caso para pensar se eu não tenho, apesar de tudo e também, os meus anjos. Vir ver tem sido, desde sempre, a minha actividade no mundo e nas relações circunstanciais que o formam e reformam, uma outra subtileza despercebida por todos aqueles que não conseguiram vislumbrar nesses dois verbos o nó de uma outra sonoridade apontando para *viver*. Só ou acompanhado, lá vou eu guiando o automóvel pelas estradas sinuosas do concelho, ouvindo sempre aqueles que se querem fazer ouvir. A natureza é este verde que não é nem pode ser visto pelo leitor, mas não faz mal, tenho a certeza que se podem trocar experiências, o verde é um universal, e a ida para o terreno não ultrapassa a aventura matinal de quem precisa de fazer alguma coisa que tem que ser feita impreterivelmente, terrivelmente preso às solicitações da realidade, o que em si é bom, sobretudo quando tudo o mais se desfaz em língua.

23-12-2003

## A ACALMIA, AUSÊNCIA DO SER

Esta acalmia, esta calma, esta pacacidade, este corpo desprovido da sua habitual materialidade, que se passa comigo? Que quem ou que quê vive em mim, em mim que mal consigo articular um som? Soa pelo começo da tarde, o sol lá fora, a música de um CD que me foi oferecido no Natal, Philip Glass tenta não sei o que fazer com a música de David Bowie e de Brian Eno, *Heros* é a primeira das

duas sinfonias. E eu, que detesto até às fezes a ideia de herói, não posso deixar de dizer, porque seria mentira, que não sou sensível a esses sons que não me fazem lembrar nem de Bowie nem de Eno, mas sim de uma vidraça deixando o lúcido sol entrar nesta parte de mim que perdeu o nome com as andanças pelo mundo. Esta acalmia não se deve à música que estou a ouvir, é qualquer coisa que me persegue dia após dia nos últimos tempos. Sinto-me quase levitando na inconsciência do universo, incapaz de definir o que me acontece, como se houvesse neste estado uma ameaça que espera apenas o seu momento de explosão. E no entanto não consigo sentir nem dor nem sofrimento, vou à deriva pelos meandros do tempo, um corpo procurando o seu espírito, um nada nadando no nuto que prodigaliza sem muito bem saber a quem ou porquê. Ignorância não é pois, desta vez, uma ânsia, é um silêncio quase voluptuoso, é como esta música que agora me acaricia numa blandícia que foge de todo às convenções da civilização em que vivemos. Vivemos ecos de acontecimentos sem princípio nem fim, vivemos sobre e sob, sóis ardendo solitários na imensidão do sentimento ocidental, de redundância em redundância, de catacrese em catacrese. Não há nenhuma catarse neste inesperado catar-se da nomenclatura mamífera, há apenas a passagem temporal dando azo a que uma língua se transforme na dança de uma mudança. Sim, muito intimamente, muito vivamente, danço, dancei noutras ocasiões da vida, mas agora este requebro de mim em mim é quase como uma aventura a negar-se repercussão na cultura actual da terra, para quê perturbar os outros com o nada que nos edifica até aos limites do céu? Para quê introduzir na consciência alheia áleas de uma estranheza que não absolve nem resolve os problemas quotidianos em que sobrevivemos? Antes fazer de conta que nada acontece, que hoje como amanhã serão dias e que dias nada mais são do que sucessões de tempo prosseguindo o mistério da existência sem que haja uma iminência ou um delírio. *Neuköln* é a passagem que estou a ouvir. Que deixei de ouvir do que se perfilava em mim como um pensamento tentando sair do raciocínio ou tentando regressar onde não há regresso? Já escrevi outrora, porque me lembro, a palavra egresso, mas que assonância seria capaz agora de decifrar o que nada tem de uma cifra? A vida é o que é, o truísmo não deixa por isso de ser menos verdadeiro. Sinto, não sei porquê, que esta calma é também verdadeira, que esta acalmia acalma-me, que esta pacacidade

pacifica-me, sendo.

30-12-2003

## A ILAÇÃO DA ELAÇÃO

Manhã nem tão cedo como isso, isso querendo dizer que já passam das onze e meia, não significando contudo este sol que pondera sua luminosidade nesta parte da terra, apesar de tudo, abençoada. Sol, sol, sol, repeti-o tantas vezes, sem dúvida tendo aprendido a lição de Jim Morrison, mas agora nem preciso repetir para que ele, o sol, surja no horizonte da minha disponibilidade. E o cantor é outro, chama-se Chris Whitley. É uma tentativa de compreensão ouvi-lo cantar uma versão da canção de Bob Dylan *4th Time Around*, que não me desagrade. Novas gerações geram novas interpretações do real, o real é que não muda, ou melhor, se muda é naquilo que não tem interesse ou importância, falo do capitalismo que conduz imperiosamente o fado do ocidente, e de suas subsequentes sequelas. A mudança, a... e nem sei como adjectivá-la, pois não gostaria de empregar o termo *verdadeira*, por gasto e ter perdido com o tempo qualquer significado, é sem dúvida coisa muito complicada. Exigiria... Não, não vou enveredar, qual sábio ou visionário, pelo sermão ideológico, mil vezes vir junto da janela para gozar este sol depois de dois dias entregues a um nevoeiro e a uma não menos aborrecida morrinha. Faz frio, mas não estamos no Inverno? Ilação a tirar: nenhuma tirada porética vai introduzir em ziguezagues alógicos ou ilógicos ou mesmo lógicos o auge da elação que se eleva, ilícita ou elícita, como manifestação de uma emoção perdida na sua exclusão do pensamento contemporâneo. A solidão não é música que se goste de ouvir. Entre a música de Chris Whitley e o sol de ninguém, aqui estou eu, um homem, à janela, sem que o símbolo perturbe a singela simplicidade do acontecimento. Não mais o poeta ou o herói das tradições ocidentais, que ocidentes houve-os muitos, basta conhecer-se a história do sol poente, mas um homem, feliz por estar vivo apesar de saber que milhares de homens e de mulheres e de crianças morrem pela vasta terra sem que se considere isso obsceno nas civilizações de um globo onde o mundo é ou um acidente ou mesmo um incidente incapaz de se emundar do mal. Do mal, como da morte, não se pode falar. Pode-se tentar erradicá-lo com acções,

procurando chamar as consciências à ciência de uma convivência fraterna. Este sol matinal que agora ilumina o apartamento jaz num azul que é e foi e será com certeza céu por muitos milhões de anos, senti-lo no rosto, no corpo, senti-lo até fazer dele uma música que nada tenha a ver com os vários instrumentos inventados pela humanidade. Elação elícita da música e do sol, esta vontade de viver a vida como uma possibilidade para todos.

2-1-2004

## O PROBLEMA DO PROBLEMA

Enquanto estou aqui sentado deixo-me, indevidamente talvez, embalar pela voz que sobressai dos Lambchop, embora a música tenha também a sua estranha magia, substantivo que agora me irrompe depois de tantos anos de uma abstinência completamente incompreensível. A manhã vai alta, quero dizer, é quase meio-dia, a mulher ainda em casa em afazeres de almoço, preocupada com a minha dieta, com a minha saúde, com o meu bem-estar. Eu agora não me preocupo com preocupações, mesmo sendo, como penso que sou, em figura humana, esta escrita que se escreve, não para dizer o clamor do mundo ou a exorbitância da terra, mas muito simplesmente para não dizer nada, já que a música soletra em quem a ouve cosmos inalcançáveis, experiências inexploradas, efusões fraternas. Parece que Hölderlin, poeta e filósofo, há muito perguntou, em alemão, é claro, mas agora devidamente traduzido para inglês: *Is there a measure on earth?*, respondendo com um taxativo não. Enquanto que Werner Marx, filósofo mas não poeta, tanto quanto sei, e passadamente contemporâneo, tendo uma opinião diferente, afirma que sim, que há uma medida na terra capaz de fundar uma ética não-metafísica. E eu, que ouço esta música e esta voz, aqui onde o espaço é tempo, pobre mortal até mais não ser do que o que estou a viver ouvindo, ignoro totalmente o sentido abstracto ou concreto do que se pode entender por *medida*. Quanto à terra, já tive algumas ideias sobre o assunto, quanto ao mundo, que poderei sentir dele que não seja este indefinido estar sendo como homem? Fico-me pois pela voz e pela música.

2-2-2004

## OUVINDO O QUE O OLHAR NÃO OUSA VER

Ontem à tarde, o sol dardejando quente sobre o meu corpo cansado de um Inverno infindável, ouvia quase sublime de mim mesmo Ute Lemper a perder-se e a achar-se na canção *Scope J*, dez minutos que, devido à tecnologia de hoje, se repetiam e repetiram em várias audições obsessivas pela tarde fora, o mundo do consenso nada tendo que ver com o que via através da grande portada dirigida a um sul que me oferecia o verde das canas próximas como as frondes de um bosque de pinheiros mansos onde as rolas parecem ainda fazer os seus ninhos desprotegidos da barbárie infligida pelos caçadores que infestam estas paragens em tempo de caça ainda consentida pelas autoridades do país. Assim mesmo, nesta ânsia linguageira e precipitada onde meu corpo cede o ritmo à apologia do tempo que sucede quando passa pelo olhar a brisa quase inexistente, existindo contudo nas folhas que se afogam, muitas vezes, nas águas dormentes. Ouvi essa canção onde um piano dialoga com a massa sonora de uma sofreguidão de coisas ou de alma, vá-se lá saber! Sei que senti a tragédia na dramática maquinação dessa voz prerrompendo como uma catástrofe, *the russians are going, the russians are going*, antes que um tumultuoso som, construído possivelmente por toda uma orquestra, não surdisse no horror da experiência. E essa voz, meiga algumas vezes, cava e cavernosa outras vezes, diluiu, sem no saber, todo o sol que inundava a tarde.

4-2-2004

## NADA MAIS RESTA DO QUE RESTA

Agora é a manhã que se solta no sol de um dia auspicioso. A música sobreleva emoções e multidões de sentidos capazes de fazerem parte de um destino sem tino nem inteligência, só que a deixo exprimir o inexprimível de uma comoção com a profunda insensibilidade que me recolhe ao que me tolhe: esta passagem sem ultrapassagem do tempo, esta visão sem mundo, este mundo de coisas como haver um apartamento e nele viver uma família que se consome no alheamento de uma coisa nada mais ser que os objectos que circunsonam uma outra música tão essencial como a que se está a ouvir. Ignoro o que estou a dizer escrevendo na manhã cedo, mas esta

ignorância não me dilacera em lacerações abrasivas, esta ignorância tem nome, nomeia-se e nomeia-me homem de hoje. O importante é haver sol e haver a vida que se vive com um carinho que se funde com o cuidado e com o sentido de fazer do agora um verdadeiro agora, este difuso nada que é ao mesmo tempo um espaço onde se pode habitar a existência de uma história pessoal. Nada mais importa que este nada, a paz de uma extrovertida zona da música da personalidade. Resta dizer que não se trata de restos o que nos resta viver. Resta sentir no sol que se solta a razão de uma vida que reclama por mais vida.

4-2-2004

## A NOITE NÃO MENTE NEM DESMENTE

Título estranho o deste que vai ser texto mais ou menos porético, mais ou menos perdido na dispersão dos dias, mas que fazer senão aceitá-lo assim tão comovido como uma dádiva vinda sabe-se lá de onde, já que aquém como além não passam de coordenadas metafísicas. Gostei. E não desgosto do gosto que pressinto no que sinto, a noite deixa quase de arfar para eclodir como coisa de que se pode ciciar num sorriso não só elíptico como absurdo. Escrever agora é como merecer um tempo inexpugnável, é uma maneira quase infantil de resumir em palavras a experiência de uma delimitação no seio da dor. Dói-me não ser mais do que o que sou, e o que sou não se perde na ideia que se poderá fazer de um homem. A noite nada quer dizer do destino que se absorve como uma ferida aberta na mão, a noite persiste no que existe, é uma rima na monstruosidade da experiência que se quis humana e é agora apenas o desleixo lexical de uma consciência. A noite sofre do mundo uma terra por nada mais ser que natureza, mesmo se conspurcada pela vesânia que grassa na indecência de uma ordem social que procura no lucro a essência e o ciclo da corrupção. Não mente nem desmente o que sobra do sentimento de culpa que galvaniza a falta de soluções para os problemas do mundo, mas a noite de que falo só faz parte da terra, não reconhece a cegueira que transpõe as limitações do humano, a estultice cada vez mais cadavérica onde se engendra a morte para um qualquer futuro. No nocturno silêncio onde uma língua se reconhece como despossuída reside contudo a paz da estupefacção,

*Que fazer?* deixou há muito de traduzir uma pergunta, *Nada fazer* é a resposta que incendeia a noite. Mente a noite quando não desmente a riqueza que parece aliciar regiões vastas do planeta, dói não haver para o sofrimento humano uma denúncia, milhões e milhões de homens e de mulheres e de crianças jazem putrefactos em factos narrados apenas como estatísticas do cálculo e da tecnologia. Escrever é uma maneira de se desmerecer a vergonha que nos anavalha o corpo, saber o mal não coincide com a medida de uma mudança que não se anuncia. Tudo na noite emudece, mudo sol incapaz de alvorecer, horror e terror, a tragédia contemporânea fervendo no remoinho de uma devastação onde nem a alma nem o espírito nem o corpo conseguem compreender-se como entidades inventadas adrede para se resolver o problema: ser-se humano não deveria ser uma brincadeira nem uma panaceia ávida de propaganda ou de renúncia. Jaz morta a noite na noite despedida.

4-2-2004

## NEVOEIRO POUCO PROFÉTICO

Ontem à noite, por volta da meia-noite, depois de deixar alguns amigos em Gouveia e Fontanelas, ouvindo Lucky Peterson nos seus arrazoados *bluesy*, o automóvel a uma velocidade cautelosa, já que o nevoeiro era mais do que muito, um pouco mesmo indefinível, vinha de regresso a casa como se o sonho fosse realmente possível e nele o voo não se pudesse reduzir muito simplesmente a um símbolo que, explicando tudo, deixa de fora o mais importante: essa experiência de um perigo pairando como uma catástrofe quase iminente. Daí que agora esta sintaxe se ressinta ainda de tão inesperada atmosfera, uma terra perdida no seu vapor, os faróis dos carros circunscritos escritos no horizonte como uma fantasmagoria ainda capaz de um século dezanove. E eu, para dizer a verdade, vinha intimamente contente, alegre, direi mesmo, álaçre, pois não acredito na seriedade dos sinónimos, e daí que cada palavra seja um farol furando o nevoeiro com uma luminosidade inusitada. Como explicar esse contentamento? Era porque o perigo se tornara, de tão palpável, quase evanescente, era porque a vida vivida assim não se compadecia com o clamor de uma medida humana, era porque não havia realmente a possibilidade de uma resposta autêntica? Indefini-

do eu próprio no eu mesmo em que me sentava ao volante, todo o ser se realizava sendo, todo o tempo se desfazia em espaço, todo um homem se comovia no movimento.

9-2-2004

## NÃO É O LONGE O MAIS LONGÍNQUO

Não, não mais dizer como outrora, ir, ir sempre em frente, sempre além, sempre dando um passo onde não existiria um chão ou uma via, foi tempo, antes permanecer na impermanência do lugar, mesmo que o pensamento pareça paradoxal. Não, não, nem alguém nem além, este aqui chega-me sobejamente, tem que me chegar, é o que me digo, e daí que escreva agora com a displicência de uma disponibilidade que conheceu as vicissitudes da passagem do tempo. Escrevo quase feliz por poder dizer que é noite e que na noite onde evoluo há uma sonoridade em surdina (os vizinhos não permitiriam desvarios melómanos), uma música que passa quase despercebida, de Britten, extrapolando um *War Requiem* oferto CD por pessoa mais do que amiga no dia do meu aniversário. Não, não posso dizer que estou a ouvir o que estou a ouvir. Poderei dizer que estou a escrever o que estou a escrever? E fará sentido tal pergunta? Vozes na noite escura, cuido que de muito longe, mas que longe é esse que se abeira tão precipitadamente abismo do precipício da linguagem? As guerras continuam, os homens e as mulheres, é certo, continuam homens e mulheres, fará sentido estar-se aqui, quase feliz, a escrever uma ignorância que desce do mundo e não se afunda nas profundezas da terra? Paira como eu paio um silêncio aterrador, mas não é do sofrimento nem da dor, som da ausência em ausência vive este presente.

9-2-2004

## OS DESVELOSO DO PLAUSÍVEL

Agora sim, não há desculpas plausíveis para não vir escrever o que estou a ser, se estou a ser mais do que o que sou, isto é, um ser de tal maneira humano que seria um abuso tentar sustentar uma diferente opinião. E o que sou? Um homem, sem dúvida, mas nesta



aparência impertérrita da inexistência da dúvida divide-se todo um pensamento. Que sei eu do pensamento? Que sei eu de mim? Ou desta canção onde o Bruce Springsteen de hoje fala de um paraíso? *I search for the peace in your eyes*, canta ele, e eu não sei se me deva comover ou se não, que sei eu dos olhos, e ainda por cima das mulheres, essas amadas que habitam essas canções feitas de propósito para se criar uma emoção e um arrepio? Estarei a ser demasiado injusto? Ou inóspito? Que queria dizer, para lá da feitura de uma música que sempre perspectivado como cura na escrita, quando comecei há pouco a escrever? Aí reside o problema. Como resolvê-lo, é um outro problema. E não se trata de tautologizar a língua de todos nem a memória que me deveria ocupar ou pertencer. Ignoro o que desejava ser ao escrever *agora sim, não há desculpas plausíveis*, ignoro, agora mesmo, se é ainda um problema o que se espria aí de linguagem onde a palilogia parece querer dominar o momento de aflição, não só verbal, como também ontológica.

16-2-2004

## A TARDE RETARDA CONSECUTIVAMENTE

Um sol mortiço amortalha a tarde desperdiçada em tempo, nada tenho que fazer, e desse nada ponho-me a escrever o que a língua do momento me permite dizer ou pensar que posso dizer... Estou como estou, não é uma asserção perigosa nem enigmática, mas é, apesar de tudo, como este sol que reaparece, uma asserção. Ainda por cima quase filosófica, já que poética não poderá mais sê-lo. Selo do eterno foi como a quiseram em tempos idos, à poesia, agora resta a quem escreve, e faz-se de conta que sou eu, uma linguagem porética, este porético adjectivo que lanço sobre a substância das coisas até ouvir ou pressentir que um toque é uma carícia na mão que já não transfigura mais a terra. Pudesse-se ao menos refigurá-la na casa de todos os dias, mas os acontecimentos mais ou menos políticos não apontam para o cuidado ou para o carinho, antes desejam possuí-la capaz de lucro através de tecnologias que se apropriam do que outrora foi a ideia de ciência. Que fazer? Resta-me escrever que vivo, que amo a vida, que ignoro até quando se poderá habitar o veneno que debitam as fábricas e a vesânia dos capitalistas. É triste a lucidez? Translúcido o sol soerguido no azul do céu perde-

se névoa sabe-se lá de que neblina, dizem que o clima muda, dizem até que da terra nada se sabe, um pouco como eu nada sei do que sei. A tarde retarda consecutivamente, a vida passa nem achada nem perdida, a música que pairava deixou de se fazer ouvir, agora é no silêncio das coisas que se respira um corpo tumultuando de palavras e de sentidos, que fazer dos sentidos que o corpo nos oferece em tardes emancipadas, que fazer da tarde senão este breve apontamento?

16-2-2004

## A MÚSICA NOSOMÂNTICA

Embalado pelo *Sea Change* de Beck que perpassa quase aracnídeo pela manhã desgovernada pelo poder da neblina, escrevo comovido o movimento de um vazio que outrora teve nome de alma. E não posso dizer que sou infeliz ou feliz, antes posso conceder a quem me quiser ouvir que é assim, neste clima algo encantatório, algo incandescente, onde não sou capaz de sentir o mar e muito menos a salsa mudança que o título do disco pressupõe. Mas sou, isso sim, capaz de amar esta música, nem triste nem alegre, mas antes densa, densa como um pensamento que procura livrar-se das sensações do momento. Os críticos dizem-na nostálgica ou mesmo melancólica, lacónica seria o adjectivo que pespegaria à música onde os sons protegem a fragilidade da voz quase incompreensível. Eu passo mãos como uma carícia de mãe pela juventude das palavras cantadas, não que sejam proféticas ou mesmo fundamentais para o futuro do mundo como o conhecemos, mas exploram experiências de experiências no êxtase de uma manifesta manifestação. *It's all in your mind*, diz ele, eu compreendo o violoncelo que pervaga, mas não concordo com a ideia nele implícita. Nem tudo acontece, infelizmente, na nossa mente. A realidade vive da relação com o real, o real nada tem que ver com o que se sente ou não se sente, com o que se pensa ou não se pensa, o real é, como diria um qualquer filósofo, imperceptível, logo, inalcançável, sem dúvida devido à disponibilidade célere da passagem do tempo como da existência do espaço onde um corpo racional, embora sempre balbuciante, evolui. Mas não faz mal. O que importa é importar estas canções, estou quase no fim do CD, *Ship in the Bottle* é um adeus sempre enterne-

cido, ouvi-lo é mais do que uma compensação, é um dever quase escatológico, não, não compreendo onde fui buscar tal adjetivo que persiste em me abalar com razões desconhecidas, prefiro entretanto imbuir-me de uma canção que acrescentei ao CD pirateado, chama-se, estranhamente ou não, *Strange Invitation*, e é um prazer ouvi-la dentro de mim como no fora onde o mundo se faz mundo. Sim, é um estranho convite o que faço neste preciso momento a mim mesmo, se não puder ser, por razões obscuras, a mim próprio. Mas dura apenas alguns minutos o que deveria ser talvez eterno. Que fazer? Melhor levantar-me e recomeçar tudo *anew*, como se diria em inglês, essa língua nem mais bela nem mais expressiva que todas as outras. Já tive também ilusões, hoje sei que tudo se vale. Melhor assim, ao menos não haverá discriminações, o que já não é nada mau.

17-2-2004

## MANHÃ TÃO CEDO

Manhã tão cedo que o cedo dissolve-se na manhã como uma realidade da consciência que não reconhece a consciência da realidade. Estou bem, estou bem. No céu enublado não perpassa nenhum destino que me fosse possível, é só a imensidão que do universo nos esmaga com um esplendor incompreendido. É só estar-se vivo e sentir-se no que se vê ou ouve que nada faz sentido, e que esse nada não coincide com nenhuma linguagem conhecida. Estarei definitivamente perdido? Acho que não. Enquanto a morte não sobrevier a vida achará sempre motivos para que seja vida, a vida vivida sabe-se lá como, este *como* algo de incógnito, uma dissonância para a falta de emoção que se sensibiliza perante o facto de a manhã ser cedo no que cede de escrita e de disjunção. Mas já algum sol ilumina as fachadas dos prédios vizinhos, o silêncio não é infelizmente nenhuma música, ouço apenas o ruído do teclado onde evoluo saltitando como animal passando por um pântano misterioso. Haverá ainda a possibilidade de um cântico ao sol nascente? Quem não me permitiria ousar descobrir na existência das coisas a maravilha que poderá apenas resumir-se a um vocábulo por demais usado em épocas diluídas no passado? Que significa ser-se livre? Que significa ser-se humano? Que significa estar-se vivo? Olho desmedidamente

apático a soltura do sol enclavinando-se na terra que acorda, *que fazem os homens?*, perguntaria Hölderlin. O tempo das perguntas é finito. As respostas abundam em formulações científicas, enchem por isso o coração das pessoas que se levantam para mais um dia de trabalho?

20-2-2004

## A ENERGIA DA INEXISTÊNCIA

Não sei verdadeiramente o que ser quando não sei o que escrever, algo de impossível falha e fere, o quê será sempre uma incógnita. Abro os olhos e tudo parece ser realidade e mundo, aceito essa existência como quem veio de outras paragens do universo na exploração de um mistério longínquo. Que faço aqui? Meus olhos sentem que tudo poderia ser diferente, até esta realidade de todos os dias, até o mundo. Mas é na inexistência de um futuro que sempre vivo e respiro, daí a sensação de uma mentira quando vou, homem de hoje, na multidão onde me misturo. Preciso disfarçar quem sou no que sou, levanto-me e deito-me, tenho um trabalho mais ou menos periclitante, abrigo-me no silêncio de um sol que se solta quase absoluto como uma casa adusta ou completamente vazia. Não, não irradio nenhuma luz no que escrevo, antes absorvo a mediocridade vigente vingando-me assim da vida que me obrigam a viver neste planeta perdido para qualquer meditação. Vou como os demais pelo menos que a civilização oferece, sorrio do disparate que dispara falas como políticas onde se organizam as nações dos deserdados. Inexisto como quem conhece a morte na perdição de uma vida avulsa, como quem debita uma exilada canção.

20-2-2004

## OURESSA BLUES

Estou como quem não sabe estar, ser alguém é quase compreender que existo pelo simples facto de não saber onde começa e acaba aquilo que poderia ser eu. A tarde chuvosa e enublada, cinzas quase possíveis empestam a atmosfera de tristeza, que morte é esta que não a reconheço? Que sorte não foi tentada? Este é o *Ouressa Blues*

que nunca pensei escrever ou mesmo cantar para poder vivê-lo na plenitude de uma acção de graças. Que estou a dizer? Que acontecimento perigoso ou fatal inacontece, que partida do destino não se cumpre no que afinal se cumpre como uma inadvertência? Olho absorto e abstracto o acto simples de viver o que respiro, de onde veio esta tristeza, de onde surgiu como uma língua estrangeira esta dúvida sem sentido? Ouço guitarras e vozes de outros *blues*, em todos sou e me encontro, um naufrágio da consciência que não me abandona mesmo quando sinto tão perto de mim a morte que me alaga de insubstância. Não, não é a minha morte que alardeia o declínio de uma sensibilidade, gente da minha família padece a velhice com que se finda uma aventura humana. E eu sinto que vivo essa morte pouco a pouco em ressonâncias ávidas de asco e de absoluto, sinto que sou eu quem perece num leito mortal, afinal o que significa ser-se uma família? Incapaz de responder caio na chuva que cai, no cinzento do fim da tarde que se aproxima da noite onde teremos que habitar um abrigo na luz de um candeeiro pleno de alacridade. Não saber o que sentir não é solução para nada, muito menos para justificar esta hora tão desmedida, mas o *blues* que transporto dentro de mim solta ais de uma incomensurabilidade tal que a língua em que escrevo atroa obscenidades sem idade, sensações onde o corpo quase irreconhecível dói uma dor caligante. Canto, canto, mas esta canção não me alivia do sofrimento nem salva quem, por viver e ter vivido, se perde na perdição de uma terra e de um mundo, canto como quem não sabe fazer mais nada, como quem não se reconhece por nunca se ter conhecido. A noite instala-se imponderável neste bairro onde convivo com os homens e as mulheres contemporâneos, as cinzas húmidas caindo de um céu apodrecido. Vejo apenas o que me é dado pressentir, mas o que sinto, dentro de um fora que outrora foi magnífico por fazer parte da rotina da alegria, desfaz-se agora numa tristeza intraduzível. Eu já não sou quem fui. Eu chovo tão naturalmente que é da morte dos entes queridos que não admito mais vida onde ponho meus passos vivos. Não querendo ser quero viver as suas mortes como outras tantas vidas incapazes de transfiguração ou de concretização efectiva. Ser é um mistério, viver ou ter vivido nada mais é que uma estranheza possível.

## A INDISTINÇÃO ONTOLÓGICA

Tarde de tal modo inexpressiva que me sinto quase obrigado a vir aqui, a esta eclosão da linguagem, expressar mesmo o que não sinto, e é tanto, e cai tão profundamente no que se é de uma humanidade incompreensível como é a nossa. Há contudo esta cadência, não é nem chega a ser música ou ritmo, é uma coisa de que dificilmente se poderá falar escrevendo agora o que da hora foge como uma luz incapaz de iluminar. Mas não importa. Não se pode contar com nada, nada há aliás para além do que há, esta tautologia, se salva o pensamento, não deixa de ser magra consolação para quem pretendia preencher a tarde com arremedos de uma filosofia onde houvesse um método e uma nomenclatura. Para quê? Pergunta extemporânea, apresso-me a concluir, pergunta contudo tão contemporânea que não vale a pena escondê-la de aflição ou evitá-la ferida de cataclismos ou de paradoxos... A vida parece ter deixado de ser o que era, uma fala, um dizer, há como que uma maldição na acção da escrita e do pensar, há mesmo, poderei sugerir, um mal-estar onde outrora houve a alegria ejaculativa de uma emissão não só ontológica como também pujantemente carnal.

1-3-2004

## A AFLIÇÃO DO MOMENTO BANAL

Continuar, é o que me cicio em momentos como este. Não é nenhum vazio que me fará calar, não é nenhuma falta de sol que me acabrunhará ao ponto de esquecer que sou ainda um ser humano. Não é nenhum silêncio que me fará ser o que não sou nem quero ser. Mas quem sou eu, na perplexidade dos amplexos, para poder definir barreiras e contornos quando o espaço é apenas uma dimensão dos sentidos que se embotam no frio de um Inverno que teima em residir no que deveria ser apenas uma passagem? A passagem dura e é na duração da hora que demora o enigma de não haver nem uma solução nem o desejo dela, escrever parece que já foi viver, viver poderá ser o que nunca foi vislumbrado ao longo de séculos de especulação? Especulo-me espelho para nenhum real, será isto a loucura de que discutiam os antigos pensadores, será este o transporte da sorte que cabe a uma existência sem realidade? Quem

ousará viver, por um segundo que seja, ninguém? Quem ousará ser esse alguém num corpo sem substância, numa mente que mente, numa consciência obsidiante? A casa e os objectos da casa, o relógio que não bate as horas, as horas que são feridas da própria carne, que martírio é este, e qual o seu profundo significado? Ser ou não ser não é pois mais a questão: o que está em causa é o efeito do facto que é viver-se num deslizar do mundo para o qual não há presença nem amor!

1-3-2004

### A LEVIANDADE DA LEVEZA DO SER

Jimmy Thackery deambula pelo *blues* como eu deambulo pelas palavras, cada um no seu mundo, ele numa América onde vivi, eu num país que ele nem conhecerá. Desconhecer não é um mito nem uma emoção, ouvir é e será sempre uma aventura, esta ida a locais de uma ancestralidade futura, sem que esteja a falar do presente. Este saxofone no *Blues Dog Prowl* brinca com uma guitarra irreconhecível, alcançarei por acaso o que se passa agora que a música percorre imperturbavelmente os meus sentidos ancilosados pelo frio que pervaga em todo este apartamento? Quisera ser uma guitarra nos seus acordes extáticos acordando o mundo e sua indefinição, mas não passo de um homem que nem sequer tem para vender um *Blues for Sale*. Ouço, permaneço ouvindo o que não sendo já fui, sem dúvida o ser do que se é é mais evidente que qualquer cepticismo de uma intelectualidade que se fundamenta apenas na inteligência e na ciência dos sentidos corporais e outros. Este *outros* deixa-me um pouco lívido, de que estarei a falar quando não pretendo dizer nada? Ou quando pretendo dizer o nada? Sentindo, sempre sentindo, como o faço agora, em que a sentimentalidade de um *Dangerous Highway* me abre num sorriso que poderia ser de pai para o filho, ou de marido para a esposa, isto é, elaborando um contexto familiar que, por acaso, não coincide com o momento que estou a viver, de solidão ou de isolamento, que é a sorte que a todos cabe embora nunca cabendo na compreensão que fazemos ou posuímos das coisas que nos são mais importantes. Solução: seguir passo a passo esta música que eclode na tarde como um salvamento, eu o naufrago, mas isso realmente importa? Direi que não. Estou

aqui e estou a dançar como um louco ao som deste *Never Enough*, já ouvi tantas versões desta canção, o que a fará atrair para que sejam às dezenas os *bluesmen* que nela se entregam com um denodo inaudito? Vá-se lá saber! Sim, estou mais calmo, teria que o estar sujeito como estou ao encanto do *Blues 'Fore Dawn*, embora o amanhecer não possa coincidir com o fim desta tarde. Gozar, gozar com todo o corpo o desfibrar de uma impossibilidade como a alma, afinal ainda gozamos de uma consciência, mesmo se dela não reconhecemos mais do que o reflexo do mundo que nos entra pelos sentidos dentro. Fora é o que se sabe, melhor nem falar, aqui e agora é o momento da alacridade fecunda, eis pois como as palavras se fazem sons e os sons música. Não é um *blues* o que aqui escrevo aturdido de tanta confusão, mas deverá ser, sem dúvida, qualquer coisa. Qualquer coisa de bom. Do bem já nem falo, quem saberia dizer hoje o que significa esse conceito esvaziado pelo tempo? Não, nenhuma catacrese salvará o mundo do mundo, nenhuma terra será apenas um planeta errando no erro eterno do universo, versos são coisas do passado, notas musicais são coisas do presente, esta memória vibra como uma luz oriunda da imensidão do incógnito, a matéria, o espírito, o que quiserem, desde que seja música e música perdue nos *blues* que perpassam como matéria sem contenção da presença nem contensão da ausência.

1-3-2004

## A CONTEMPORANEIDADE DO QUOTIDIANO

Quase três e meia e eu aqui diante do monitor à espera que se faça esperança o impulso que me trouxe aqui. Circular o pensamento não circulo pela língua como coisa que se possa fazer, sentir seria o desejo, mas sentir o quê? Este *quê* deixa-me num estado próximo do desespero. Espero. Olho em redor e vejo os objectos desta sala onde me encontro sem me procurar, saber quem sou deixou há muito de ser uma prioridade. A prioridade é ser capaz de sentir um sentimento que me alce aos conluios da história pessoal, mas só sinto o frio que invadiu o apartamento, embora lá fora parece que faz sol como quando se diz que se faz qualquer coisa de útil. Não estou a ser preciso. Isto é, sou preciso para que possa estar aqui, não fui preciso na linguagem que empreguei. Aí é que reside o problema,



no verbo empregar. Mas não vou diluir o pensamento numa razão especulativa, deixá-lo desempregado no mericismo do mesmo, a hora devora qualquer tentativa de pensamento, eis pois o que me resta fazer: esperar, esperar... Ouvindo Patricia Barber a gozar jazisticamente com os filósofos e as especulações deles obscuras, o que aconteceu ao mundo para que se possa tomar uma atitude tão radical? Já nada é como nada foi – estarei novamente a ser profundo, ou remeti-me apenas para mais uma banalidade? Que se pode dizer hoje para que seja tomado a sério o que se diz? Ignoro. Não ignoro contudo que, ínsito no real, espero com denodo que algo aconteça, algo de excepcional, uma mudança do mundo, um mundo capaz de mudar.

3-3-2004

### A INDIFERENÇA EXEMPLAR

Deixo-me pois embalar nestes sons sensuais para quem escreve, porque a aliteração tem que ser, ou deve ser, cumprida, afinal a retórica sobreviveu a todos estes séculos, por que não continuar? Sei que também dizem que houve cortes ou saltos, alguns até mesmo epistemológicos, como também terá havido mudanças de paradigma... Eu, que nasci e vivi, e sei que vou morrer, só tenho visto, pelo que aprendi e estudei, miséria e sofrimento ao longo dos séculos. Agora mesmo a terra, denominada de globo em políticas do dominante capital, vive ou morre na fome e na doença de milhões de... poderei ainda dizer, seres humanos? Sei que não é fácil lidar com a natureza ou a condição humana, como não é fácil escrever-se um texto sobre a injustiça que impera mundo (há uma nuança agramatical, espero que sentida, quando não digo *no mundo*), ignoro contudo se sei o que hoje significa, em termos genéricos, saber ou conhecer. A indiferença é a lei. A cegueira não tem limites. Ontem ainda os homens eram *ocos* segundo poetas consagrados pelo limite e pelos preconceitos da cultura vigente, hoje os homens como as mulheres são apenas, e como dói dizê-lo, e como dói constatá-lo todos os dias, seres indiferentes num mundo cada vez mais esperado, e daí cada vez mais desesperado...

3-3-2004

## IMPREVISTO IMPREVISÍVEL

Doem-me os olhos por estarem incrustados obsessivamente na noite, doem até me perder numa perdição em que deixo de sentir quem sou onde estou ou quem estou de onde sou, se não houver uma mera incompatibilidade de sentido no que acabo de proferir . A mente quase explode, a consciência ignora se mente, felizmente que não se vive no desleixo nem na ilusão da metáfora, mas doem os olhos como dói qualquer coisa onde outrora houve um dentro, onde outrora houve um fora, onde outrora houve um espaço capaz de conter do ser uma passagem, um fluxo, um fluido, um... como dizer o que se abstém de ser dito? A língua mais uma vez arfa, sinto-a palpar no olhar que não lanço em redor, a dor é tão grande que permanece simplesmente no silêncio da noite como um silêncio nocturno incapaz de significar o que quer que seja, seja o *que* do que quer, seja o *querer* de qualquer poder da vontade. O pensamento talvez um pouco abstruso, concordo. Que fazer? Doem-me mais até do que os olhos, doem-me as sensações afins que deveria estar a sentir, as emoções onde o corpo se mistura ao tempo soletrando a incompreensão de um destino humano. Dói-me a vida como me dói a morte. Doem-me na noite convulsa minha mãe e minha tia desaparecidas, dói-me meu tio desaparecendo, dói-me até à exaustão a dor de doer enquanto a vida vive e a morte não pode ser morta. Não sinto a solidão. Sinto a falta. Um enorme vazio é-me agora alma e não sei como preenchê-lo. Fui outrora criança, sou hoje um velho, que serei amanhã?

16-3-2004

## VOLTAR ATRÁS É IMPOSSÍVEL

Tenho que vir aqui mais vezes, digo-me quase que na ebulição de uma emoção que me é desconhecida, tenho que vir aqui e permanecer aqui neste calor da língua, neste apaziguamento do espírito, tenho, tenho, repito-o à saciedade, o *blues* ouvido tentando corroborar meu autoconvencimento extemporâneo, tenho que durar neste tempo feito duração, se quiser, como quero, viver, viver muitos mais anos, isento de dor e de sofrimento, isento de mim, se isso for possível. Não será possível. Não será possível. A manhã enevoadada,

embora haja resquícios de um sol nas fachadas dos prédios vizinhos. Quanto preciso do sol, quanto preciso da música! Meu corpo sem saber como ser, meu ser sem saber como proceder, minha vida sem saber onde há vida neste turbilhão de sensações que me assaltam em intempéries de nada. Não, não mais este nada que me envolve e devolve ao horror da solidão terrestre, sou um homem, não me esqueço de ciciar, sou um homem como toda a gente, vou como os demais pelas sendas do possível, porquê esta dor tão aguda no corpo, porquê ter que sofrer o mundo quando do mundo pouco mais resta em mim do que a distância ideal de uma ideia abstracta que nem sequer se realiza? Deixai-me, obsessões de hoje como de ontem, quero viver, quero viver ouvindo e vendo o que se passa à minha volta, quero ser um homem simples e comedido, não me digam que voltar atrás é impossível!

17-3-2004

## SEM ENERGIA

Mas terei a energia para escrever onde parece não haver mais ser nem nada, onde parece que um esqualido vazio se apossa da memória e a memória se desfaz poeira de uma maldição em que não se pode mais acreditar? A vida indecifrável, os dias caminhos que não levam a nada, o tempo um mistério sem solução, o espaço circular onde se evolui numa prisão livre de entraves, para que a contradição não se contradiga. Que fazer da vida? Como vivê-la viva? Como passar de um aqui para um ali com a satisfação de sentir que estou a passar, que evoluo, que cumpro, senão um destino, uma destinação capaz de determinar a cada passo o peso de uma profundidade? Não posso contar mais com a terra devastada ou com o mundo corrupto. Tudo são homens e mulheres e crianças, dizem-se sociedades contemporâneas e eu rio-me, que foi feito do sonho de um mundo melhor? Deploro o sofrimento de milhões e milhões de vítimas do capital, sinto vergonha por nada ter feito de radical e de conseqüente, de que vale deblaterar o horror de mortes esfomeadas na doença endémica e assassinadas pela mais recente tecnologia, se ninguém se importa com o acontecido, com o que acontece neste preciso momento? Até a própria língua não sabe lidar muito bem com o problema: o horror que presencio é a indiferença de popula-

ções preocupadas com as prestações mensais dos seus automóveis ou dos seus apartamentos: apartadas é como o capital deseja que elas sobrevivam: sem energia.

17-3-2004

## O DESCONHECIDO É SILÊNCIO

Tão perdido nesta deterioração do tempo, tão desmedido nesta íntima demissão de si mesmo, tão controverso frente ao sol-pôr, um homem desconexo em que a língua não mais significa um mais nem uma perda, mas antes uma falta, falha terrível onde a emoção se comove sem que por isso se salve uma ideia de passado ou de futuro, ou mesmo de presente. Sol na tarde frouxa que declina pelo campo, o olhar divisa através do horizonte o azul de um céu indiscutível, as canas em frente balançam suavemente perante uma brisa que estremece de um medo desumano como aquele que sente no corpo. A vida não é mais a vida. A morte é agora um facto indesmentível. Não chora nem há nenhuma lágrima que ouse descer pelo seu rosto envelhecido, só há o sentido do sol solto na iluminação das vidraças como achas onde labaredas de fogueiras desconhecidas apontam para o desconhecido. O desconhecido é silêncio, súbito. A dor não lhe dói nem no peito nem na alma, há um ritmo, a respiração, alguém vive, alguém é algo em que se pode amarrar como náufrago no delírio de uma morte. Que foi feito da alegria? Do contentamento? Que memória se eclipsou no remoinho dos acontecimentos? A escória dos dias sobe como poeira de uma memória, tudo foi real para que não possa agora haver sombra de realismo! Só há do tempo fumo e deterioração, só há de si a demissão de quem não compreendeu o que é a vida.

18-3-2004

## A RELAÇÃO COM O FORA PERDIDA

A tarde alonga-se mortiça no céu enevado, aproxima-se imperceptivelmente a Primavera. Sentado diante do nada, que é sempre qualquer coisa, ele fixa seus olhos nas canas espectrais de movimentos previsíveis, como se a natureza fosse um estado mental ou

mesmo consciência de alguma coisa. Nada lhe balança na dança dos sentidos, há um estranho mutismo ousando murmurar murmúrios abstrusos, que é feito de quem foi, que foi feito de quem é? É um homem, e no entanto não está seguro. Que aconteceu para que o ser lhe seja assim? Ignora. A hora que devora o tempo e devassa o espírito encontra-o num corpo indefinido, que contingência deixou pois de ser histórica? Há qualquer coisa que está mal, mas que mal ainda poderá povoar os poderes imaginantes? Debaixo do azul do céu, frente às canas frementes ele permanece nulo como uma inexistência, uma fala, um vazio, uma violação das leis da natureza, um homem onde falha a hominalidade, um ser humano onde a humanidade se abandonou ao delírio de outra coisa ainda incompreensível. É dor a tonalidade afectiva que paira pelo corpo, é um sofrimento excruciante ser o que sente sem que realmente sinta ou possa dizer que está a perceber o que deveras pensa que sente. A relação com o fora perdida. A relação com a terra perdida. O mundo nada mais é do que o que é, cinco sentidos abertos, talvez não despertos às sensações exteriores. Perde-se o sol no horizonte como uma bola perdida no seu perdido fogo, perde-se o céu enevado no olhar de um homem enublado, quanto se ganha com a vinda da Primavera?

18-3-2004

## UM INACONTECIMENTO COMO ESTE

O nada para dizer transforma-se no nada para sentir, o nada para sentir advém o nada para pensar, o nada para pensar não sabe como sair deste dédalo, só eu sorrio por ter conseguido, mesmo assim, transformar esta noite numa coisa dizível. Porque é noite, porque a luz dos candeeiros nesta sala dão à atmosfera uma esfera quase feérica, não porque haja a fantasia de antanho, mas porque o realismo de hoje se arvora com a desenvoltura de uma cultura capaz de traduzir em paz o desconhecido como também o desconhecimento. Onde estou? Não, não é uma pergunta metafísica, é só uma pergunta. Onde sou de tudo isto que me rodeia e parece ser mundo, coisas do mundo, mundificação da consciência desperta? Não sei, ignoro. Não ignoro a noite nem a luz que brota dos candeeiros em pontos estratégicos da sala. Nunca serei luz, nunca serei um ponto estraté-

gico. E como isso é bom! Meu anonimato é um acto de esperança, esperemos que alguma dança venha animar esta noite, senão feérica, pelo menos visitada pelo esplendor de um inacontecimento como este facto de ter vindo escrever o que não sei dizer pelo facto de não saber sentir a vida nem pensar a morte que perpassa como uma língua que quer ser dita a todo o custo na eclosão da sua fala.

21-3-2004

## ESTESIA ESTASE

Verdade que o silêncio nocturno se impõe quase como uma necessidade material, verdade que não há nada a fazer senão sentir o que há a sentir, este silêncio eco lento perpassando quase como blandícia por um corpo que não se reconhece depois de ferido pelos sofrimentos mais íntimos que a vida ofertou com castigos. Verdade que há alguma verdade no que se diz e escreve. E possivelmente, quem sabe!, também alguma mentira. A noite é incapaz de se fazer ode, deixá-lo! Há em quem se entrega ao enigma nocturno do silêncio um silêncio muito maior, há um contraponto físico e espiritual, como se na experiência de se viver ficasse, elo de uma cadeia, um vivido que não pode ser expresso nem trazido à língua amante. Há no que passa não um passado, a coisa memória de que o ocidente fala quando fala da sua história, mas uma passagem paragem, uma estesia estase, isto que é e não se deixa apreender pela cultivada aprendizagem dos sentidos intelectuais. Não sei qual preferir dos dois silêncios. Sei que os sofro como obaudições tentando recuperar os acusmáticos zelos da presença no presente sem memória, sei que me sinto desprovido de medida para poder proferir uma escolha entre quem sou e quem não sendo sou mais do que a vida me impinge de ser. Verdade que a verdade se impõe. Até quando? Verdade que a carícia carece de qualquer fundamento, mas isso realmente importa? Importa ao eco ser elo?

21-3-2004

## HOMENAGEM A RONNIE EARL

Soletra sibilino e palpitante de impulsos inefáveis o *blues* que, re-

penicado, incendeia a noite, abandonar-me ao seu sortilégio e ao seu fascínio, uma guitarra percorrendo meu corpo cada vez mais fescenino na prossecução de uma sensualidade que nada tem que ver com a juventude perdida no medo de atingir o acme de um orgasmo que dissolvesse a vida numa celebração. Compreende-se o que aqui se divulga? A língua não atina com a música, ela bem tenta ser um espelho e um reflexo, é apenas uma distorção do que acontece quando, entristecido com o sucedido, sorrio no que acontece, estremeço de mim a mim como um vulcão ousando expulsar das suas entranhas toda a dor que o desfere no que o faz vibrar em ctónicas disjunções. Mas é uma estranhíssima alacridade a que sinto na música que se faz ouvir, não porque os sons dardejem entusiasmos ou apoplexias da fanfarra e da pompa, mas porque nesta tristeza impossível de ser descrita (e por isso impossível de ser verdadeiramente tristeza) existe, escondida, uma paz circunscrita e adstrita ao desejo de ouvir uma alegria: este *blues* modifica o próprio tempo ao ponto de se sentir que há mistérios encalhados na percepção da realidade: como se no *como se* houvesse mais de uma possibilidade imaginante, como se a música tivesse transformado a noite na sua verdade e na sua luz, e como se eu, que ouço esta música que me inebria e completa, e contemplo deste sofá a luz dos candelários, me soltasse para o inolvidável do inalcançável, esse ensejo de ser feliz nem que por uns breves momentos, uns acordes, alguns compassos, umas melodias, finitas perplexidades soletradas pelo sortilégio.

23-3-2004

## UM GRITO DE ALEGRIA

Nem sei como dizer, mas vi, vi apesar do vento, desta nortada fria, as andorinhas lançarem-se nas águas da piscina com um denodo que me trouxe toda a alegria da Primavera que começou. Enfim, o tempo faz-se tempo, e não é nenhum enigma o que anuncio no que enuncio desta sorte assim tão simples. O tempo faz-se tempo... A música faz-se música, ouço agora, regressado ao apartamento, depois do sol e da sua partilha, estas *Quattro Pezzi* de Jacinto Scelsi, instático de mim mesmo no esplendor de um mutismo que me abre em deiscências tumultuosas, como se um caos eclodisse num cos-

mos ou vice versa, que sei eu dos universos reais mais ou menos pluriversos em que viajamos ao sabor do tempo em espaços pensados já siderais pelas mentalidades de outrora? Sei que vi pela primeira vez, este ano, as andorinhas da transmigração anímica, sei que não contava com o sucedido, e que quando as vi assim tão reais e acontecidas soltei um grito de alegria, a solidão uma palavra vã, a companhia para todo o Verão assegurada, mesmo se nunca é certo o futuro do que nos espera. Esperei todo um Inverno frio e alheado sem verdadeiramente me lembrar deste acontecimento, aconteceu porém o que ficara esquecido, as andorinhas chegaram como nos anos transactos, actos de uma fidelidade incipiente, de uma esperança quase científica, de que o planeta terra possa permanecer por muitos mais anos como foi no que tem sido da sua habitual culminação.

23-3-2004

## UAXUCTUM

Não me perguntem o que significa esta palavra ou mesmo se é uma palavra de uma qualquer língua o título que encabeça este texto, é uma peça que estou a ouvir agora mesmo de Jacinto Scelsi, e confesso que não saberia ir muito mais longe em explicações musicológicas sobre o que me penetra com uma tensão e uma densidade quase insignificantes pelo facto de não suscitarem uma linguagem capaz de a ilustrar, a essa sonoridade que passa esvaída em acontecimentos eivados de laivos quase atmosféricos, embora pareça estar a ouvir vozes de mulheres num coro caro ao lamento que povoou a crueldade de povos dados a ritos como o do sol ou o do corpo. Enfim, por vezes instrumentos metálicos ferem o espaço com esquemas de tormentos tórridos, mas não será apenas o resultado da desmedida da minha imaginação? Um som apenas é um som. Nada significa. Poderia dizer que há dor no que há, mas seria falso, as lamentações do coro hipotético poderão estar a ser realizadas entre risinhos e risadas de mulheres, daí que tenha sempre detestado aquilo que hoje ainda se chama *representação*. Daí que os actores que desde sempre admirei (estou a pensar sobretudo em Marlon Brando) nunca tenham sido *representadores*, mas sim, realmente, actores, isto é, homens que agem como homens *presentificando-se*



e não *re-presentando* outros que não eles. Ter a coragem para se ser no que não se é, é o que faz a diferença e a genialidade. Não há coragem em se ser a música dos outros, por isso me perco em mim quando acho que a densidade não é mais que a minha tensão.

23-3-2004

## SEM SABER QUE ATITUDE TOMAR

Não me sinto nada porético ou mesmo literário para vir escrever o que não sei o que vou dizer, acompanha-me neste empreendimento R.L. Burnside, mas de tão longe e de tão outro tempo que realmente é escusado dizer que estou a ouvi-lo neste começo de tarde bucólica. Bucólica porque quero ir até ao campo, aqui nada há para fazer, no campo também nada há para fazer, mas há, sem afazeres, o sol solto num céu percorrido de nuvens maltrapilhas, brancos que se evolvem em ventos que não saberia precisar. Preciso, isso sim, de muito sol, e se possível de ver mais uma vez as andorinhas. Sei que preciso de vê-las voando com a naturalidade da natureza inscrita nos seus genes. Mas estou indisposto, posto de lado, sem saber que atitude tomar perante este corpo que me desorganiza a voz da consciência, ou a corrente da linguagem. Música não falta, mas penso que o R.L. Burnside também foi posto de lado por um gajo chamado Ian Moore. Há coisas que não se fazem. Este CD não respeita ninguém, nem sequer a solidão de uma obra na sua privacidade ontológica, espero que me compreendam, mas se não me compreenderem também não faz mal. O mal não é da comunicação, o mal é das pessoas não desejarem às vezes comunicar. Eu desejo dizer o que me vai na... (poderei ainda dizer, na... alma?), enfim, o que me vai na cabeça, mas na cabeça esboça-se apenas uma dor que nem saberei definir se continuar a assumir os predicados com que se está a configurar.

30-3-2004

## NA INSISTÊNCIA DO QUE DÓI COMO NADA

Embalado por estes *blues* de Otis Rush ponho-me a ser o que escrevo ou a escrever o que sou, não importa agora diferenciar o que

é o mesmo, o importante é seguir o ritmo, este ritmo de um corpo que balança na dança de si mesmo consciência de outra coisa. Canta!, exorto o cantor que não me ouve nem me pode ouvir, nem sei se ainda vive. Vive, tenho a certeza, pelo menos neste momento, vive por interposta pessoa, e essa pessoa sou eu, eu que me perco em rodeios quase físicos de uma ontologia ainda por descobrir, eu que me alcanço no remoinho de mim mesmo, um homem, um homem ainda e sempre, dentro da música que me viu nascer, sabe-se lá em que ponto do mundo, em que ponto do ser. Quero ser capaz de sentir a emoção destas canções que saltam da monotonia que a rotina dos dias concita, quero ferver no sofrimento que fez escrever páginas tão pungentes da memória contemporânea, quero perder-me na guitarra e na voz que conta a história de uma vida despedida entre visões de uma felicidade prometida e os clamores esquálidos do que havia a oferecer a uma raça. Sendo estrangeiro em toda a parte escolhi pertencer à estranheza do mundo e da terra, eis-me pois no meu lugar favorito, a música descobrindo-me como um filho perdido no céu de uma inexistente galáxia. Interessa-me evolver por estes meandros da sensibilidade dissipando as brumas que nenhuma memória alcança, deixar-me ir como quem sabe que algures há e haverá sempre um caminho para quem persiste em encontrá-lo, nem que seja na insistência do que dói como nada.

1-4-2004

## O SOL NADA ME DIZ

Os dias são grandes e eu não sou grande nos dias. Um choro brando cancela-me em cada passo que dou debaixo deste sol maravilhoso, mas não é a maravilha o que me sustenta no vaivém que doo à vida. Dói-me uma morte mais do que anunciada de pessoa querida, o mundo que me cerca cede-me imagens de um quotidiano quase adivinhado, não adivinho essa morte nem consigo evitar esta memória do que vai acontecer muito brevemente. Oh, o sol nada me diz, o sol atravessa o céu e eu não consigo ser capaz de sentir esse sol, muito menos a terra quando a piso com pés onde outrora punha o meu peso de homem contemporâneo. Deixei pois de ser contemporâneo do que acontece, uma morte não pode ser vivida, ser quem não sou explode no sofrimento de uma insensibilidade que prefere

ver no irremediável a tragédia de uma hora que se salda pela inevitável demora. Estou incapaz de sossego, a tarde avança, mas não há nenhuma dança que me anime, tudo foi fantasia, a língua murcha a olhos vistos, a luminosidade explora-me como se pudesse encontrar em mim um ser humano afeito aos efeitos da bonomia. Com a Primavera que chegou o sol no céu é grande como um dia, só eu, que choro o fim de uma pessoa querida, não quero ser grande nem pertencer à terra ou viver no mundo, basta-me esta dor que doo trágico a quem me dou com o denodo da impotência estampado no rosto.

5-4-2004

### COM ESTA RAIVA

Ouçõ Matthew Ryan com esta raiva que não deveria estar a sentir, eu sei que a canção (*Watch Your Step*) se presta para tais efusões do temperamento, mas mesmo assim, digo-me aflito, com a minha idade deveria ter ganho uma pacacidade que me elevasse para outros sentimentos, salvo destes momentos excruciantes onde quem sofre é quem se perde, insentido. Mas que fazer, é-se quem se é e se foi, por mais que não se acredite ou não se queira acreditar no poder do passado. Sofrer esta raiva é ouvir esta música proferir sons mais do que palavras, o sentido eclipsa-se na tonalidade afectiva que se abre em deiscências quase indecentes, viver é sentir o delírio de uma existência que ignora como existir ou ser, morrer não é mais do que deixar passar pelos poros do tempo o que foi feito e desfeito pelo próprio tempo na carne de um corpo impróprio. Por vezes esta raiva apazigua-se com a luz de acontecimentos raros, há memórias e premonições que nos trazem furos de outros tantos futuros que não são nem podem ser vividos. Nem sequer estou desapontado com a vida, só não desejaria estar mais sujeito à raiva ou ao ódio. Por lá passei, foi meu caminho, agora seria o tempo de olhar o sol de frente, olhos nos olhos, e sentir, quase feliz, que do achado como do perdido, eu, que balbuciei as palavras de outra língua, ganhei um tempo meditado pelo esplendor da tarde. Sei que não é muito, sei que é muito, tudo depende da perspectiva. Matthew Ryan continua a cantar, acho-o um jovem tão pessimista, mas não será ironia da minha parte criticar o que infelizmente nos aproxima? Este *Dam*, apesar do que sugere, contém-me como será

o propósito de qualquer barragem, e não, não deixarei que a barragem se estilhace e me leve na enxurrada psicológica e apocalíptica, não, tarde demais, meu jovem amigo, quero sobreviver, mau grado o que haja de mau no mundo de hoje e nas relações humanas. Eu pretendo durar enquanto houver ar que se respire, água que se beba, pão que se coma, luz que se solte no horizonte sulcado de um azulado céu, mas, e essa é a minha esperança, em sintonia com aquilo a que se chama o universo, não com a raiva que vez por outra me toma a carne ao ponto de pensar que estou dentro de quem não sou, ao ponto de pensar que um ninguém procura em mim viver alguém, o mal, a maldade, sei lá o quê! Ele, que espero que não seja pobre, ele canta, possivelmente inconsciente da sua consciência, e eu gozo estes momentos simples de uma humanidade simples, sendo o que ouço, ouvindo o que sou, eu que tantas vezes passo pelas coisas distraído de mim e do próprio mundo.

7-4-2004

## MINHA VIDA NÃO É VIDA

O casal de milhafres pervagando exortativo na improvisação azul do céu, nenhuma brisa, um sol do meio-dia meio-adiando o tempo que mesmo assim passou no que passava, eu deitado junto à água sentindo que sentidos mais ou menos furtivos iludiam os sentidos de que o corpo e a consciência são natos. Nenhuma ideia de felicidade. Apenas os olhos no céu observando os dois milhafres, ouvindo distintamente seus pios ferozes, mas foi com alegria que percebi essa crueldade, como se finalmente eu fosse desta terra. Minha vida não é minha. Minha vida não é vida. Exulcerado no sofrimento cotidiano nada mais me resta que ver e ouvir e sentir o que da natureza ainda resta na natureza, tudo o mais é menos que país, continuará pátria enquanto meu pai viver. Com alegria. Sim, sim, se possível, mesmo se parece uma contradição, com esta alegria. Hoje nada mais há a dizer. E contudo este texto não pode acabar aqui. A página onde se inscreve não o aceita inacabado. Faltam-lhe, pelo menos, mais algumas palavras, algumas linhas, que tenho que preencher num português sofrível para que o contrato estabelecido comigo mesmo não seja quebrado. Recomeço pois: No azul do céu um casal de milhafres pervaga, elíptico, daqui para ali, que bom

sentir uma alegria capaz de fazer por minutos esquecer a dor, que bom viver ao ritmo da natureza, que bom ser das estações o observador incauto !

13-4-2004

## DA REDUNDÂNCIA E DO PARADOXO

Digo-me, com uma severidade extrema, não precisas mais de palavras, tens o sol, tens a música, tens a família, de que mais precisas? *Black Night* é o *blues* que Buddy Guy está a tocar neste momento, ouço-o como se a língua onde me escrevi e escrevo se esfarelasse poeira de não sei que cataclismo. Não, não posso dizer que vivo uma tragédia, muito menos contemporânea, e contemporânea de mim mesmo, mas estou a viver o que ignoro da existência que deixei de prodigalizar. Filho pródigo de ninguém a ninguém me reverto, como se fosse uma sombra que perdeu o seu sol nas convulsões do acaso e do ocaso. Que fazer deste istmo onde nenhum abismo ousa fazer mais parte da imaginação e da inteligência? Que deserto é este que não está deserto? Que facúndia é esta que não pode mais ser fecunda? Que língua se perdeu muda na alalia da redundância e do paradoxo? Abandonar o barco? Nunca fui Ulisses, a ilusão perdida, a mitologia deceptiva. Nenhuma casa me espera, só a morte sabe onde me encontrar: será aqui que estarei, sempre aqui, onde quer que seja este lugar, onde quer que esteja: não valerá a pena esconder-me entre palavras predispostas a dédalos, serei sempre visível como uma verdade. Buddy Guy há muito que passou ou tem passado para outros *blues*, eu sigo-o sinal e signo de um presente amigo, a oferta é óbvia, o abandono a que me proponho é concomitante deste prazer.

15-4-2004

## O SER DO SER OU O SER DO SENDO

Era capaz de ficar uma eternidade a ouvir o pequeno *Agnus Dei Choral* de Samuel Barber, faço-o agora sabendo da limitação que é tempo, mas não importa quando é este sentimento que salta para o palco das emoções e me inunda de alegria. Não, não que o sol pro-

pício a solecismos tenha visitado este rincão da terra, chove despu-  
doradamente uma chuva dévia que tolda a atmosfera de maldade, a  
vida passa percorrida de arrepios frios e a Primavera que tanto se  
almejou deixa de ter qualquer razão de ser. Não haja dúvidas ne-  
nhumas, o ser do ser ou o ser do sendo não compreende como po-  
derá assim sobreviver num ocidente cada vez mais ocaso, cada vez  
mais acaso de casos difíceis de resolver. A música continua a recor-  
rer aos seus instrumentos e à sua inteligência, eu sigo-a de muito  
longe, sou a bem dizer o pano de fundo onde ela ecoa e ressoa, tal-  
vez feliz por sentir que há um mundo onde alguém se ouve no que  
houve antes de inspiração e de emoção. Aberto assim de par em par  
só me falta sentir o silêncio que agora se instala, uma outra música,  
é pelo menos o que me cicío, embora seja quase com dor que as  
coisas se exprimem, um sofrimento inaudito, impossível, pois o que  
é uma coisa, o que é um mundo?... Chove e deixou de haver músi-  
ca. E o sol desertou esta parte da terra. Não é triste esta tristeza, e  
no entanto não é a alegria o que se salda nas pupilas dos meus  
olhos.

21-4-2004

## IMENSIDADE INTENSA

Eles não se cansam de tocar, eles não se cansam de cantar, esses  
*bluesmen*, eu não me canso de viver, mas será a mesma coisa?  
Agora mesmo *Mother Earth* é o *blues* que Tab Benoit desenvolve,  
eu amo esse som e essa canção, estou de acordo com o que nela se  
diz, que mais quero da vida? *Querer* não é bem o verbo que gostaria  
de empregar, está empregue, deixá-lo, mas que da vida poderia  
mais esperar? *Esperar*, outro verbo que não me levará muito longe,  
a falta de inspiração é notória, mas é verdadeiramente de falta de  
inspiração que se trata? Ou de outra coisa? Acho que não deveria  
ter vindo à língua. Vir saber o que se passa de mim é quase sempre  
um prazer, mesmo se é a dor que me coroa de iluminações nefastas,  
mesmo se é o sofrimento que me diz o dislate que foi ter desperta-  
do o som do mais indubitável recanto existencial. Oh sim, entro por  
mim dentro como se *Standing on the Bank* fosse uma porta de en-  
trada ou uma dessas janelas escancaradas, penetro e danço como  
luminosidade contrária ao juízo que se poderá fazer da luz. Que

importa a lucidez? Importa apenas estar a sentir o sentimento de uma aventura, viver este nada, viver estas emoções, viver esta vida como se a rotina disjuntiva se transformasse num vivo cataclismo e o cataclismo assim vivido só pudesse ser este som soltando-se na imensidade intensa da duração.

22-4-2004

### *REQUIEM FOR A DREAM*

Insatisfeito com o texto de ontem à noite apresso-me a ser texto de hoje neste vagar de manhã que passa ouvida no *Requiem for a Dream*, o sol saudando quanto ser humano quiser ser humano, o sol nas fachadas que dão para o sul, palpitando e pulsando e reverberando como se houvesse um coração onde falha talvez uma ideia de comunidade ou mesmo de humanidade à escala dos seres humanos que dizemos e pretendemos todos ser. Sim, parece que noutras partes do globo a guerra grassa, mas a guerra grassa sempre algures onde engordam os negócios das armas, é quase da natureza das coisas que as coisas sejam assim, quem se importa com o facto? Ninguém. Não é por acaso que o mundo é o que é. Se fosse diferentemente tudo seria possivelmente diferente debaixo deste sol que ilumina a terra como se nela houvesse apenas terra, não seres humanos procurando sobreviver a todo o custo. Custa-me, como me custou ontem à noite, prosseguir este discurso, não me custa seguir a música de um sonho possivelmente desfeito. Mas o que é a vida, sim, o que é a vida, senão sonhos que não foram realizados, promessas que não foram cumpridas? Felizmente há um sol que nos solidifica, o que quer que isso signifique, fique apenas este apontamento optimista no pessimismo da manhã que se alicerçara tão promissora. Afinal o que somos nós? A pergunta é hoje metafísica. Homens e mulheres e crianças o que sabemos do que sabemos, o que nos dói do que gozamos como vida?

23-4-2004

### ENTRE ONTEM E AMANHÃ

Bovinamente olhando para o monitor cujo branco nem me é atrac-

ção nem revulsão, espero que a consciência e a língua decidam fazer qualquer coisa por esta hora. Espero enquanto Calvin Russel canta essa canção, *Trouble*, que não me assola as noites de insônia, mas que me deixa às vezes, quando estou diante do nada, num estado de solidariedade aflita, contente por ver que a temporalidade lhe é um dado essencial: *Yesterday is gone but tomorrow never comes*. Bem verdade, é neste entre ontem e amanhã que se vive, quer se queira quer não, *agora* indefinido definindo-se pelo que se faz, agir quase inconsciente pois o pensamento perde qualquer razão de ser ao ser confrontado vis-à-vis do que tem que ser decidido na acção do corpo em acções que não possuem recuo para serem meditadas: é assim que metade da nossa existência ocorre no que decorre como tempo, um ir e um vir, um vaivém onde raramente existe música para nos acompanhar nos meandros das nossas incertezas e dúvidas quotidianas. *I gave my soul to you*, é o que Calvin canta, pudesse eu dizer o mesmo a quem quer que seja, mas onde está a minha alma, em que recanto do meu corpo, do meu, e fico, estático e patético, sem saber como acabar o que verdadeiramente não comecei. Pena não acreditar mais em conceitos como alma ou..., ou quê? Pena, mesmo assim. Agora só o blues me acompanha dia após dia, eu cada vez menos eu, um homem que perdeu o que talvez nunca tivesse possuído, a alma de que todos falam como se tivesse sido possível alguma vez havê-la!

27-4-2004

## A CONSCIÊNCIA NÃO RESPONDE

*We have so much knowledge but so little understanding*, não sou eu que o digo, antes fosse, que de conhecimento e de compreensão não compreendo nada. É antes Calvin Russel, o filósofo. Eu apenas o ouço na euforia da música que abre a manhã em dimensões insuspeitas do ser, ou do não-ser, se o conceito ainda for possível, que sei eu do que se passa nos anais coevos da filosofia? Sei que um sol lá fora coincide com esta música aqui dentro, e que ainda não é meio-dia, ou melhor, já passam dezassete minutos, dizê-lo não adianta nada ao discurso que aqui se perpetra, mas quando nada há a dizer é preciso a todo o custo escrever, pois a necessidade é uma droga das pesadas. Onde há pensamento ou sensibilidade neste



texto? Só há audição, obaudição, ritmo, o corpo desprendendo-se do corpo em efusões de uma efervescência anódina, temos tanto conhecimento, não foi o que ele disse? Talvez, mas eu não me sinto muito conhecedor nem muito sabedor. Aprendi, é certo, verdades de hoje, dislates sem dúvida de amanhã, mas que compreendo do mundo que me cerca e dos homens e das mulheres e das crianças que vivem nos mesmos bairros, nas mesmas cidades, nos mesmos países, nos mesmos continentes, no mesmo planeta? Uma tristeza incapaz de *blues* não atinge as fímbrias de uma possibilidade de canção, olho pela janela e vejo a luz do sol nas fachadas em frente, por quanto mais tempo, é a pergunta que me ascende à consciência? E a consciência nada responde.

27-4-2004

## ESTE PONTO ONDE ME ENCONTRO

Não sei como venho, não sei como estou, não sei que relação, não sei que ilação tirar de tudo isto, nem sei que isto poderá ainda ser alguma coisa para lá da língua em que se edifica. A realidade do mundo é-me tão pouco real que mal sinto o desejo do eco que se contrai contra o muro da presença, serei ainda um homem, e de que perdida ou achada humanidade? Não, não estarei em mim de tanto estar disperso no fluxo do tempo, procuro ser um sentimento e um pensamento capazes de apaziguamento, onde porém descobrir a nomenclatura da modernidade? Desconheço de todo quem rege a ordem ou a desordem das sociedades coevas, ir e vir já deixou há muito de ser movimento, um círculo é um círculo, a emoção circula circular como se não houvesse mais saída para quem pretende sobreviver. Olho o céu e nele vejo um sol, algumas nuvens não sabem o que fazem, onde está o mistério da existência? Voo do milhafre em voos sucessivos, cinema sem uma história predizível, agora sobe, agora desce, agora fremem suas asas, brasas de um fogo que nem chega a ser da metáfora a sua ilusão, que faço aqui? Sentado numa cadeira de realizador realizo que projecção da realidade? Ser sentado faz-me sentir a etimologia do ocidente e do ocaso, acaso cumprirei o dilema de algum oráculo? A inspiração nula. Inspirando e expirando respiro o ar quente da tarde protegida do vento norte, que norte perdi? Que sul ainda me atrai? Nem norte nem sul,

nem oeste nem leste. Este ponto onde me encontro encontra as suas coordenadas diluídas no encanto da paisagem, um homem foi o que foi, um homem é o que é, será possível dizer-se mais? Houve uma vida, há uma vida, e depois? As águas ao lado reflectem o azul do céu, atirar-me salto de mim mesmo à profundidade líquida da piscina e aí permanecer imóvel, luta do corpo entre a vida e a morte, mesmo que o sentimento não seja de depressão. Estou bem! Nada sei de hoje, nada soube de ontem, nada saberei de amanhã. Olho as canas em frente, olho até ver que ver é uma estranha sensação, e essa estranheza dura em mim como se pudesse coexistir em quem sou quem é do que fui e quem é do que serei sem ser verdadeiramente alguém esse ninguém. Ninguém em redor. A natureza contrasta verde com o azul do céu, aqui e ali vejo amarelos de giestas, alguns roxos que serão esquecidos finda a Primavera. Insectos em toda a parte, alguns pardais esvoaçando, mas as andorinhas, onde estão elas, elas que desertaram estas bandas deixando-me incólume e solitário? Que se pode esperar da vida? Alguma música, é verdade, algum entardecer, é verdade, alguma mulher, é verdade, bastará para que continuemos a viver? As canas balançam ao ritmo do vento, é vê-las, tão vivas, tão, como dizer, transcendentais, tão naturais! Serei natural? Terei alguma vez, mesmo por acaso, pertencido à terra? Ao mundo? E fui feliz? E sou feliz? O sol percorre inquestionável o azul do céu. Será feliz?

3-5-2004

## A INOMINÁVEL E A INEFÁVEL

Não saber o que dizer já não me satisfaz como traço estilístico capaz de introduzir o discurso onde há apenas nada e vazio, eu sei que esta luz à minha frente fraqueja como uma dimensão inexplorada, sei que nada permanece isento neste perdido movimento das coisas que nos acontecem, mas que fazer com este saber? Não é nem pode ser um conhecimento, é experiência, verdade, e depois? Depois eu fiz-me eu na experiência do quotidiano, claro que li milhares de livros em horas ociosas, mas que aprendi verdadeiramente de real? Não precisei de pensadores emaranhados na sua complexidade e perplexidade para saber que nasci, que vivo e que vou morrer. A vida, a inominável e a inefável, disse-mo como se nada fos-

se, assim muito mansinha e terra a terra, sem grandes discursos, eu de olhos abertos diante de um facto banal, eu boquiaberto num horror ancestral, como se não fosse de mim que falasse, mas muito possivelmente da humanidade onde caíra sabe-se lá como ou porquê! Foi-me difícil compreender a minha humanidade! Ainda hoje tenho problemas quando vejo à volta que nada corresponde ao que me é ideia de mundo ou de universo, mas que fazer? Isolado até aos ossos, filho dos homens, feito da mesma carne, sou obrigado, quer queira quer não, a sentir que sou homem, a sentir-me um homem, por mais estranha que essa assunção me possa parecer. Ser é um mistério, não-ser é um outro mistério, entre mistérios fingimos um destino como se houvesse na realidade a realidade!

6-5-2004

## AS VOZES QUE OUÇO VIVEM

Regresso a Henryk Gorecki através deste *Miserere*, mas não é por me sentir mais triste ou predisposto a indisposições da alma. Regresso, como habitualmente, por acaso, e não estou arrependido ao ouvir estas vozes que se fazem coro no começo da tarde ventosa, o sol lá fora. Eu cá dentro, como se, mas o raciocínio seria redundante, melhor estacar aqui, enquanto gozo as vozes que desencadeiam, ávidas de uma vida que lhes seria própria, um inopinado silêncio dentro de mim como nunca o vivi assim tão disponível ao ponto de sentir que não me posso sentir, nem como homem nem como ser humano, o que é um problema. Ouço, catacrese de mim mesmo, em aproximações do que poderei ou poderia ser: ser é um abismo intransponível, é como se não houvesse nem frente nem atrás, é algo de indefinido a querer definir-se pela linguagem um pouco arcaica que uso e que não está à altura dos sons que se fazem ouvir. Parece-me perceber vozes de homens e de mulheres nesse coro, coro de vergonha por não possuir um bom ouvido. Que perdi ao longo dos anos, que ganhei com a vida? Nada de nada não pode ser uma resposta. Perdido em quem não sou ou em quem não sei se sou, soo quase a uma estranha melodia que ninguém ousou ainda cantar, quem me poderia descobrir?... Digo que me abro ao mundo, será verdade? Tanto livro escrito, tantas palavras proferidas, tentativas tantas de dizer o que sabia e não sabia, que saber alcancei, de que

conhecimento parti? Experiência, a palavra, o mistério, de que me valeu deixar elo a elo os passos dados pelo chão da terra, cidades vividas, continentes percorridos, mundo onde sinto que nem me perdi nem me achei: mas vivi? As vozes que ouço vivem com maior certeza!

12-5-2004

## INACONTECIMENTO CIVILIZACIONAL

Não, não será da tarde que se faz tarde que vou falar. Nem da música que se faz ouvir. Nem da pessoa que escreve. Vou simplesmente viver esta escrita expressa no gozo da sua feitura, cada palavra saindo de onde não há mais do que consciência, ou outra coisa qualquer. Uma gata passa miando não sei que lamentações do cio, sofre-se tanto neste mundo! A luz do sol entra pelas janelas da sala, é Maio, segundo dizem, mas faz ainda frio no apartamento. Que bom, não haver nada para dizer! É como se o homem contemporâneo tivesse ganho, em vez de ter perdido, uma nova dimensão desconhecida dos antigos. O que acabo de escrever soa-me ao Álvaro de Campos de uma daquelas suas Odes infindáveis, coitado, estava cheio de energia nessa altura, o tempo pátrio tratou de o colocar no seu lugar, o que não deixa de ter sido uma tragédia à portuguesa. Mas hoje fala-se do globo, da economia, essa deusa, das finanças, esses ladrões, enfim, hoje não se é mais feliz do que ontem, consume-se mais, é certo, mas só em certos países desse mesmo globo, que o resto do planeta plana na miséria de quem não percebe o que lhe acontece. Acontecer é talvez dos verbos mais importantes da língua. Mas a realidade actual vive muito mais do inacontecimento que poderá ser, sem pruridos, adjectivado de civilizacional.

12-5-2004

## COMO UM BORRÃO ONTOLÓGICO

Manhã tão profundamente cedo que nem o sol sabe o que vai ser de si, que nem eu que escrevo sei onde vou dar de tudo isto, eu que persisto, apesar de tudo, e este tudo não é um enigma nem um mistério nem uma quimera, em vir ver o que da vida fica escrito. Ma-

nhã solar, raios de um sol benfazejo pintam a parede onde me encontro e é neste canto e encantamento que resolvo trazer à língua a realidade do real. Que há para ser dito para lá deste sol? Que mundo ainda sobrevive nas suas políticas? Que terra arfa e respira quando a piso no campo? Que sociedade, de amigos e de inimigos, ousa advir factos e acontecimentos até se transformar em história? Não sou um jornal. Nem cabe ao que escrevo informar. Basta já a tanta desinformação que escorre pelas consciências algumas vezes contemporâneas, aqui subsiste apenas a relação de uma pessoa com a sua presença, com a memória que mantém com o presente, o tempo decorrendo como um discurso numa rede, roda de sensações e de percepções e de pensamentos, sensibilidade na articulação de uma maneira muito íntima de pensar o que há para ser, e ser pensado. Sente-se e pensa-se o que acontece, acontece que muitas vezes não se está à altura do que eclode ou emerge, explosão do sol, luz tão intensa que se faz noite ou escuridão onde deveria ter havido uma revelação, uma chama. Chamamentos são raros, a rotina róí e rodeia a teia que nenhuma aranha ousaria fabricar, só resta a quem escreve o que lhe resta da escrita: isto, estas palavras, este sol, esta manhã, a luz no canto da sala como um borrão ontológico, uma insignificância significando o que se acha, uma labareda devolvendo ao tempo a sua fugacidade.

20-5-2004

## A INDETERMINAÇÃO

É quase que um medo, medido palavra a palavra, a ousadia em vir escrever o que ignoro, é como se fosse um crime o que perpetro, um falso alarme, uma monstruosidade da ordem da catástrofe ou da calamidade o que sei que sinto ou não sinto, esta confusão, este limite delimitando uma ausência de ser. É como se, por viver, não estivesse em mim, como se fosse de todo impossível haver eu em quem se imola nesta fogueira verbal, os horizontes apenas um silêncio e o silêncio a indeterminação da própria vida que se sente que se esvai. É como se. Olho para todos os lados e vejo. São as coisas. Da experiência e do hábito. Ouço o que se passa em redor e recorto o que há para reter de interesse. Mundo. Terra. Sociedade. Família. Amigos. Há em haver uma crueldade inaudita. Poderá, às

vezes, também ser prazer esse mesmo haver, só se ignora quando, em que momento. Estranheza. Estar onde se está e não se ser mais que isso: ser. Ser-se humano é uma outra história, dizem que para lá se caminha, dizem já que dela nos afastamos, quem sabe do que sabe? Ignoro o que sou. Não porque a essência seja um problema que me preocupa, ocupa apenas no dicionário o local da palavra que o ocidente elegeru. Eleita existência, o problema complica-se. Mas mesmo a existência é uma escória da memória.

20-5-2004

## NO MEIO DAS ERVAS ALTAS

No meio das ervas altas e verdes procurando dar de beber a quem tem sede, essas árvores que plantei num solo de pedras escabrosas, tentando chegar com a mangueira e a água como quem pretende salvar do fogo a vida que não sei se palpita nesses troncos encimados de folhas onde o amarelo surge como uma ameaça da loucura. Repassando, na breve memória, canções de Calvin Russell ouvidas algumas horas antes, como essa *Common One* que, não sei porquê, me ficou no ouvido, para não dizer em qualquer outra parte da anatomia do meu corpo ou do meu espírito. No meio das ervas transpirando um suor de homem envelhecido pela idade, a tarde perdida no seu desvelo, o quer que isso possa significar, mas a tarde perdida, isso é que é importante reter, entardecida num sol que mergulhava resolutamente para o seu ocidente, sem que se possa aqui falar de acidente ou de incidente, um facto que de tão natural quase que passa como não-facto, isto é, despercebido, embora eu tenha percebido a hora enquanto dava água às árvores sedentas que, silenciosas e aparentemente indiferentes, pois a dor era só minha, não delas, foram incapazes de um qualquer agradecimento. Natureza, és um mistério. Ou nada. Existes como eu existo, sem se saber porquê nem como, tu como uma impossibilidade de diálogo ou de amizade ou de companhia, eu com a pretensão de pensar que possuo alguma sensibilidade, uma consciência que me faz pensar o que inadvertidamente me surge como realidade, sem contudo compreender de onde a onde vou do real.

20-5-2004

## ESTA AUSÊNCIA EMERGINDO

O sol desce paulatino num céu azul que, por ser descritível, não me vou dar ao trabalho de descrever. Paro durante minutos e fico a observar o que diante de mim se me depara, é uma paisagem, é um horizonte, mas o que me prende os sentidos não é o sol nem é o mar, é, do que é, uma certa tonalidade do estar diante de qualquer coisa como um ser, não, é antes a impressão de que estar ou não estar não significa nada, não, não é bem isso, é como se, é como se na minha presença houvesse já uma ausência, e eu fosse esse hiato, essa inexistência, esse desaparecimento. É como se a beleza da terra não pudesse ser vivida, não pudesse, é uma hipótese, ser morta, é como se algures em quem se é houvesse uma paisagem que se reflecte na paisagem do sol-pôr, é como se um horizonte vivesse em nós pela voz que nos soleva ao silêncio, é desse silêncio que se teme e se goza este tempo desta paragem de minutos, hora de uma demora, as coisas são-nos como carne que nos é, a vida arfa no que nos foge, o espaço rodeia mas não há ninguém à volta, ninguém há no hipotético centro, tudo é sibilino sentido de uma harmonia que só existe na imaginação das pessoas, logo, se houver música não é a música das esferas celestiais, nada há de ideal no que a realidade realiza na realidade da redundância e da consciência, só há o que não há, esta ausência emergindo!

20-5-2004

## UMA BOMBA TERRÍVEL

Trovoadas de Maio em noite molhada quando ontem saía da escola deserta, eram onze e vinte e só uma ou outra das funcionárias ainda se mantinha nas suas funções. Os alunos há muito tinham desaparecido, as aulas acabadas. Peguei com o à-vontade de quem sabe, e não desconhece o ambiente à volta, num guarda-chuva abandonado e fui como um homem, sem dúvida outrora apodado de solitário, enfrentar a chuva que caía sem que se possa verdadeiramente falar de violência: só havia a chuva que caía e esta subitânea assonância que agora me obceca e obsidia como se ele transportasse uma vital nostalgia, embora o adjectivo escolhido deixe muito a desejar. Era noite e eu estava embutido nessa noite. Claro que marchava e per-

corria a distância de um aqui a um ali, neste caso da sala de aula ao automóvel, não sem antes ter dito boas noites às poucas pessoas que vi nos seus postos de trabalho. Tudo estava a correr bem, quero dizer, neste texto, mas a palavra *trabalho* explodiu como uma bomba. Ignoro o que fazer, se o abandonar aqui mesmo, ao texto, se prosseguir como se nada fosse. Há palavras irremediáveis, absolutas de uma incompreensão hermenêutica, há palavras que só podem ser vividas parenteticamente, como é o caso do termo *trabalho*. Resta-me contudo a noite, a chuva, a trovoadas, e eu!

21-5-2004

### A MÚSICA IMEDIATAMENTE ECLODIU

Não poderei falar de um momento extático ou privilegiado, mas quando entrei no automóvel a música imediatamente eclodiu num espasmo do som, era o *blues* de J.B. Butto, eram as luzes dos candeeiros, foi a súbita recordação da América como eu a vivi, eu que mal sei viver o que quer que seja, foi um regresso catapultado a uma estranheza futura, foram as palavras talvez da canção, *someone loan me a dime*, e o ritmo de uma pobreza que me aflige como mundo. Foi a descoberta de que não estava sozinho na minha solidão, e depois o sorriso ouvindo *too much pride*, o húnus do humano que nos é tão inerente, a leveza sem sentido de uma multidão de sensações e de contradições, a vida percorrendo azos e aveza a preconceitos, a vida que não se sabe viver por impossível ousadia ou real temor, a vida cantando e clamando no som dos *blues* que se desfibravam como se em mim houvesse um ouvidor por vocação. Não durou muito o encantamento, depois de um *the same mistake twice* já eu estacionava no bairro onde vivo. Como muitas vezes aconteceu em New Bedford, permaneci no automóvel escutando os últimos minutos do *tell me mama* que não demorou a se dar por terminado: viver repete as suas rotinas e as suas convulsões, ontem foi hoje, amanhã será um ontem de que ninguém se recordará. A memória só faz sentido para quem quer sentir a emoção do que se inscreveu no corpo. Mas o corpo dói muitas vezes como uma memória inútil.

21-5-2004



## NÃO HÁ NADA DE PEJORATIVO

Não há nada de pejorativo nesta relação electiva, digo-me em momentos de uma lucidez transposta para outras faculdades que não as intelectuais, enquanto a música abraça a tarde num enleio tal que até me sinto envergonhado por perceber assim aquilo que designam ainda por realidade. De que relação falo? Esse é que é o problema. Amigo das palavras fui ao dicionário e não descobri nada que me pudesse ajudar. Ou só aproximações de um sentido que se escapula cada vez que se pensa que se atingiu o seu âmago. É na dimensão da catacrese que nos encontramos mais ou menos perdidos, incapazes de uma outra ilação que a da pobreza da convenção verbal. Que fazer? É com pejo que escrevo este texto, é quase com um remorso que não dou assistência à gata da minha filha afligida com um cio que dura há semanas, ela salta para cima da secretária, solta esses lamentáveis gritos que dizem ser outros tantos apelos, só ouço sofrimento, dor, não sou capaz de objectivar o mundo e o que nele acontece, aconteço no que sucede como se fosse essa a minha sorte, que fazer desta pata que me toca, que carinho ou carícia oferecer? Deixo-a subir até mim que nunca tive colo senão para minha filha quando era criança, sou novamente pai numa perspectiva sem expectativa, que fazer? Ela sobe por mim acima como se eu fosse uma torre para outros horizontes, sim, não há nada de pejorativo nesta relação electiva, só há o desejo que o seu cio acabe o mais depressa possível, tanta natureza deixa-me naturalmente num estado sem estado, eu próprio catacrético.

24-5-2004

## O QUE ESCAPOU À ARTE

Não saí de casa, a manhã enublada. Só agora, à tarde, a tarde se abriu, mas já era tarde para se tomar decisões. Fiquei deitado no sofá a ouvir música, o sono do fim de semana que não dormi procurando ser recuperado. Depois, quando vi com um olho absoluto que havia sol lá fora, apesar do branco das nuvens que passavam, resolvi deitar-me neste outro branco, do monitor, desta vez em forma de palavras, estas mesmas que surgem como por encanto na maravilha de uma tecnologia descarnada. Ignoro o sentido do uso obscuro

deste adjectivo, é pejorativo? Transformará o dito num paradoxo? «Maravilha» e «descarnada» serão compatíveis? Não estou preocupado, não é um verdadeiro problema. O problema vale o que vale, isto é, não existe. Quem existe é quem está a escrever, e quem escreve sou eu. Não se vai muito longe, confesso, o discurso incapaz de discorrer, de fluir como se fosse tempo, trazendo a quem vive o que vive. Saí de mim para poder vir escrever, mas que eu se deixa iludir com essa formulação? A arte de ontem é de ontem o que escapou à arte... Se me faço compreender... Com certeza não me faço compreender, o pensamento talvez demasiado especioso. Não faz mal. Não faz também bem, para se dizer a verdade. Como pois prosseguir? Parar. Estacionar. O tempo porém não pára, e isto não é um quadro, não é um objecto palpável, é a histórica temporalidade em que se vive, a memória, se estão lembrados, do presente, embora não se seja da teoria uma metamorfose prática, pois também há acaso e contingência e obumbração.

24-5-2004

## ENTRE A FRAGILIDADE E A ALEGRIA

Este movimento que me entrega indefeso à língua é o mesmo que me entrega feliz à música, por isso é entre a fragilidade e a alegria que tenho de me mover, vai e vem que se transforma num vaivém onde as emoções e o pensamento procuram ajustar-se à sensibilidade do momento. Há, para além disso, que é já tanto, o sol que brilha num céu imóvel como uma fixação psicológica. Brinco. As estações decorrem e não estacionam, agora é a Primavera, já foi o Inverno, e assim de seguida, elo a elo e eco a eco poder-se-á atingir o imo do tempo sem dele se fazer a menor ideia. Daí o mistério. Irreprimível. Irrefragável. Que se passa hoje à minha volta? Onde há mundo? A pergunta poderá parecer estúpida. É talvez mesmo estúpida. Eu sei que tenho de conviver com esta dor da consciência, estas irrupções abstrusas, estes mecanismos pensantes, daí já não dar uma excessiva importância ao que me acontece. Que mundo pois é este à minha volta? E que terra ainda subsiste? E que gente habita ainda o planeta? Serei um deles? Quis tanto ser um homem quando fui criança, consegui-o? Ou fiquei aquém? Ou, muito enigmáticamente, desculpem a insinuação quase elitista, além? Há coisas que

nunca deveriam ser ditas. É preciso alguma coragem para deixar o ser ser, mas ei-lo que nos prega muitas vezes partidas. De chegadas e partidas fez-me minha vida passagem.

27-5-2004

## DO ALCANCE O SEU DESCONHECIDO

Como tenho resistido, como tenho sobrevivido durante tanto tempo sem ter vindo escrever, é a pergunta que me faço. Não saber responder deixa-me sem estado, perplexo por não coincidir com nenhuma tonalidade afectiva, como se eu não fosse mais quem sou, como se em ser se tivesse perdido um mistério, uma mentira, um abuso da linguagem. Olho para todos os lados à procura do mundo, de um mundo, só encontro a música que se faz ouvir porque me ouço nela como um eco que se perdeu na origem da tragédia esvaziada pela civilização do tempo, ou pela temporalidade quase acusmática. Sons de mim esvoaçam sem mim no catálogo que se predispõe a comungar uma canção, não me importo que não seja possível, não me importo que seja possível, só desejo estar aqui a respirar e a escrever enquanto um sorriso que me é totalmente desconhecido se faz lábios na tentativa de configurar algo que possa ser a carne de um corpo, um rosto virado para um horizonte ou para um sol, sul que já não me ilude com os seus chamamentos juvenis, suas armadilhas femininas, suas vagas vaginas tecidas de epitélios tão tenebrososque se poderia pensar haver uma origem onde só há o que há: vida, e depois morte. Dave Hole inunda-me de *blues*, esqueci-me de o dizer. Há coisas que são imperdoáveis. Espero agora que a verdade da tarde se imponha no realismo da sua realidade, embora, bem no fundo, não esteja assim tão certo: a retórica possui as suas leis. Nenhum *blues* poderá alcançar do alcance o seu desconhecido.

7-6-2004

## MUITO CAMINHO A PERCORRER

Mas tenho que avançar, não posso ficar enalhado no meio deste livro, tenho ainda muito caminho a percorrer: por que me perco em

afazeres de nada que a nada me levam, por que me distraio quase criança com coisas que não são essenciais? Ouvir música é-me fundamental, concordo, mas pasmo com a minha lassidão, onde está o vigor, a força, a energia? Claro que escrever não é viver, concordo, mas impus-me como tarefa expulsar a experiência dos dias em documentos (diria Ponge), em testemunhos (é o termo de Sena), que me retém frente a esta frente de silêncio? Já sei que não sou quem fui, já sei que envelheço todos os dias, e depois? Será por isso que a língua deixou de significar uma arma ou um abrigo? Vou na vida como quem não vai nem vem, aliteração sem confirmação de uma suspeita que se espraia na aleivosia da uma consciência consciente apenas de que algo dói, essa precipitação dos sentidos: irrompe um grito, talvez porque esteja a ouvir de Liszt esse admirável *Christus*: Mãe, por que me abandonaste? Um choro sem lágrimas alaga quem me adere à pele e julgo-me inalcançável, noção impossível de ser desenvolvida em acasos da especulação filosófica ou sentimental. Mãe, por que me abandonaste? Compreendo mal a morte de um homem, não compreendo absolutamente nada, nem bem nem mal, a morte das mulheres. Esta solidão em que me deixaste não tem comparação nem nunca foi vivida antes por mim, esta solidão é anterior e posterior a quem sou, não advém do trabalho da experiência nem da confrontação com o mundo, é uma solidão apenas desumana.

7-6-2004

## ESTE APELO ECOANDO INGOVERNADO

No abismo da noite, eco de nada, fixo no silêncio da casa minha humanidade tão combalida, que é feito de mim? Candeeiros abundam na displicência da hora, luzes que galvanizam a percepção ao ponto das coisas parecerem refrações de sóis obscuros. Tão só na imensidão do silêncio, que palavras proferir para fazer de conta que ainda há uma língua? O mundo, a terra, o corpo, a vida, a morte. Assaltos e impulsos, apodemialgia terrível, a consciência consciência de nenhuma coisa, um vazio ecoando pelos corredores da loucura em apóstrofes que não atingem nenhum alvo. Quem está aqui? Que é isto? Que se passa em redor? Não se pode falar verdadeiramente de dor, mas o que é do que é? Ninguém está aqui para com-

provar uma existência ou um destino, ninguém é homem ou mulher capaz de sentir o que não se pode sentir: a alegria abandonou estas paragens em dissipações do medo e da angústia, a alegria de outra é agora apenas uma memória na estupidez da escória, alarido sem consequências de um passado passo a passo convertido no silêncio desta noite. Não há mais a odisseia do verbo nem a aventura da inteligência, muito menos o mistério ou os seus sucedâneos: o que há é apenas a desrazão do haver, este apelo ecoando ingovernado na manifestação da linguagem que se desprende do corpo, abismando-se.

8-6-2004

## COMO HÁ MUITO NÃO ACONTECIA

Sol matutino e rodopio de *blues* pela fórmula de Son Seals, e eu, selvagem de mim mesmo, rodopio em formulações que me são desconhecidas e digo e redigo sim, sim, sim, ao sol neste clarão que eclode no canto da sala de estar do apartamento, na sala talvez do ser deste apartado da configuração humana, sempre ouvindo e sempre vendo e dançando como há muito não acontecia, numa subitânea alegria sem origem nem fim, uma alegria excruciante de viver, de estar vivo, de sentir em mim o sol e a manhã e a terra e o mundo, a família que ciranda, enquanto eu, dançando num corpo quase rejuvenescido, penso que escrevo a verdade deste momento, ou, pelo menos, a sua história. Aconteça o que acontecer isto está a ser vivido e isto é vívido tempo de uma existência votada à sua morte, não vale a pena tentar obliterar a evidência de um destino: mas agora a alegria sobrepõe-se como uma loucura entranhando-se na realidade das coisas, coisa de que mal se pode falar, coisa descoisificada, antes música e dança, esta emoção, eu dançando a vida que se esvai em vida que se foi e vem, advém para depois um dia explodir num fim onde a alalia não saberá responder a nenhuma pergunta que se lhe queira fazer. Melhor assim. Sol, luz, clarão na parede. Mas também devo agradecer a Son Seals, *Blues Holy Ghost* é o que passa, aceito-o como aceitei todos os outros, não tenho preconceitos nem faço discriminações: ser é o que é!

9-6-2004

## UM CASO CAPAZ DE EXCEPÇÃO

Maria João Pires dá-me de Chopin alguns dos seus *Nocturnos*, a tarde não deixa por isso de perder o seu sol, eu não deixo por isso de perder uma certa tristeza, não porque tenha sabido que no país em que vivo um homem morreu (eu que não ignoro que milhões de homens e de mulheres e de crianças morrem por esse mundo afora fora de qualquer notícia, na indiferença total dos meios de comunicação – e sem terem idade para ser da morte a sua naturalidade), mas sem dúvida porque... e não saberia explicar o porquê deste quê que me atinge tantas vezes onde menos sou do que sou: um homem vivendo o seu destino. Chopin, esse escreveu esta música que só possui de nocturna o nome, tudo o mais é semiótica ou significância, como se dizia outrora, mas é no menos que eu sempre vivi, é neste menos que escrevo, nesta privação, lembrem-se: *Sem camena não sei como poetizar a vida*, foi assim que comecei a aventura, neste *sem*, talvez seja assim que a acabarei, incapaz de prever um fim ou um fio que me introduza na luz do infinito em que não acredito, mesmo que, ou mesmo se, às vezes, a fragilidade do pensamento leve quem me sinto a sentir que talvez na vez a voz do acaso faça de mim um caso capaz de uma excepção...

9-6-2004

## HURT

Aproximo-me timidamente do que não sei o que é. Com palavras procuro fazer com que a transparência ou o invisível da suspeita se transforme em qualquer coisa de palpável, nada, ou apenas esta angústia, esta vertigem, cair no minuto seguinte num abismo sem fim, cair para não mais voltar. A doença. A dor. O corpo perdido em mim ou num sem mim da plausibilidade do eu, a consciência suada numa truculência dévia, que fazer, onde ir, quem chamar? A vida vai decorrendo num inferno de horas, as horas desdobram-se em minutos de carne dorida, a carne sobe à consciência como se o círculo fosse verdadeiramente vicioso, o círculo é vicioso. Quem sou? Ou talvez, mais humilde ainda, o que sou? Que terra me mora na demora que me habita, que horror é este que se madefica nesta humidade do ser, ser incapaz de alguma paz, de alguma alegria, de al-

gum prazer? Olho para todos os lados, que realidade me contém? Que real me prolonga ou abrevia? Que via se abre para poder ser quem sou? Que impossibilidade me impede de ser? De viver? Será isto já morrer, estar morto? Ouço Johnny Cash cantar a canção que me fere de apologias, *Hurt*, e nenhuma verdade é mais profundamente sentida que esta que estou a sentir, a emoção de quem sabe o que significa dizer sofrimento quando da morte me aflige tanto estar tão vivo para sofrê-la sem remissão... Ouço-o como se não soubesse que Johnny Cash morreu, ouço-o na voz com que escrevo este lamento, esta obsessão, este reencontro.

16-6-2004

## A CONTRADIÇÃO

Corpo da experiência química (as drogas que se tomam para nos salvar), meu ser sofre a contradição de uma sobrevivência que é desejo e o desejo de acabar com a existência onde mais dói o que nos é ausência e estranheza. Alguém vive em mim uma desproporção e eu desconheço quem é. Vou daqui para ali como se não houvesse espaço nem pudesse perceber o tempo, vou como se a abstracção fosse completamente concreta na minha carne desfeita num pranto onde o choro nem sequer atinge a lágrima que poderia aliviar a tensão da hora. Corpo da consciência ferida não possuo nenhuma ciência nem nenhuma sabedoria, minha velhice é uma passagem de anos desaparecidos na memória de uma constante catacrese, aproximação mais ou menos feliz da infelicidade com que se coroa uma existência. Sim, ouço as vozes daqueles que cantam, é um prazer morrer ouvindo esses *blues* e essas metamorfoses do sofrimento. Que um sorriso me abra os lábios, vaginas de medo espantam-me no segredo ontológico, nascer e morrer, vir ao mundo, desaparecer, e depois nada, nada de nada, sem que se possa alicerçar um niilismo como filosofia capaz de atrair o mercado dos vendedores e dos consumidores de livros. Onde a emoção? O pensamento? A sensibilidade? Homem contemporâneo perco-me na bioquímica como quem não encontra uma casa onde descansar da viagem há muito encetada!...

17-6-2004

## QUE SE PASSA, QUE SE PASSA?

Acordo estremunhado aos gritos roufenhos de R.L. Burnside, que se passa? Vou até à janela e a vizinhança continua a ser parte do mundo. Ah, o céu, e o sol, e a terra, e eu que vivo ainda e apesar de tudo, e este *e* a fazer-se retórico como se fosse ainda possível viver um estilo. Estou vivo! Uma alegria coincide com o clarão de luz que fere a parede num repente quase eterno, uma lágrima inopinada sai de mim e desce pelo rosto num sentido que me deixa perplexo. Vivo, digo para quem não me pode ouvir, vivo, e não saio desta exclamação. É como se não pudesse mais empregar o *como se* da fórmula que me acompanha desde sempre, é como se não me fosse possível cumprir essa promessa, é esta solta contradição de quem vive no medo de uma alegria sem que possa saber de onde a onde é quem é e para onde vai quando diz que chega a um aqui que certamente nem existe nem nunca poderia ser matéria verbal. A vida e a morte são mais do que palavras, agem em mim de tal forma que perco nelas qualquer possibilidade de actualizar o viver, esta passagem filtra onde se sente que as idades não são formas capazes de uma absorção ou de um pensamento. Resta-me a emoção de ouvir na música a luz que vejo reflectida nas fachadas dos prédios em frente, frente a mim uma imagem de homem reflecte-se na vidraça um pouco suja, sou casualmente eu, acordado pela voz de Burnside nesta manhã onde a alegria é uma surpresa!

18-6-2004

## AQUÉM DE TÃO RARO DESÍGNIO

Na deiscência teratológica da manhã (que exagero!), um olhar oblíquo pela janela enevoadada, bandeiras nacionais nas fachadas pontuam ilusões pátrias, que se há-de fazer? O sonho não é...? Há nisto tudo uma infantilidade comovente, comovo-me, confesso, por o homem se encontrar ainda neste estado da sua evolução, os milhões de anos que serão precisos para que uma outra civilização se imponha na consciência da humanidade! Vive-se pois disto, é o que susurro, do sonho, vencer-se o que não tem importância, deixando para trás os verdadeiros que são problemas: nossas existências. Mas a alienação, com os seus corolários, já foi diagnosticada, não me ca-



be a mim perder tempo com considerações, é-se o que se é, falo dos homens e das mulheres, somos assim, ou ainda assim, que se pode fazer? Não, não vou lançar a palavra impotência neste discurso, não vou explicitar a estranheza que sempre senti por ter caído como um inumano neste planeta à deriva no universo, se há algo a fazer é esquecer o sofrimento passado e tentar evitar qualquer queda futura, sempre fugindo da vesânia, do desconcerto que parece caracterizar as sociedades humanas, ou pretendidas humanas, mas que, infelizmente, estão ainda tão aquém de tão raro desígnio!

21-6-2004

### APENAS O DIA QUE SE VIVE

Homem atmosférico que sou espero mesmo assim que o sol surja entre as nuvens plúmbeas –plúmbeas?– que pairam sobre mim, afinal o Verão deve estar à porta ou à janela, e se eu não sou o Verão, mesmo que esteja à janela, seria bom ver a luz do sol palpitando sobre as fachadas dos edifícios deste bairro adormecido na manhã. Não há música. Há apenas o dia que se vive, a mulher que se prepara para ir trabalhar, eu que escrevo sem me ter preparado para ser um escrevedor ou receber as musas. Há, já agora, a memória do fim de semana, e a emoção de ter visto novamente as andorinhas voando junto das águas azuis da piscina. É um espectáculo barato, não se pode comparar, de todo, com uma produção hollyoodesca, mas a alegria é tanta, vê-las caindo num voo raso sobre as águas cintilantes de insinuações reflexas, vê-las como pequenos aviões vivos abastecendo-se de água num oceano pacífico, e depois subindo feéricas, abandonando-me num silêncio ecológico e amíntico, a mim que nestas últimas semanas tenho sofrido um não sei quê que me tolda os sentidos, a mim que me turvo de inquietação e de receios, que repito até à exaustão a angústia de não saber envelhecer com dignidade. Sim, sejamos lúcidos. Nada de comiserações! A verdade é só uma! Só eu sei, e não é fácil dizê-lo nesta confissão a despropósito, quanto preciso das andorinhas, só eu sei a falta que senti por não as ter visto até agora evoluindo no horizonte descoberto pelas portadas, só eu sei quanto há de incurável na solidão!

21-6-2004

## ESSE SOL SIDERADO PELA ÁGUA

A disparidade que é estar a ouvir o *blues* de Dylan, *Meet me in the morning*, saindo de casa, na versão de Theodis Ealey, enquanto eu, qual leão marinho, desço às profundezas azuis da piscina como se o som fosse um vaivém onde o ser do que se é oscilasse num requebro. A manhã de domingo paira pelas onze horas, vento, é verdade, mas o alpendre protege, não só do sol, como da nortada que costuma assolar a costa do país. Mais umas braçadas, mais um desejo do corpo ser corpo na flutuação morna, ei-lo, esse sol siderado pela água que invade o olhar, enquanto Theo canta, muito depois de Dylan, *They say the darkest hour is just before the dawn*, mergulhando eu novamente em busca de um reflexo traiçoeiro que tomo como realidade, embora da realidade não subsistam já muitas ilusões. Fica-me porém, quase que filosoficamente, mais até do que socialmente, o *they* tantas vezes empregue por Dylan, um pronome em tudo pessoal que daria para inspirar teses não só, mas também, universitárias e capazes de trazer ao pensamento contemporâneos o que há de contemporaneidade no que há, que é isto, esta disparidade, este ir e vir, este subir e descer, com o sol afogado na água.

28-6-2004

## UM POUCO DO AZUL DO CÉU

Um pouco de silêncio, um pouco da luminosidade da manhã, um pouco do azul do céu entrevisto pela janela para que possa meditar, para que possa permanecer em mim alguns minutos num ínstase capaz de me trazer o mundo que me rodeia, capaz de me levar a memória a passos do passado onde fui sem dúvida alguém. Ignoro se estou a sentir alguma coisa, ignoro até que ponto sentir não será um ludíbrio da consciência ou do corpo, ignoro até se *alguma coisa* não será uma invenção factícia da desmedida que caracteriza a humanidade do homem. Não sei se isto que escrevo na alegria de escrever é uma dimensão do pensar, estou bem, digo-me aflogisticamente, estou bem, e sorrio, já não como o menino que sem dúvida fui, mas como o velho que mais dia menos dia serei, se..., se continuar a viver mais alguns anos. A vida vai-se varrida de tempo, é normal, não há nesse facto nenhuma monstruosidade, o que está

mal é eu sentir no envelhecimento um mal, um..., como dizer, um crime, um crime de lesa-vida, se me é permitido tal disparate. Díspar de mim outro ou de mim mesmo, que é a mesmíssima coisa, olho quase embevecido o cianismo celeste indiferente a qualquer redundância, a vida colhe-me de desmedida e de fogo neste silêncio, a vida não me fala nem me diz nada, esse nada não é um sol, esse nada oscila entre o sol e a terra, entre o sol e o mar, e eu não compreendo essa oscilação, esse movimento que faz mover meus sentidos de um onde imponderável a um onde ponderado, se for possível, se não se tratar apenas de uma brincadeira poética. Medito no silêncio da vida, saberia pensar uma luz?

30-6-2004

## UM ESTENDER DE MÃOS AMÁVEIS

Uma inesperada alegria desmembra-me homem da ocasião inesperada, ser agora este momento, ser agora esta vez irrepetível, esta voz fertilizando o silêncio que se faz sentir nas superfícies dos objectos que me rodeiam. Há seres humanos muito perto em labutas diárias, amo-os como não poderia deixar de ser, *deixar de ser* é uma expressão enigmática, fica por aqui como uma emergência das vicissitudes do acaso, não vou tentar deslindar os melindres da sua existência linguística ou cultural. A vida é sempre um recurso e um percurso, outros até diriam, como disseram, é um discurso, é a rede onde nos encontramos. Dela podem-se efabular histórias e aventuras, princípios e fins, dela mal se pode chegar aos arremessos da sua solvência ou do seu alcance. Mas porquê, e para regressar ao começo, como sempre acontece... (não sei se já se aperceberam?), esta alegria, que até se quis inesperada, me desmembra? Não vou explicar o inexplicável *do que é*, seria de todo estúpido da minha parte (embora não ficasse mal a uma estética da estupidez!), lembro só a imperativa apresentação do ctónico conflito que se esboça, nem vou, num razoado filosófico mas passado, falar da clivagem que caracteriza o homem moderno ou mesmo contemporâneo. Ser-me-ia possível fazer passar genuinamente a alegria que subsiste como subsiste a manhã? Ignoro de todo os poderes da linguagem. Até me arrepio, devo dizê-lo abertamente, quando se fala de *poderes*. Não haverá uma outra coisa que se possa pedir à língua? Uma

carícia, outro afago? Um estender de mãos amáveis?

30-6-2004

## MUDAR DE VIDA! MUDAR DE VIDA!

Mudar de vida!, mudar de vida!, diz-me, por outras palavras, a jovem médica. Eu olho-a com olhos algo lassos, incapaz de qualquer ironia, lembrando-me que já em oitenta e dois, em San Rafael, a dois passos ao norte de San Francisco, alguém me dizia: *You've got to change your life style*, e eu sem realmente perceber como se pode mudar uma vida que se nos faz destino. Estou perdido, é o que me vem imediatamente à cabeça, este menos que pensamento, esta estranhíssima sensação de que não há mundo ou de que não sou deste mundo. *You've got to change your life style!* É quase um começo de *blues*, é, na realidade, um *blues*. Eu vivo-o ignaro porque ignoro de todo o que é um estilo, não ignoro contudo o que é um estilete escarificando meu corpo onde a carne é a fragilidade de uma permanência ávida. O verbo ser, não sei se repararam (terá sido pois um traço de um estilo que me ignora, a mim que escrevo, a mim que me perco?) irrompeu por três vezes na frase anterior, como explicar tal fenómeno, tal emergência? Não sei. E aquele adjetivo, *ávida*, que esconde? Fosse eu agora quem não sou para, num golpe inesperado, tentar ler o que aqui se passa porque é poro e passagem. Que poderia dizer num arroubo didáctico? Que seria preciso fazer-se alguma violência para se desmembrar o adjetivo, que parece inócuo na sua manifestação, trazendo ao cimo do sentido o oculto à *vida*, diferida sonoridade.

30-6-2004

## O HOMEM QUE SABIA MORRER

Morreu Marlon Brando, o homem que sabia morrer. Pelo menos na tela, e meu *alter ego*, pelo menos enquanto a adolescência durou, deixando-me agora este silêncio, eco longínquo de um tempo e de um eu, azo para uma meditação que se quer furtar à lógica da memória e da celebração, embora bem fundo todo eu propenda para essa juventude numa vila atlântica onde a maresia toldava os sen-

tidos de iodo, onde a pacatez entediava a energia do corpo que se desenvolvia ao compasso e ao ritmo de um Elvis Presley que nada tinha a ver com a amargura fadista de um povo entretido na sua própria pobreza. Foram tantos os filmes e tanta a imaginação, mas sobretudo o que me empolgava era ver, com olhos maravilhados de espanto, a maneira como Brando conseguia traduzir o fim, a morte inescapável, num começo terrível de insignificância, dando-me assim o *paradoxo* como a apreensão mais certa do que é a realidade humana quando se pretende dela falar com honestidade. Lembro-me, comovido, da morte das suas personagens em filmes como: *Viva Zapata!*, *Mutiny on the Bounty*, *The Fugitive Kind*, *The Young Lions*, *Last Tango in Paris*, *Burn!*, *The Missouri Breaks*, *The Godfather*, e de tantas outras que não me lembro, já que morrer foi uma arte brandiana, ele que nem sequer considerava arte a representação, ele que me ensinou a compreender que a escrita que prodigalizo também não se insere nem deseja inserir-se no que o ocidente persiste em denominar de arte ao que é simples vida e viver.

6-7-2004

## ALGURES NUM CÉU PERICLITANTE

Cedíssimo na manhã, um sol ainda frágil algures num céu periclitante, já as mulheres de casa, esposa e filha, se atarefam para o dia de trabalho, e eu aqui, diante da luz branca, fingindo que trabalho, deixando cair palavra após palavra nesta sintagmática sina de quem não compreende o mundo e quem cá vive, tentando fazer disto a acção de uma energia que me recupere homem para o que der e vier, mesmo se não entendo muito bem o que estou a dizer. Sete e dez, a casa silenciosa, a mulher acaba de sair depositando-me um beijo húmido nos meus lábios. Minha filha fala com a gata em afectos despropositados, a sala permanece escura, só junto à janela, onde me encontro, a luz se efectiva de uma maneira mais precisa, só aqui eu posso ver as fachadas dos prédios que ainda não se tingem de luminosidade. Sei reconhecer a realidade do mundo, difícil porém me é suportar este silêncio matutino, a voz de alguém deveria já fazer-se ouvir, que música me traria ao apogeu de uma esteira, que sons ousariam celebrar mais um dia?... Minha filha ciranda na cozinha, daqui para ali, prepara o pequeno almoço, é já uma

mulher feita, vi-a crescer como quem é ou foi ou tentou ser um pai, há coisas que brotam e decorrem do real sem que haja sequer um mistério a defini-las, há coisas que sucedem no tempo sucessão de acontecimentos e contingências e acasos, que dizer do que nunca foi dito, que ser do que nunca foi pensado, que pensar disto tudo que gira à nossa volta como se o giro nada mais fosse do que uma prova do que é?

7-7-2004

### A PEQUENA MANCHA DE LUZ

A pequena mancha de luz solar na parede, a dois passos onde me encontro, vibrando quente e fulva de uma alegria insuspeita, não como uma sarça ardente que se adora, não como uma partida para um êxtase eco de uma extemporaneidade divinatória, a pequena mancha de luz durando breve como uma vida breve que se vive, a vida projectada na luz e na parede, o impulso e a atracção sensual e quase sexual como quando, diante de uma mulher nua, não se pode evitar uma erecção, o corpo convergindo nesse limite ávido, o espírito perdido para as coisas da terra como do mundo, a humanidade que nos é impedida de seguir o seu curso, dissoluta. A mancha fulva, *peau de chagrin* de outras culturas, transfigurada pelo poder genesíaco do sol, estreita-se com o decorrer dos minutos, sem ameaças ou fatalismos. Buddy Guy canta, comovido de recursos, *I Gotta Try You Girl*, ignoro de todo se ainda chegará a tempo ou, pior ainda, se esse tempo não lhe teria chegado ao fim. Envelhece-se, caro amigo. Como aliás ele o confirma no *blues* talvez confessional *Done Got Old*, versão do clássico *I Can't Get No Lovin'*. A mim ninguém me tirará a alegria de sentir, enquanto dura, o sol na parede pulsando como um coração da terra, a alegria de estar vivo, de ser vida, vida imane, que se quer agarrar ao sol e à terra mesmo que o mundo e suas políticas sejam uma coisa infecta: ei-lo, cada vez mais estreito, ei-lo, desaparecendo no seu brilho icástico, esse clarão fugaz, uma estrela diurna que só eu vejo, enquanto a música absorve a manhã feliz nos seus recantos mais absortos, enquanto um homem escreve a pèrvia temporalidade.

7-7-2004

## DO MEU CORPO E DA MINHA PSIQUE

Obnubilado pela insônia que dura há três dias, incapaz de juntar duas palavras para conseguir um discurso que seja minimamente humano, estou paralisado diante de mim mesmo como se não houvesse ninguém diante de mim, aflito por nenhuma identidade se perfilar como uma evidência, amorfo por sentir que nenhuma personalidade quer assumir-se suporte do meu corpo e da minha psique: sou uma deriva informe tentando formalizar pesos e medidas, correções e distâncias, o mundo lá fora e a terra extraordinariamente cá dentro, como se eu fosse da ordem de um desastre não só anímico como também telúrico: fogo é o que me arde no medo ou no horror que age como um abraço da insanidade mental. Olho, e o que vejo não é verdadeiramente uma visão ou uma sensação de reconhecimento, ao lado não há a possibilidade de um espaço e o tempo eclipsou-se como uma monstruosidade desconhecida dos anais da história. Estou feito. Perdido no sem sentido de qualquer ausência humana ou de qualquer essência apalpo-me aflito no corpo que deveria ser de um homem, mas isto que sinto como meu pertence ainda à humanidade como foi concebida ao longo dos séculos? É novamente a depressão que me comprime? Mas como, depois de tantos meses de sossego medicado, me atinge assim tão abruptamente? Que forças químicas pervagam os meandros das entranhas onde me suporte, que mal age para fustigar qualquer possibilidade de ser? Sem saber, dor de mim mesmo em mim mesmo sofrido, vejo minha vida esvaír-se sem vida numa incógnita.

12-7-2004

## O SILENTE OCEANO ILUMINADO DE SÓIS

Há quanto tempo não coloco a minha voz nesta expansível canção, por exemplo, neste sempre inclusivo, sempre amigável *blues*, mas a realidade é tão..., é, como dizer..., tão imprezível, e depois há tanto que fazer, que não há tempo para vir expor calmamente o que os dias têm a dizer, o que as noites nos sugerem, e é assim, essa voz suspende-se no tempo, um menos que eco, um gesto, um voo falho, impotente. Não que eu não pense, na azáfama coeva, entre afazeres e obrigações, nesta hora e neste lugar, surtos fazendo parte do es-

paço e do tempo, mas onde uma especial atenção é dada à língua e ao que mais nos é ser e nos cobre e acolhe sem que haja provas ou uma evidência. E para quê? Não há aqui nenhum santuário. Nenhum oráculo. Nenhuma luz que não a luz da manhã. Como agora. E essa luz não diz nada, não revela nada, nem sequer poderei dizer, filosófico, que é, ela também, um nada. Esta luz ainda matinal, aposta nas fachadas dos edifícios, ou dos prédios, se houver, já agora, nestes dois vocábulos alguma diferença (e há sempre uma diferença), é apenas a luminosidade de um dia de Verão, é apenas a luz que nos alegra, capaz até de nos trazer uma boa disposição que nos faça atravessar o dia como se fossemos silentes barcos atravessando o silente oceano iluminado de sóis.

19-7-2004

## SEM QUE SE POSSA FALAR

Não há nenhuma tragédia, quer clássica quer contemporânea, nessa mancha lambendo a parede matinal. Como não há nenhum drama corrompendo a luminosidade que dela emana como um foco expectante. Não há uma comédia querendo destruir o fulgor da hora. Há apenas essa mancha que, com as horas, vai diminuindo até não ser mais do que a memória do que foi. E há esta verdade, a música de Bach, esta *Partita*, penso eu que a nº 2, passando como passa o tempo, quase incitando-me a dialogar com ela, eu que estou incapaz de excitações quer do corpo quer da alma quer do coração, que sei apenas ouvir como uma criança que mal aprendeu a falar e muito menos a escrever, que sou apenas levado de mão em mão para regiões onde o ser deixa de ser para se tornar um lugar onde só existe tempo, passagem do tempo, maravilha e, ao mesmo tempo, certo horror, a expressão de um fim, corte onde não haverá mais suporte nem língua, nem quem nos ama nem quem amamos, mas apenas a solidão, e talvez também um outro clarão numa outra parede, sol de um outro universo, sol sem luz, apenas abismo correspondendo a um chamamento que não compreendemos, atônito reverso do mundo como o conhecemos, sem que se possa falar de tragédia ou de comédia ou de drama, mas apenas de clara morte.

20-7-2004



## OLHO PELA PORTADA DISJUNTIVA

Há, terrível, essa figura, mesmo diante de mim, quando de mim já não sei se há mais do que a tradição de um jeito ou de um trejeito da linguagem: há este abismo abismando-se na materialidade dos dias, há esta tristeza sem razão aparente, há este desejo de sentir no silêncio da tarde, vivendo-a, a morte, não a minha, mas daqueles que em menos de dois anos e meio me deixaram, cadáver incapaz agora de ser enterrado. Olho pela portada disjuntiva e nada mais vejo que uma figura clivada: não sou eu esse estranho. Estranho essa estranheza, como se na paisagem que avança sempre em frente nas suas colinas quase imperceptíveis não pudesse mais haver um mundo e muito menos um homem: é do abismo que não renasço nem morro, antes permaneço absorto como antiga estátua que nunca possuiu um modelo, incapaz de tempo e de espaço, esperando uma mãe, uma tia, um tio que não serão capazes de sair da terra para, num gesto amante, me beijarem por uma última vez. A verdade é esta: minha vida não era só minha. Historicamente estranho, para não dizer estrangeiro como fui, fui aceite no seio da família, e essa família que perdi perco-a duplamente quando meu desejo seria dizer, talvez pela primeira vez, *nossa família*, para poder deixar a rigidez da estátua e começar de novo a respirar, enquanto ao longe uma canção fechasse para sempre o abismo em que me atordo. Vós que partistes, peço-vos, abandonai minha memória. O amor e o sofrimento que tenho sentido nestes últimos tempos são inúteis confrontados com a crueldade da vida. Sei que há o sol, sei que há a mulher, sei que há a filha. Outras famílias são outras famílias. Outros abismos não são apenas metáforas ou as figuras em que podemos repousar da viagem e das contingências. Como há morte, também há vida. Tarde de um dia de Verão, levanto-me, estou com fome, vou à cozinha e abismo-me literalmente num pão saloio da região. Há muita metafísica na fome que abrasa o ventre, há alguma física nesta energia em que me movo. Se o tempo continuar assim ainda dou um mergulho na piscina, essas águas maternais! Mãe, não te quero esquecer! Tio e tia, não vos quero esquecer. O miúdo que conhecestes, não o consegui assassinar. Envelheço, não podia deixar de ser, se o ser de facto é, todos os dias, mas quantos de vós sequer suspeitarão que morrerei menino abissal?

## NESTA AZÁFAMA DA DIVERSA ALEGRIA

Regresso, como sempre regresso, com a sensação de ter cometido um crime por ter faltado, durante tanto tanto tempo, ao convívio com o auge da língua. Regresso pois com um remorso, ter conseguido sobreviver todo este tempo sem ter depositado num outro tempo palavras concitadas pela existência de um ser que me alcança onde sou apenas o que de mim se escapa irremeavelmente se não houver uma inscrição qualquer que fixe a realidade da experiência vivida. Mas regressado como sou, ou como estou, não mais jovem nem tomado por um vento de loucura. Sei que tenho de continuar os dias nesta azáfama da diversa alegria, mesmo quando se trata de dizer, e quanto custa às vezes, o sofrimento e o prazer. Tentando sempre fazer a língua ir mais longe e fundo, isto é, até aos seus limites de inteligibilidade emotiva, levando-a e levando-me em explorações sonoras e semânticas capazes de nos confundirem na fusão de uma *eumocão* onde o movimento se completa em pensamento. É neste conceito concedido pelo acaso e pelo exercício da escrita que gosto de ser o que a vida me inculca de vida, é assim que faz sentido ser-se da sensibilidade a sua sensualidade e o seu fascínio, sentindo a novidade do que aparece, uma estranheza que nos oferece toda a naturalidade do que é e existe como se nada fosse. Como se o nada quisesse a todo o custo ser, irromper a partir do nada, precisando apenas da coragem e da paciência de alguém capaz de sentir o algo que dói, na indiferença do mundo e da consciência, para nos trazer a confirmação de uma possibilidade ao alcance da humanidade, isto é, de todos os homens e de todas as mulheres.

30-8-2004

## PORÉTICO É O SEU COMEÇO

Enquanto John Campbell canta postumamente, eu vou escrevendo neste presente de todas as coisas que acontecem como não acontecem, sensações assistindo-me por entre limites de uma sensibilidade que procura dar conta da realidade do que é real, e do que é apenas imaginário. A tarde já não está no seu começo, eu não estou no meu começo, a canção que ouço dá lugar a outra canção, esta *Angel of Sorrow*, inolvidável. Todo eu me distendendo numa corda vibrá-

til onde o ser cede feliz à insinuação da sua perda, o que quer que isso queira dizer, já que não posso compreender a invasão de tal vocábulo neste contexto. Que fazer? Não há nada a fazer, senão continuar. Como na vida? Claro, como na vida. Que é esta escrita senão a verbalização do que se passa na vida, que são estes textos que se estendem ao longo do livro, que é este livro senão um destino, uma vida? Assim pensando, assim sentindo, até que tudo parece mais fácil, não é? E depois há a música, ouvi-la é aceitar em quem nos é quem somos, se me faço agora compreender. E mesmo que não seja compreensível o sentido do sentido e do inteligido, qualquer coisa fica, um resíduo, um rastro, de qualquer coisa que passou, que foi, a coisa de que não se podendo falar fala mesmo assim como se soubesse o que nós, humanos que somos, ignoramos. A ignorância é um poço sem fundo, um pouco como quando se diz que a estupidez não tem limites. Há, aquém e além da inteligência, outro mundo por explorar, porético é o seu começo.

31-8-2004

## UMA VIDA VERDADEIRA

Ignoro o que vou escrever da mesma maneira que ignoro o que vou fazer depois de sair do apartamento, será motivo para preocupação? Não. Estou sereníssimo, ouvindo esta música que me invade sem restrições, vendo palavras desfilando atrás de palavras em ordeiras linhas que parecem descer a um poço que não tem fundo. Eu sou, infelizmente, esse metafórico fundo, para lá de ser, muito realisticamente, um homem. Quero pois dizer que não existo? Dizem-se coisas como se fosse a língua que nos fizesse proferir disparates, há um impulso, um desejo, um ir em frente, uma cegueira, há uma pulsão de morte, suicídios inconscientes onde se desconhece em que corpo uma mente procura o desconhecido, essa fantasia da ideologia, da antiguidade do pensamento. Há nas palavras que se usam autênticas armadilhas, não as da polissemia, que seriam já bastantes, mas certos trejeitos de uma quase maldade onde se procura ferir o que de melhor se julgou bispar na exaltação. Mas que fazer? Corre-se sempre certos riscos quando se deseja viver bordejando o abismo que separa o passado do futuro, estar presente diante do nada não é uma oferta que se receba da predestinação. Estar vivo é

atravessar a corda bamba entre dois pontos. Nascer e morrer, se são cúmulos da existência, não bastam para determinar que vai haver uma vida verdadeira, vegetar cabe a muita boa gente, ou ser simplesmente animal. Mas ser-se humano não será outra coisa? Não será trazer à vida uma dimensão capaz de a transformar em mais do que vida, em vida não só aceite mas também desejada?

31-8-2004

## APENAS A TRISTEZA

Setembro setembrou pelo tempo adentro como se tudo fosse possível, nem tudo é possível, mas o tempo, quer Kant queira quer não, existe, e os meses passam ora compassadamente, ora..., ora como? Eis pois a aporia de hoje. Não é que não esteja habituado a aporias, só que hoje apetecia-me espriar-me língua pela realidade do mundo e fazer-me ser, quero dizer, algo capaz de transpor para a linguagem os testemunhos dos eventos que sacodem as sociedades contemporâneas. Que se passa no mundo? Oh, o sofrimento é tanto que fico quase interdito, que dizer? Horror não é só uma palavra do léxico... Terror não pertence apenas à retórica das semânticas humanas. Haver imagens televisivas do horror e do terror espelhadas e espalhadas pelo globo, que significa? Há uma compreensão para o fenómeno? Há uma verdade por detrás do que se ouve e vê em telejornais aparentemente objectivos? *Blues* nenhum nesta tarde de Setembro, apenas o silêncio e o barulho do teclado, apenas a tristeza, de uma condição humana defraudada, e a sensação de que pensar a vida social ao longo dos séculos foi tarefa inútil, é ainda hoje tempo perdido. Num exilado Paris lá me dizia, sagaz, o cínico amigo: só há interesses, tudo o mais é paleio de chacha. Que interesse tenho eu em estar a escrever este texto? Incapaz de saber responder, descubro-me incapaz de ser.

6-9-2004

## IRRAZOABILIDADE INCOMENSURÁVEL

Mas o sol é uma realidade traiçoeira. O sol, como tantas vezes o sugeri, soletra uma alegria que nos impede de ficar muito tempo a

viver a perdição do mundo e dos seus afluentes, o sol quer-nos alçados ao esplendor da vida, mesmo que seja uma ilusão essa postura mais que ideológica, essa postura biológica, o corpo a ferver num calor cósmico, num calor vindo da imensidão azul onde o planeta terra gira como uma bola na sua irrazoabilidade incomensurável. O sol não se preocupa absolutamente nada com a dor da consciência, ninguém é humano nem nada é importante para os seus raios amorais, que lhe importa o bem ou o mal, o aquém ou o além? Nenhuma prosopopeia o atinge ou o define, o sol não se deixa solidificar nem petrificar num achado científico, ei-lo, clarão no azul do céu, e a sensação de senti-lo ser no corpo é tão boa que o próprio remorso, de não haver agora uma compaixão pelo sofrimento alheio, se esvaece em nada. Nada apenas, ou paira, este nada inconsciente, ou melhor, aconsciente, esta coisa quase solarenga onde se diria que outrora houve ser e depois desvelamento, mas agora é a hora, sol, sol, sol, cantaram-no, vilipendiaram-no, ei-lo, sempre indiferente e diferente cada dia que passa, essa brasa e esse braseiro, essa chamada de atenção, o sol, contíguo ao sul e ao sal na língua portuguesa, mas ocultando os incógnitos sel e sil que não ousaram emergir, como possibilidades lexical e semântica no remoinho da imanência. Talvez um dia, alguém, um desconhecido escrevedor, saiba ou possa dar o passo, inspirado pelo calor solar, e nos diga o que contêm de possibilidade tão estranhos sons!

6-9-2004

## E A VIDA É SÓ UMA

Ir por essas ruas suburbanas de uma mentalidade mais do que pátria, ir obsoleto e comedido, vendo as pessoas que passam em tarefas quotidianas, já sem saber muito bem, depois de umas férias, onde começa o mundo e acaba a terra, sentindo apenas que há algures em redor um atraso, das coisas como dos objectos, das pessoas que parecem viver ainda num século passado, ou, pelo menos, com anos de atraso em relação a outras realidades sociais. É ver, com olhos de ver, que parecem não existir, a sujidade que junca as ruas, os coprólitos caninos, os papéis e as folhas dos jornais do terceiro mundo esvoaçando ao vento da sensibilidade dos cidadãos. Ver os automóveis estacionados sobre os passeios é um espectáculo que

não espanta nem escandaliza ninguém. Nem tão-pouco a velocidade a que os veículos se movem dentro das localidades, autênticos crimes que seriam considerados noutros locais da terra, aqui consentidos pelos próprios pais, inconscientes dos perigos que correm os filhos. O passeio pelas ruas destas cidades que se ignoram há muito que tinha deixado de ser um prazer, mas agora é simplesmente um pesadelo. E dizem que fizeram uma revolução, que alcançaram uma democracia, que o povo é quem mais ordena, não se pode dizer que tenha ordenado grande coisa. É assim, suspira quem vai, sempre cioso de um bem-estar, pelas ruas suburbanas de uma mentalidade menos que pátria, forçadamente obsoleto, mas pouco comedido. E a vida é só uma. Tê-la vivido grande parte nesta mediocridade deixa cicatrizes que nenhum bálsamo conseguirá apagar. E é assim. E é assim?! Claro, que mais se poderá acrescentar?! Que será preciso fazer outra revolução? Quem vai nessa, ó meu?

6-9-2004

### QUE HÁ DE IMPORTANTE A DIZER?

Que há de importante a dizer? O importante esboroa-se nos meus dedos como coisa, senão fictícia, pelo menos como coisa impossível de ser apreendida imediatamente. Que dizer será capaz de sobreviver a este desejo de sentir o mundo como uma fala única? Não há aqui ou além nenhuma unidade, há apenas a sucessão de tempos temporalizando a experiência do que há, a vivência de locais onde se colocam pés e o corpo nos obedece como se dentro de nós houvesse alguém: há, neste preciso momento, um *bluesman* cujo nome não me escapa nem se escapa de tão ultimamente ouvido: Big Jack Johnson. Ele canta velhos e novos *blues* com o à-vontade de quem sabe do que fala. Será importante, é a pergunta que me faço, revelar o título de alguns desses *blues*? Agora mesmo enceta um *Hummingbird* que vai durar, se não me engano, quatro minutos e quarenta segundos. Ouço, dividido entre a lealdade que devo a esta escrita e o prazer que é ser por interposta pessoa o que soa a qualquer coisa de diferente: ser sempre teve muito que se lhe diga. Mas já o *blues* é outro: *You're gonna make me cry*, onde se fazem ouvir esses gritos de amor que me são desde já extemporâneos, o tempo para o sofrimento amoroso volvido. Mas o *blues* que se segue, pela sua pro-

blemática, sem dúvida que me concerne sobremaneira. Chama-se *I can't get no lovin'*: um grito e um lamento de quem envelhece e já não é capaz de ser mais o corpo do amor que fora quando foi!

8-9-2004

## A VERDADE DO QUE ACONTECE

Pelas estradas da região, Sintra a vila, vou como se não tivesse princípio nem fim, vou ora tendo a serra como pano de fundo, ora tendo o mar como escama brilhando sob um sol perdido entre nuvens envolvidas em esbranquiçados novelos da porosidade atmosférica. Vou o coração ao alto, vazio de mim mesmo para melhor sentir a acção do tempo que faz, apreciando na pele o sol através do calor que preenche o automóvel com insinuações que não sou capaz de interpretar. É uma pena! Mas vou, agora uma praia depois da descida, alguns corpos dentro e fora da água, rapazes e raparigas, algumas crianças com as suas mães. E depois, zelos da natureza, as falésias quase a pique, elos geológicos de tempos imemoriais, sinais de cataclismos ou de catástrofes quando se pretende explicar os fenómenos havidos na terra em termos de conhecimento. Poalhas e névoas, o oceano perdido brilho aquático na imensidão da luz, quem sou eu não é mais uma pergunta que se faça, por isso não a faço. Que fazemos na aqui também já deixou de ser uma questionação pertinente, ser é estar, estar é ou não é ser? Que estupidéz! A metafísica não é mais moda no ocidente, mas o ocaso, por acaso, até que existe, é vê-lo, a esse sol, é vê-lo declinante a querer desaparecer fogo nas águas do mar, mesmo que se tenha usado, para isso, uma prosopopeia. A verdade do que acontece toca na verdade do que se diz: desvela-se!

8-9-2004

## DEIXAR O QUE É COMO ESTÁ!

Já não digo, ir mais longe, ir mais longe, porque é neste perto que desejo permanecer, mas sussurro, ainda um pouco aflito, saber da hora o que acontece e me toca, me faz sentir a terra e o mundo, me faz consentir pleno de mim mesmo este corpo onde por vezes esca-

bujo no mal do sofrimento como exulto no bem do prazer. O que acontece à minha volta? Eis que o redor rodeia e inebria de sensações os sentidos e a consciência, eis que pensar se transforma em emoções, comovo-me eu de um ser humano que me habita, ora aqui ora ali, ora alguém ora ninguém, ora fixo ora passando, anverso e reverso? Que troco concedo ao que me toca? A vida passa ar que se respira e aragem como alagem, vir até ver e ouvir e sentir e depois pressentir que nada mais existe que o movimento, eis o que se aprende no que se esquece, as coisas tão surdas como mudas, a história da memória apenas um mito entre muitos mais mitos que povoaram o ocidente: ser foi sem dúvida uma aventura, ser, se ainda quiser ser e sobreviver, terá que ser o toque desta mão quente nessa outra mão que só espera pelo sinal. Não, não sei do que estou a falar, porém é disso mesmo que se trata, desse não-saber, não vamos estragar tudo com falsas sabedorias ou filosóficos e poéticos conhecimentos, basta-nos o genuíno disparate porético, ei-lo, assim tão ingênuo, assim tão, e depois não se acrescenta mais nada. Por favor, deixemos o que é como está!

8-9-2004

### VALERÁ A PENA VALER A PENA?

Às vezes perguntas insidiosas infiltram-se na consciência como quem não quer a coisa, do género: valerá a pena escrever o que quer que seja? Valerá a pena perder-se tempo a pensar que tipo de realidade exige emergir do seu limbo para vir florir na facticidade de um texto? Valerá a pena valer a pena? Às vezes, ou quase sempre, não se consegue, porque não se sabe, responder, e então essas e outras perguntas pairam em redor fazendo doer qualquer coisa que em nós existe, algo que se assemelha muito ao que outrora foi ou era uma alma. Um, como dizer, vazio, ainda inexplorado, explode de expectativa perante o que nos acontece, a vida é estranha, a vida não nos entrega o que a língua diz quando suspeita de um conclave, há sons, sonoridades, será essa *cora* que ainda faz corar as filosofias, será apenas a voz que subsiste dentro de nós, apesar de tudo e de todos, e penso sobretudo na tentativa ocidental de se acabar, tão bem que mal, com a metafísica do sujeito? Olho espantado para as palavras que aparecem no monitor acinzentado e não fico de todo



insensível à assonância que por acaso eclodiu, se bem que urdida de dispositivos onde não entrou nenhuma intencionalidade, mas a sintaxe não se contradiz, ou melhor, não me contradiz? Vou ter que pensar noutras estratégias e noutras táticas, que poderei sentir agora que escrevo? Não, a tarde vai longa, os dias já começaram a diminuir, a luz é reflectida pelas fachadas dos edifícios em frente: às vezes esquece-se que há para toda a gente um sol solto no céu!

13-9-2004

### SIMPLES MORTAL

Nenhum *blues* agora, é verdade, mas na casa de campo todo o dia é um desfibrar de música, de manhã cedo ao arrebol crepuscular. Agora, aqui, no apartamento, também poderia ouvir música, mas prefiro, não sei porquê, o silêncio que nunca o é, ora automóveis passando na rua adjacente, ora o ruído do frigorífico em seus tumultos mecânicos. A gata já veio inspeccionar o perímetro vago do seu território, na sua indiferença olhou-me com uma animalidade incompreensível e foi-se novamente para o seu sol. Também eu, simples mortal, possuo um sol, estirado logo manhã cedo na espreguiçadeira, vestido, ou melhor, despido até onde existem as cuecas, saboreando as carícias solares. E as canções sucedendo-se, levantando-me apenas o tempo de mudar o CD, o tempo de ir fazer um chichi nas ervas que proliferam logo a seguir ao grande terreiro onde estacionam os carros... Haverá melhor vida? Há-as de todos os jeitos e feitios, não me posso queixar. Tudo é, digo irreflectidamente, tempo. Meu corpo, que já foi jovem, envelhece sem saber como, longe de qualquer sabedoria, perdido muitas vezes em dores quer físicas como espirituais. Não há nada a fazer. Não houve nada a fazer para não se nascer, não haverá nada a fazer para não se morrer. A morte, como a vida, é inquestionável. Há contudo o prazer. Sexual outrora, excessivamente sentido nos sentidos do corpo, do corpo a corpo, agora cada vez mais sensual, uma penugem, um sabor, eco de ecos que dissolvem a distância e trazem o alcance até onde menos se espera: a vida vive o tempo sem como nem porquê: afago!

13-9-2004

## TODA UMA OUTRA HISTÓRIA

Noites espeçado diante da televisão, a mulher a pedir-me filmes, isto é, histórias, e eu sem coragem para ser chato. Histórias, depois de um dia de trabalho, talvez seja compreensível, um pouco de evasão, que é como se diz, mas são sempre as mesmas, ou melhor, é sempre, invariavelmente, a mesma, com, é claro, as tais pequenas variações para que não se note o logro. Estou farto de histórias. Já o estava aos vinte anos, depois de lidos milhares de livros, milhares de romances. De tal maneira que, sentindo sempre o desejo de ler, me virei directamente para o dicionário e comecei a descobrir toda uma outra literatura aí escondida ou camuflada: foi uma revelação. As palavras saltavam dos seus lugares, contentes muitas delas por serem redescobertas, oclusas que estavam em halos de impotência, esquecidas das suas virtualidades originais, palpitando num frenesi como nunca as vira antes, chamando-me para orgias intelectuais onde até havia uma possibilidade de haver pensamento e a concomitante emoção da eclosão de ideias que nunca tinham visto a realidade de um discurso entregue ao derrame da acção. Toda uma outra história, se a ambiguidade ousar ser feliz e não houver maldade na leitura. De tal modo aconteceu o que aconteceu que ninguém foi capaz de reconhecer a língua onde pontificavam essas palavras postergadas para a crueldade da memória, muitos foram os que pensaram estar diante de bárbaros neologismos, outros, mais afortunados na sua imbecilidade, cuidaram estar frente a um caso de loucura, fizeram de conta que o que conta nada tem que ver com palavras. E venceram. O que lhes importa é o sentimento, o sentido da emoção a transmitir, o privilégio de serem tocados pela musa em horas a desoras, ecos de elos sibilinos e oraculares em que a verdade os toma num abraço lírico e lhes diz, em simples palavras, a essência, o fundamental da existência, ser luz na maravilha do ser, ser ser na translucidez de uma inspiração que vem sabe-se lá de onde, mas é sempre de cima, esse olho omnipresente que só o poeta consegue captar para depois o consagrar nessa essa que o devolve e legitima na plenitude de uma função legisladora capaz de mudar o mundo e suas mais deploráveis adjacências. Esta é a história que ainda prevalece. Apesar de tudo. Até de o ocidente ser um ocaso. Lutas e guerras entre histórias que procuram alcançar o poder, quando, o que se intentava, era apenas trazer à luz do sol uma outra sensibi-

lidade e um outro carisma, uma outra atitude, com outras palavras, essas aí, perdidas nos confins dos dicionários. Toda uma outra alegria, poder gritar *existo, existo*, com a pujança do que deseja viver, sobreviver, que é a fatalidade biológica de tudo o que se mexe e se movimenta. A diferença que há (mas tenho ainda que dizê-lo? E quantas mais vezes?) entre este ser e o tal ser caído do alto, uno, original, infinito! Sim, que remédio, querendo ser um bom marido, quantas e quantas noites, eu que detesto histórias e desde há muito, não estou junto a minha mulher vendo filmes que nunca farão história, ressaltando, que as há, as exceções. Alguma vez, as palavras que busquei em dicionários, farão história?

14-9-2004

## EVERYTHING I DO IS WRONG

Surpreendo-me a ciciar, «só mais um, só mais um», só mais um quê? Só mais um texto, tão simples como isso. É! Ou melhor, nunca é tão simples como isso! Deixo-me embalar por alguns *blues*, ouço *Five Long Years*, quem o canta é Kim Wilson, especialista da harmónica. Estou a ouvi-la, a essa harmónica, minha pele toda arrepiciada. E quando recomeça a cantar há tanta, como dizer, solenidade (que é uma má palavra para exprimir o que sinto) que não consigo alinhar o tal texto que deveria ser só mais um. Claro que irrompe um outro, este, com a desfaçatez de quem não faz cerimónia, que posso fazer para apagá-lo? Vou pois deixá-lo evoluir linha a linha até se perder no inferno do seu... do seu esquecimento, mas que abismo existe aí que não seja só metafórico? Melhor deixar para trás ressentimentos. *Tried to Ruin Me* é um outro *blues* que aceito *as a matter of fact*. A realidade é ou não é o que é? Não percebo a pergunta. Como formulá-la de uma maneira que seja compreensível? Queria dizer que... Queria realmente dizer alguma coisa? Não, o texto está de todo corrompido pela audição desta música que me inebria, não foi boa política ter colocado este CD no seu leitor, que leitores aguentarão de boa cara esta experiência que nem será, afinal de contas, estética? O «só mais um» não foi uma boa ideia. Mas quem não erra? Ouçam o *blues: Everything I Do Is Wrong*.

14-9-2004

## AFAZERES COMEZINHOS

As circunstâncias da vida, as obrigações, o inadiável, e depois é isto, este lapso, este abismo, não ter vindo ao local do encontro, aqui, que é como quem diz, a esta língua, que é como quem diz, a este tempo, a esta duração. Um ponto final não cairá mal neste preciso momento. Não que pretenda meditar na acção que perpetro, escrever já possui a sua filosofia e suas contradições, mas um ponto, mesmo que não seja final, permitir-me-á, sem dúvida, respirar com maior desapego em face da necessidade aviltada pelos afazeres comezinhos que a vida nos impõe. Mas essa azáfama, esse óbvio torvelinho, não é viver? Não será pactuar-se com uma qualquer ideologia idealista, e por isso nefasta, isto é, que nos prega partidas, dizer-se, ainda pejorativamente, *afazeres comezinhos*? O que há, na feitura deste texto, que não seja comezinho? Ah, pensamo-nos desvinculados de qualquer metafísica e ei-la que irrompe na pretensão de se pensar que este momento é um momento privilegiado, como se, se fosse possível, ainda dialogássemos com os deuses, ou, pelo menos, estivéssemos sob a influência das musas. Quero, apesar de tudo, e com todo este arrazoado um pouco a despropósito, sugerir que não senti a falta, ou o desejo, destes íntimos encontros? Seria falso desmentir o quanto a escrita me prescreve.

24-9-2004

## FEZES DA VELHA POESIA

Estou, como dizer, neste silêncio do silêncio, desnudo de mim próprio, ignorando se houve dizer no que acabei de escrever com uma convicção que me deixou até um pouco aturdido. Não, não vou revelar se é manhã ou se é tarde ou se é noite, é tempo, nem vou revelar nenhuma profundidade do foro da alma humana, um daqueles estados que fariam desta época uma nova época na história da sensibilidade. E do mesmo modo que é tempo, também há um lugar da terra onde a existência *disto* se escreve com o desplante do que não pediu autorização nem espera vir a ser lido agora ou no futuro. O que acontece passa e alonga-se sem como nem porquê, é quase da ordem do mistério, mas a palavra mistério não saberia expressar o *que* que se perfila diante como uma comparação que deseja a todo

o custo vir a pertencer ao recesso de outra retórica. Pobre língua. Rica realidade. Inadjectivo escrevedor. Poderão dizer, fujam, fujam, a loucura não sabe mais em que parâmetros se fixar, se na memória se na história, eu sei que há uma escória algures que até rima com o sentido do mundo, embora do mundo se possa dizer pouca coisa. Não, não, para quê tanto desespero? A vida nada compreende das elações do pejorativo, ilações poderão ser tiradas, quem acreditará que um qualquer discurso atingirá a odisseia do real, a incerteza do quotidiano, a metamorfose da língua? Mas foi tão fácil escrever esta aporia, fezes da velha poesia!

24-9-2004

## TUDO MUDOU

Tudo mudou, isto é, o cenário em redor já não é o mesmo, o apartamento é outro, outra a sala, a disposição das coisas nada tem que ver com o que fora nos últimos anos, tudo é novo, até o sol, até a música que ouço como se fosse possível haver mais música onde só tinha havido uma outra atenção. Agora há pela janela afora a luz de uma paisagem ocidental. Há mesmo, no cimo de uma serra, um palácio para muitos histórico, para outros apenas cultural, um contraponto entre o céu azul esbranquiçado e o negro que se deseja, num devaneio psicológico, esverdeado. Casas onde se viveu, casas onde se deixou o quê do *quê* que se é, casas aqui e ali, casas em diversos continentes, casas em diversos países, e onde possivelmente se ganhou o que nos falha desse quê, nulo enigma onde o pensamento se enovela, incapaz de pensar. Casas ao longo do tempo, outrora a hora da infância, depois da adolescência, depois do adulto. Agora a hora da velhice que chegou com passos tão ténues que até parece que não sou eu quem vive no que me vivo de história pessoal. Tudo mudou, e nada mudou. Que mudança é esta que não nos muda no que temos de essencial? Expliquei-me mal. A língua quer dizer algo, eu quero dizer mais, que mais é esse que não se explicita? Talvez nada haja de essencial em quem somos, talvez seja uma mentira o pensamento de que uma mudança tenha que mudar! Talvez não haja mais do que um sol...

29-9-2004

## MAS QUANDO SE QUER DIZER

A manhã. Ah, não ser capaz de uma tirada que me oferecesse, por um minuto que fosse, a felicidade, ou o seu logro, a medida do momento que estou agora a viver enquanto a música acompanha a paisagem que se desprende da janela que se abre ao mundo. Acataléptico sou no que vou de som em som numa deriva que me deixa exausto na transparência de uma identidade, ser-se um ser humano é uma verdade, ser não corresponde a uma ficção? A manhã molda-se a memórias, as horas passam, a passagem do tempo é um fenómeno que empolgou filosofias, saber se o tempo é real ou ideal já foi até um problema. Olho pela janela a realidade desta manhã indiferente a qualquer problema da verdade, nada dói neste olhar, o mundo não precisa, penso, de nenhuma tirada que o amesquinhe com discursos redutores, a vida é feliz à sua maneira, as abstrações não são doenças nem conquistas do pensamento, ninguém tem razão para que possa ficar escrita esta asserção. Claro que há contradições e paradoxos e tautologias, nada disso impede porém que a manhã seja manhã, nada disso é disso uma consequência, é apenas necessária uma certa boa vontade para se compreender que compreender tem muito que se lhe diga, mas quando se quer dizer não há manhã que nos salve nem raciocínio que se faça pensamento!

30-9-2004

## DESCARNADA CARNIFICINA

E depois cicio-me, muito, muito baixinho, quase para não ser ouvido: para quando uma emoção? Sim, uma emoçãozinha? Já não digo, uma lágrima no olho, nada disso, mas uma emoção derivada de uma sensação ou da percepção de que se atingiu através das palavras qualquer coisa de muito importante, um auge, um apogeu, ou, se se quiser, uma profundidade ontológica, uma fibra, uma vibratibilidade do que mais nos toca, essa música do ser, do ser ser, se me faço entender, se me faço compreender, se me faço finalmente irromper na superfície desta malha do discurso. Boquiaberto, ignoro quem escreveu o que ficou escrito, será uma paródia, será uma crítica que faço a mim mesmo, a mim mesmo quem, já agora? Sim, porque eu gostaria de saber o que se passa neste entretanto. Quem

invadiu este espaço que não desvendo? Hum, soa qualquer coisa a falso, este livro não era a sério, quero dizer, o seu empreendimento não supunha um qualquer protocolo que está agora a ser irremediavelmente posto de lado? Que fenómeno está em causa? E como compreendê-lo? Tudo isto não é vida? Não, calma, quem está a falar, quem está a escrever? Se estivéssemos na Idade Média diria que havia aqui obra do diabo, diabo!, não estamos mais na Idade Média. Que idade é esta? Boa pergunta. Quem ousará responder? Quem trouxe a este local o problema da emoção? Quem foi o responsável por este turbilhão? Ninguém ousa responder. Bem me parecia, é sempre assim, a cobardia por toda a parte. Foi de quem a ideia desta partida? Não, é verdade, nem partidas nem chegadas, a língua demite-se, a humanidade abandona-se à desolação, ei-la, a emoção, descarnada carnificina da existência.

30-9-2004

## COMO SE NADA FOSSE

Setembro dessetembrou como se nada fosse, lá se foram as manhãs e as tardes gotejantes junto à piscina, o sol lambendo cada partícula de água numa sensualidade casta, o corpo sentido não mais do que corpo. Sei que senti o calor dessas horas, mas agora é-me de todo impossível reviver com alguma verdade ou exactidão esse bafo, existe apenas a memória como palavra, calor, não a impressão do que foi quando foi. Há-os que dizem ter o poder do poder, eu só possuo o impoder de não reter mais do que uma fracção da língua que esteve conectada com o real. Sim, é verdade, Setembro passou a Outubro, um dia que deveria talvez ficar assinalado. Mas não vi nenhum sinal, não dei por nada. O tempo decorre com a naturalidade do que não sabe o que é a natureza ou os ciclos e as estações, o tempo no entanto muda, arrefeceu durante a noite, senti-o, um cobertor foi mesmo útil, quem me diz porém que amanhã não terei novamente de o retirar da cama? E no entanto sei que o Outono se aproxima trazendo os primeiros frios, as primeiras achas para o recuperador fixo nas entranhas da casa. Que estou a querer dizer? Que procuro significar? Busco ainda sentidos? Às vezes, só às vezes, penso que escrever nada mais é do que viver, entre um nascer e um morrer, entre um princípio e um fim. Às vezes não consigo

mesmo pensar: sentir basta-me, como se ser nada mais fosse que juntar palavras e dias ao tempo que subtrai.

1-10-2004

## UMA ESPÉCIE DE ACORDO

Tab Benoit canta sucessivamente os seus *blues*. Estou no escritório deste novo apartamento, crianças da escola em frente, no recreio, gozam o sol da manhã que vai passar a tarde, será tarde para escrever o que não sei o que haveria a dizer? Porque estando aqui, e é um facto, todo eu sou como uma língua a querer concentrar-se num outro local, numa outra hora, num outro dia. Esse lugar nada tem de misterioso, é-me familiar como minhas mãos o deveriam ser, e no entanto está a custar-me transpor-me para esse momento que foi aliás vivido, muito possivelmente, penso eu agora, na indiferença do que acontece. Sentado na espreguiçadeira de lona, olho para o canavial em frente, olho sem que possa dizer que estou a ver, nada mais sendo que a distância que me separa das canas que nenhum vento espevita ou acorda, sentindo uma espécie de acordo que não me tira do silêncio onde estou mergulhado. Ignoro o que é ser, se há ser para lá de se viver e de sermos mais ou menos seres humanos, mas senti, sem dúvida estupidamente, sem dúvida psicologicamente, e são concessões que me faço nestas debilidades do pensamento, que havia naquela distância algo como um tempo, uma certa duração, como dizer, um alcance, uma relação, um silêncio, um mim a mim sem eu, ou um eu incapaz de mim, capaz contudo de ser sentido ser, numa tautologia que me deixa envergonhado por ter ousado sequer sugerir que tivesse acontecido o que, com certeza, nem sequer foi verdade nem realmente aconteceu. E a pergunta: por que se tem que passar por isto? Triste comigo mesmo regresso aos *blues* de Tab Benoit e não posso dizer que esteja sintonizado com o estado mais feliz da sua musical tristeza!

1-10-2004

## SOL CTÓNICO E FUGA

Um daqueles dias em que o dia nem parece fazer parte da realidade



dos dias, não porque a monstruosidade tenha emergido das plagas sulfurosas, mas a verdade é que, sem que nada tenha visivelmente acontecido, algo aconteceu: o quê, é e será mistério para quem ignora as transformações da passagem do tempo: ser e estar-se a viver é uma aventura sem verbo nem história. Fica-nos um periclitante traço na memória, uma cicatriz que efectivamente nada diz, qualquer coisa que depois se esvai para que outros acontecimentos nos toquem com a mesma brevidade, a mesma intensidade: dia após dia coisas sucedem-se e algumas delas não são sequer entendidas como sensações ou percepções. E no entanto o sol desliza lentamente no céu, a terra parece nada mais ser do que terra. Apesar de tudo, sol e terra deixam o mundo desocultar-se no fio abstracto de um pensamento e da realidade onde uma humanidade procura sobreviver. Há nitidamente uma falha neste raciocínio. Houve uma falha neste dia. Algo aconteceu e esse algo, detectado embora como impressão, não consegue surgir ou irromper como língua. A língua estrebucha. Incapaz do poder do sol ou da dispensação da terra, a língua remete-nos para o silêncio da súbita morte em plena vida: viver assim é um crime que nenhuma literatura justifica. Cabe a quem escreve apagar-se e rasgar-se no que ficou escrito: dor é um grito, gritar esse silêncio até fazê-lo sol ctónico e fuga!

12-10-2004

## OLHO E VEJO E OUÇO, MAS SINTO?

Especado diante da vida não sei o que pensar ou como agir, meu corpo parece ter-me abandonado e deixado de ser meu, minha consciência dá-me do mundo formas que se desrealizam em apoplexias da estranheza, nada me apetece, nem sequer ver o sol que deve pairar algures no azul do céu. Como se um presságio se fizesse pressentimento, como se nesse lamento eu fosse uma voz impotente para fazer vibrar as emoções plenas que sacodem o mistério da existência em espasmos irreconhecíveis. Estou tão longe da terra que mesmo soletrando a palavra terra só ouço um *erra* que hoje me fere de uma maneira inexpugnável. A língua parece não mais amar-me. Vou à janela e vejo o verde da serra, mais perto o casario tão recente quanto uma geração é uma geração, junto ao apartamento uma escola e o seu recreio. Rapazes e raparigas pervagam o espaço

concedido ao transporte da sua energia, alguns, sentados, conversam numa algazarra em tudo meridional. Nossos filhos. Nossos netos. Mesmo que não o sejam na realidade, são-no socialmente. Olho e vejo e ouço, mas sinto? Que deveria sentir diante das crianças deste país, diante de todas as crianças de todos os países? A vida? A morte? O futuro? Haverá ainda a possibilidade de uma ilusão? Regresso sem regresso a quem sou e encontro apenas quem não fui, um presente que é oferta do tempo, um tempo que passa devassado pelo medo e pela angústia, uma morte sempre em frente que não deixa viver, a quem me existe, a alacridade das crianças que abundam um recreio feliz. Gostaria de ser novamente criança? Não. Mas gostaria de, vivendo, ser feliz.

29-10-2004

## COMEÇO DO SÉCULO XXI

Sento-me à secretária convicto de que vou escrever qualquer coisa de essencial. De essencial, isto é, capaz de dar do dia esta hora. Indiferente a cacofonias ou a quaisquer outras impertinências da língua onde me vejo envolvido. Tendo como companhia o *Abbatoir Blues/The Lyre of Orpheus*, de Nick Cave. Sento-me e olho pela janela o que vai de mundo pela terra afora. Não vou falar da terra, não vou falar do mundo. Do que irei falar? Escrever com tantas restrições, com tantos condicionalismos, torna-se difícil. Dizer que faz um sol mortiço torna a própria língua mortiça. Devo pois regressar atrás, e, muito poréticamente, retomar um outro caminho, se quiser, como quero, evitar a aporia? Vou fazê-lo. Tudo pois pode ser dito. Logo, escrito. Logo, pensado. Nick Cave canta sem, que eu saiba, problemas de maior. Está gravado. Ouço agora mesmo a canção *Easy Money*, uma das mais fáceis que se me apresenta neste duplo CD. Devo confessar que não o comprei, que me foi oferecido pelo meu irmão? A estética pós-modernista é ou foi pessoal e histórica, não vejo pois nenhum inconveniente na revelação. Mesmo que esta estética já não seja *verdadeiramente* pós-nada. Mas de qualquer maneira. Porética como é sempre é um prazer estar a ouvir-me no que escrevo, esta voz desagua em mim ou de mim como se na realidade houvesse alguém que me reclama e conclama, para já não sugerir que me proclama em berros ovantes capazes de me identifi-

carem nos momentos e lugares mais difíceis do ser. Eu sei. Eu sei. Eu que ignoro tanta coisa não me posso impedir de saber o que ignoro, esta vivência estranhíssima, esta coisa que age como uma presença ausente, ou, já agora, como uma ausência presente. Será a mesma coisa? Onde estou? Onde fui? Alguns dirão, o Silva Carvalho está de todo (não é uma pérola, esta expressão?), já não sabe o que diz. Mas eu nunca soube o que disse. Eu fui escrevendo ao longo dos anos a ignorância alcançada com o esforço do sofrimento na plena dor do excesso e da desmedida. Eu procurei a cura, a música que me continha, o mundo das emoções pressentidas e dos sentimentos futuros a níveis que nenhuma história seria capaz de supor ou de pressupor. Eu avancei passo a passo por onde não havia caminho, cercado de pântanos impérvios, o lodo até aos joelhos, os olhos na distância, os ouvidos estendidos até ao alcance, tacteando pés, ora temeroso ora com coragem, sem saber muito bem o que fazia, errando muitas vezes, tentando outras vezes acertar o passo. Muitas vezes tendo que regressar atrás. Para logo depois retomar o caminho. Sem descanso. Como na vida fui na escrita a escrita da vida. Não, não me apetece elucidar esta última asserção. Não haveria possível elucidação. Dão-se passos na existência que não se justificam nem se legitimam, a loucura inventiva vive justamente desses percalços, nunca a temi, já da demência temo os seus desmazelos como as suas insolvências. Sim, sim, é o que me sussurro em horas como esta, ouvindo *Nature Boy*, talvez a canção mais comercial que Nick Cave compôs para este CD, mas o afirmativo aceno que acalento que quererá dizer? Que preciso da auto-sugestão como cura? E por que não? Com o mundo como está, com a vida como está, com a terra como está, todas as estratégias são boas para se atingir um equilíbrio, uma paz, uma..., como dizer, humanidade que não nos afaste muito da ideia que já possuímos (pelo menos no ocidente) do que deveria ser um ser humano. O quê? O que deveria ser?! Humano! Só de se ter feito a pergunta, mesmo que retórica, me dá calafrios. Começo do século XXI e tudo parece ter voltado a um tempo ultrapassado pelas ilusões da história, nada se aguenta com uma direcção e um perfil, como se o mundo, ironicamente, nada mais fosse, pela sua hesitação tacteante e pelo seu vaivém infatigável, que porético.

## NA REALIDADE PÉRVIA DO REAL

Nunca precisei da inspiração para escrever, do que precisarei agora para sentir? A tarde não deixa de ser a tarde, os *blues* não deixam de ser a música por excelência, mas o que é *isto* que me faz pensar que deixei de sentir? Não poderei dizer que está um sol magnífico, mas está sol, eu vejo-o desta janela que nada tem de mítica, por que não poderei sugerir que o sinto? Tantas vezes o disse ao longo da vida, estava a ser verdadeiro? Onde pois a diferença? Que aconteceu? São perguntas como estas que agora me dilaceram, ávidas de respostas que não consigo convictamente apresentar. Albert Collins lamenta-se, ouço as suas razões historicamente gravadas, eu também lamento-me, inscrevendo-me aqui mesmo como se isto fosse uma lápide. E no entanto é a vida que me alegra quando penso na vida e na morte, na alegria que gostaria de estar a sentir só pelo facto de estar a viver. Estranho fascínio, ser mais e menos do que se pode ser! A música que ouço, feita e desfeita de contingência, é, pela sua ausência, uma aventura existencial. A língua é outra coisa. Falada por todos, da comunidade a que se pertence, vem provar neste espaço da liberdade a surpresa de uma presença que se delibera, mesmo se ou quando não se compreende muito bem o que nela fica impregnado: daí a atracção, regressar ao local do crime, da irremeável fala, sabendo de antemão que não se pode alcançar o inalcançável. Este inalcançável nem é passado nem é futuro: é tempo, ser, tempo de ser, ser do tempo, incapacidade de sentimento na realidade pérvia do real.

4-11-2004

## O SAL FOI ALGUMA VEZ DA TERRA?

Levanto-me para a vida como quem se levanta para o dia, já o sol ilumina uma extensão que tem sido distância, já quem vê o verde da serra erra seu olhar pelos arredores como se fosse ainda possível uma paz íntima e social. Que me trará este dia? Que hora saberá iludir-me com algum esplendor? A vida não pára, noites e dias, estações do ano, eventos que acontecem na história contemporânea, que contemporaneidade não é nossa, que presente não nos é presença? Diante de mim como diante da vidraça da janela confun-

do a realidade com a hipótese sempre plausível de uma alucinação, mas o dia na sua manhã tingida de sol não me permitiria nenhum delírio a desoras. Ignoro se estou bem. Ignoro como vai o mundo para lá do perímetro do meu olhar. A música que ouço não é música. Otis Taylor é talvez o mais inovador de todos os *bluesmen* que tenho ouvido ultimamente, é um disparate dizer que os seus *blues* me soam, em certo sentido, a poréticos? Sem pretender, obviamente, tirar nenhuma ilação que pudesse sequer ousar ser uma elação. Ouço e vejo, sinto algo de indefinido, não é uma dor, não é definitivamente um *como se*, é quase, é antes, é como, é, é isso, é, passa no que passa, talvez tenha a ver com a luminosidade, talvez tenha que ver com a sonoridade, talvez tenha, não, talvez seja, não, talvez se indefina, talvez indefinível tenha, o que sinto, uma maior oportunidade de sobreviver aos conflitos que grassam na indiferença do que difere em diferidas irresoluções. O sol já aponta para o sul. O sal foi alguma vez da terra?

9-11-2004

## ESTE QUOTIDIANO MAIS OU MENOS

Agora que o sol se pôs, agora que o dia perde a sua luz, que se ganhou ou se perdeu do dia? Pergunta embaraçosa. Que se fez? Que gestos ousaram ir mais longe que a rotina? Que fala falou para dizer um dito que fosse essencial? Que acção co-biçou a aparência de uma realização inscrita no real? Aflito por nada ter sido mais do que o que é, que é este quotidiano mais ou menos passado no que há de consabido e de percebido como o que há, de nada me vale procurar na língua uma escapatória ou uma justificação para..., para o quê?... Que crime se comete quando nada acontece de relevante, de notoriamente histórico, como, por exemplo... por exemplo, e fico-me estático na estase do pensamento que não se salva nem se tece com as ilusões dos séculos volvidos. Sou incapaz de uma comparação, muito menos de uma metáfora, a figura que revejo em frente é de um homem envelhecido, impotente perante a língua que não sabe como manejar o que chamou beleza. Crime de uma identidade perdida que se acha fogo ardendo na mentalidade ocidental, procuro mesmo assim não perecer no caos da extorsão e das explosões que sucumbem em catacreses do degelo, mesmo se para tal ti-

ver que ceder à loucura a sua parte: prava abdicação do sentido como é agora a prova desta extraordinária suspensão do discurso. Não há princípio que reconheça no seu fim qualquer tipo de finalidade intencional: ser através da linguagem o que acontece limita quem escreve a sugerir apenas os percalços que fizeram do dia uma sucessão de factos onde nenhum sentido soube merecer a sorte.

9-11-2004

## ENTRE DUAS IMPOSSIBILIDADES

Sim, sim, tenho que continuar, faça sol faça chuva, tenho que continuar, é pois o que me sussurro. E até faz sol, embora a ventania fria não seja apenas uma assonância oportunista. Pois. Encalhado no começo de mais uma tentativa ignoro como sair deste lodo intelectual, o *blues* de Clarence Gatemouth Brown é porém um facto, de que mais preciso para avançar na senda de um discurso que desse da realidade o seu real? Sei que seria difícil, tantos o tentaram, os seus resultados acabaram sempre, infelizmente, em realismos disto ou daquilo, estéticas perdidas em pressupostos ideológicos, ideologias ousando pensar o mundo para nele descobrir as portas da compreensão e os mecanismos. Não tenho essa ilusão. Mas também não vou ser mais um bobo ou um cúmplice do capitalismo reinante, enfeitando a mediocridade contemporânea com a mais que suspeita beleza em metamorfoses da arte, dizendo que transfigurei o mundo quando do mundo só figura, na experiência que se possui da actualidade, a miséria de milhões de moribundos soçobrando na morte! Entre duas impossibilidades procuro a cura de uma possibilidade de vida onde o cuidado, assim como o carinho, não sejam apenas atitudes vãs, sofrendo sem dúvida as contradições do quotidiano, gozando quando posso um tempo ou um lugar, uma luz ou um som, um gosto ou uma forma, um cheiro que me alcance onde estou do que sou a fragrância de uma temporalidade que percorre os escaninhos da memória histórica. Sim, sim, devo continuar este percalço, esta aventura, devo continuar mesmo quando parece que é o desânimo que me toma em seus braços nefastos, não há fim no que de vida se vive pela estridência do tempo, não há fuga até ao sucumbir do fogo.

10-11-2004

## MESMO ASSIM

Que haverá ainda de mim que possa ser língua? É a pergunta que me faço. Ou é só do mundo que se escrevem dia após dia extractos de um destino fadado à sua derrota? A música de Nick Cave cava no meu coração uma nostalgia que me deixa prostrado neste começo de tarde. Não é culpa sua. Nem sequer se trata desses *blues* à maneira de Otis Taylor, onde, como disse um crítico, *there is no escapism*, a vida contemporânea exposta na sua crueldade. Às vezes fico com a impressão, estúpida sem dúvida, que não sou uma pessoa, que nem sequer atinjo as fímbrias do ser humano, como se só um organismo ou um corpo vivesse em mim a fatalidade biológica de ter aparecido à superfície da terra e de ter agora de continuar o processo metabólico que constitui um ser vivo. Até, é claro, ao seu desaparecimento. Às vezes este *às vezes* é de uma crueldade em nada inferior ao escarpelizar dos *blues* de Otis Taylor. Há muitas maneiras de exprimir o sofrimento, há muitos modos de se sofrer! Para quem sempre procurou o prazer, confessemos-lo, que desastre! Eis-me pois aqui ouvindo os *blues* que me são experiência e carne, uns vindo de fora, outros emergindo de dentro. Canta desta vez, por acaso, Buddy Guy, um *Black Nighth* em plena contradição com sol que faz, mas não estou desde há muito habituado à contradição? Que são duas palavras juntas senão a armadilha de uma aporia? Nela temos que viver e comunicar, nela temos que sobreviver ao caos contemporâneo, ousando sentir e pensar que somos, mesmo assim, suficientemente humanos para negar a crueldade!

11-11-2004

## UM PRONOME NA SUA INEXISTÊNCIA

Sim, mas que haverá ainda de mim que possa ser língua? Nada de tergiversações. Nada? Estará o poço seco? Que mim ainda é viável depois de tantos anos de prática da escrita? Ou nunca o foi e eu forcei-me um destino fictício? Que é escrever? Ser escrito? Ficar inscrito algures onde a língua não se reconhece mais como língua? Sim, porque entretanto algo aconteceu, uns falam de um afago da estética, outros de um toque quase metafísico, outros ainda vão ao absoluto e prevêm no texto uma incomensurabilidade de tipo reli-

gioso. Sim, compreendo, ou melhor, não compreendo, mas de mim, de mim o que haverá ainda? Não está bem formulada a pergunta. Há um erro mítico algo impertinente neste tipo de questionação. Vou tentar sair do dédalo. Desenvencilhar-me dos raciocínios traiçoeiros e dos pensamentos abstrusos. Vejamos. Haverá em mim um eu? A pergunta parece estulta, se a faço é porque, é porque... muitas vezes sinto (antes sentisse, não estaria agora a tentar deslindar este imbróglio, mas enfim, que verbo usar? Perceber?...), muitas vezes percebo apenas em mim um silêncio, um silêncio que pertenceria ao mundo ou à terra, um silêncio sem configuração humana, alheio de quem sou, como se o *como se* já não resultasse mais como expediente estilístico, algo de muito longínquo ou mesmo de irremediavelmente desconhecido. Comovido ouço a homenagem *bluesy* de Buddy Guy ao seu amigo morto antes do tempo: *Rememberin' Stevie*. Não há palavras. Só os raros instrumentos. Também eu gostaria de lembrar-me de quem fui e desapareceu. Mas não consigo. Por alguma coisa Buddy Guy não usa palavras. Eu só sei usar palavras. Não sei fazer música, da verdadeira. Resta, improfícuo. um pronome, *mim*, na sua inexistência.

11-11-2004

## UM DOS TANTOS

Não saberia dizer se este sol que se esconde no cimo da serra e me ofusca o olhar é belo, sei dizer que é bom sentir um tímido calor sobre o corpo e que o clarão branco no céu parece quase uma deiscência para outra parte do universo, como quando dizem que é isto que acontece quando se morre. Da morte nada sei. Vi-os morrer aos entes queridos da família, sofri como pensei que já não fosse possível a uma pessoa calejada pela idade, vejo quase todos os dias gente morrer em imagens televisivas dando do mundo o espectáculo do horror. Insensível perante a ficção. Eis um dos problemas da representação trazida pela notícia. Entra-nos em casa como efeito de uma mentira ou de uma manipulação. Quanta maior verdade ou maior realismo na imagem, menor sensibilidade nos olhos que deveriam sentir o momento excepcional da ocasião. Malhas que a informação tece. E assim andamos todos aqui neste mundo da alienação procurando fugir ao mal que cai sobre os outros como se nós



não tivéssemos o estatuto do *outro*. E não. A identidade mente-nos um abrigo, é quase a presença constante de quem somos diante de quem somos. Como sairmos deste sol, de nós próprios, para nos reconhecermos, aos olhos alheios de ninguém ou de alguém, como um outro? No sol-pôr de há pouco não houve representação. Simplesmente sucedeu. Permanece ainda no céu um arrebol. Não ser nuvem nem cianismo, ser um homem escrevendo apenas este porisma, ser tão-só mais um dos tantos que mais dia menos dia saberão tarde demais o que será talvez morrer!

15-11-2004

### O SEU NATURAL ESQUECIMENTO

E enquanto a noite cai na dissolução da tarde, não posso dizer que haja uma dissolução de mim. Estou apenas espantado por estar espantado, o céu percorrido de uma serenidade sanguínea, arrebol que me deixa fora de mim mesmo numa expressão que poderia ser de êxtase, se isso ainda fosse possível. Acompanhado de alguma música, *blues*, Otis Taylor agora o companheiro. Ouço e vejo, ouço e vejo. As luzes dos lampiões começam a aparecer, duas realidades coincidem: uma noite americana, vivida memória, uma noite portuguesa, sabida coetânea. Não há clivagem do ser. Nem irrupções da identidade. Há apenas este sentimento amoroso, de ter estado, de ter passado, de ter experimentado, como quando se acaricia um corpo amado, como quando não se deseja mais do que o prazer. A janela escancarada abre-me à noite como se houvesse na noite mais do que a escuridão. Luzes palpitam agora no irrealismo da visão, como estar à altura do que se vê? O recorte escuro da serra no céu, não, nenhum animal supinamente adormecido, basta de tanta metáfora a mentir-nos uma beleza, apenas um negro mais maciço que o negro etéreo que avança, apenas isso e esta música que vocês não podem obviamente ouvir, e é uma pena! Sou alegre com tanto espaço e tanto tempo! Se tivesse dito, estou alegre, seria a mesma coisa? A língua, nestas nuanças, predispõe a algum conhecimento? A alguma diferença? Ou tudo vai dar no mesmo? Gostaria de saber o que é, realmente, uma linguagem estética. Eu ignoro completamente. Mas ignorar também é, desde sempre, uma forma de saber. É a ilusão de hoje. É, pelo menos, o que digo a mim mesmo. A noi-

te dissoluta luta para ser da tarde o seu natural esquecimento.

15-11-2004

## DE UMA MANEIRA OU DE OUTRA

«Insiste, insiste», ouço-me dizer. Não é difícil, com esta música como pano de frente. É quase um imperativo categórico que continue aqui a escrever. O quê, é outro problema. Há, sem dúvida, uma contaminação, um desejo de acompanhar estes sons que me soleavam em auges e apogeus que há muito não sentia. Estou vivo! Para quê, não sei. Que ousar dizer de fundamental? Mas, e se não houver nenhum fundamento que nos salve? Estarei perdido? Encalhado nesta aporia? Não, vou prosseguir caminho, o mesmo é dizer, vou continuar a escrever, a dizer que... que a vida vale a pena ser vivida? Mas isso não é apenas mais um truísmo, uma consolação? Onde está a língua selvagem, esse *blues* escondido na monotonia das linguagens quotidianas, onde está o filão, a linguagem por excelência? O ser do ser? Fora de qualquer cacofonia? De qualquer ridículo? Ouço com atenção o que há para ouvir de mim. Que me tenho a dizer? «Que me tenho a dizer?» *Isto* não é mau português? Ó senhor linguista, por favor, ajude-me, não deveria ter escrito: «Que tenho a dizer-me?» E depois? De uma maneira ou de outra, certo ou errado, o que há a dizer que esteja à altura do mundo e de quem nele vive? Os *blues* de Otis Taylor falam apenas de experiências, não de essências ou de fundamentos, qual a experiência de agora? Agora, a experiência é apenas a de se ouvir esta música que passa enquanto se vê as luzes titilando na escuridão de uma noite realista. É pouco? Eu diria que é muito. Na cozinha há que comer, daqui a pouco chega a mulher, hoje não vou ter que enfrentar o frio porque não é dia de trabalho. A felicidade raramente é dizível.

15-11-2004

## AS PALAVRAS TÊM ECLODIDO

Uma neblina, que tantas vezes adjectivei, talvez impropriamente, de espermática, desfoca a serra e o palácio que nela se erige. São duas e meia da tarde e não tenho passado o tempo à janela desde

que acordei para mais um dia. Os afazeres que nos chamam chamaram-me de tal maneira que não tive tempo para gozar a paisagem que se desfruta desta janela. Nem a música que agora, finalmente, se faz ouvir. Não importa. O importante é que estou aqui, isto é, que estou vivo não só para dizer que estou aqui, como para sentir em mim a disponibilidade perante a misteriosa actividade da língua quando alguém se oferece para anotar os seus percalços como as suas emergências. Não quero dizer que a língua fala. Só quero dizer que ouvir o que me digo quando escrevo é como compreender-me numa dimensão que me ultrapassa pela possibilidade das emoções e das ideias se transformarem em palavras que, de outro modo, nunca atingiriam a fímbria do sentido. Fez pois sentido quando adjectivei tantas vezes a neblina de espermática? Vá-se lá saber! Dizem-se tantas coisas, tem-se tantas opiniões, onde está a verdade? Não estava a contar com esta pergunta que me deixa deveras confuso. Afinal é só mais uma tarde, mesmo se soalheira, para quê introduzir a metafísica em pleno sol? Está feito. Defeito ou imperfeição do que se concebe, o tempo passando em diminutos espasmos do mesmo? Perante esta última asserção não sei onde me meter. Não fui longe demais? Que atrevimento é este, que sinceramente não me reconheço? E preciso de me reconhecer? A identidade é assim uma coisa tão importante? Mais importante que ver esta neblina sobre a serra? Que sentir um calorzinho no corpo, agora que os dias têm sido tão frios? Quais as prioridades?, perguntaria uma qualquer pessoa pragmática. A vida. Apeteceu-me, sem mistério, escrever a palavra vida. Agora pergunto-me se não lhe falta umas reticências. É um problema estilístico. Ou existencial? Ou ambos? O estilo não era o homem? Ou será, já agora, uma mulher? No espaço lúdico onde me escrevo inscreve-se uma tarde e seus acontecimentos, Buddy Guy esforça-se por me comover com *A Man and the Blues*, não lhe dou muita importância. Tudo são estratégias e tácticas. Tacitfluamente escorro pelo simulacro do pensamento em argumentos que me deixam exausto, mas uma voz já me cicia «Mais um dia perdido!», sem que eu possa ou saiba remediar o que subjaz de pessimismo em tão inesperada admissão. E quase me revolto. Então era *isto* o que a língua tinha para me revelar? Tanta a disponibilidade, tanto o desejo de notícias, para, por fim, se receber da interacção da consciência com o real a chave de um desconchavo? «Mais um dia perdido!» Não no são todos, uma vez passados?

Que há aí para ser feito? Que estupidez, o pensamento! Então este sol, enquanto dura, não nos faz ganhar o dia? Então este calor, tão suave no corpo, não é um afago, um bem? Que importa que logo seja noite e que com a noite venha o frio? Que importa se depois da vida vem a morte? Enquanto há vida não há vida? Não, a voz que me invento subitamente atoa de alegria e diz descaradamente: «Mais um dia ganho!» E eu sorrio, lábios de mim no meu rosto, sorrio estupidamente feliz para o que de terra e de mundo se observa da janela, como se eu fosse eu e nada mais contasse e não houvesse língua nem consciência nem lucidez, mas só o corpo sentindo o calor do sol. São quatro horas da tarde, o tempo tem passado, as palavras têm eclodido, a pessoa que sou tem ressurgido ora aqui ora ali, nem tudo são aparências ou enganos, às vezes uma sombra parece querer toldar a disposição das coisas na realidade, às vezes o real emerge assurgente, transportando signos e sinais, acenos de cenas cognitivas, como se pedisse a quem existe que lhe desse uma confirmação, uma comprovação. Não sou assim tão mau. Por isso devolvo à neblina, que ainda paira sobre a serra e sobre o palácio, o carácter espermático com que a adjectivei outrora, num amoroso desenlace: não há real sem realidade, não há realidade sem real. A relação que há passa pela língua, essa obscura actividade humana!

18-11-2004

## VEJAM AO LONGO DOS SÉCULOS

Não poderei abstrair-me, por uma vez que seja, do que gira à minha volta, e deixar a língua espriar-se pelos caminhos do desconhecido? Terei que ser para sempre prisioneiro do real? Digo-me que não. Mas quando tento fazer de conta que não há ninguém em quem diz ou escreve, sinto apenas o vazio do que não é volitando como um silêncio sem solução e incapaz de prosseguir qualquer caminho. Ideias e emoções são sóis e terra e mundo, experiências do quotidiano, não a fantasia com que se procura a aventura de uma imaginação. Há muito deixei de compreender a arte. A estética. Ver é para mim estar aqui a falar de aqui e de agora, mesmo se aparentemente agora nada acontece digno de figurar na obra de arte que este texto não quer ser. Do ser basta-me ser o que sou. Não há nenhum mal na tautologia. Ninguém morre de fome por se ser

ingênuo ou por falta de inteligência. Ninguém morre de ingenuidade porética... Mas há milhões de pessoas que perecem, dia após dia, como consequência da lógica do lucro e do mercado, do pensamento ao serviço da imaginação artística, o poder do dinheiro para se transformar o mundo pelo dinheiro num círculo que infelizmente nada tem de hermenêutico. Vejam ao longo dos séculos quem serviram os artistas: entre o *senhor* e a *beleza* que venham as vítimas e julguem! Mas as vítimas não têm uma voz capaz de fazer explodir a língua. Assim, só a alguns é dada como tarefa obrigatória, mesmo se ineficaz ou inútil, fazer emergir o que se esconde de crimes e de pustulação nas entrelinhas do que inocentemente se diz!

22-11-2004

## CANÇÕES DE AMOR E DE ÓDIO

Um dia de trabalho, a conclusão a que se chega. A cabeça tonta, não se ter dado pela presença do sol, pior talvez, não se ter dado pela nossa presença. Finalmente o dia faz-se noite, o corpo deseja qualquer coisa, talvez seja música, mas a música fez-se ouvir todo o dia, apesar de tudo, até do trabalho. Como pano de fundo. Mas ninguém esteve verdadeiramente aqui para dar atenção aos sons. Uma pena, um desperdício! Sentado numa cadeira feita de tempo, ouço um jovem, Ryan Adams, cantar a canção, *Avalanche*, lembrando-me imediatamente, não sei porquê, ou talvez saiba, de Paris e de outro músico, Leonard Cohen, e de um disco obscuro, *Canções de amor e de ódio*. Onde quero chegar? Que quero dizer? Nada. Não quero chegar a nenhum sítio, não desejo dizer nada. Estou apenas cansado, o dia de trabalho, das nove até quase às cinco. Como toda a gente, afinal. Confesso que este «como toda a gente, afinal» me derrotou. Sim, meu destino fazendo parte do destino comum da humanidade a que pertenço, e que remédio senão ser mais um! É triste, não é? Olha, olha, não me digas, digo-me surpresa, que gostarias de ser um artista? Quem, eu? Logo replico, ser mais *um* artista? Conclusão: De uma maneira ou de outra é-se sempre, quer se queira quer não, *mais um*. Menos triste, já aliviado da tensão de um dia de trabalho, ouço, do tal jovem cantor, sem dúvida um artista, um CD cujo título poderia ser perigoso: *Heartbreaker*. Mas não é. O CD consiste vagamente em cópias de canções

ouvidas nos últimos quarenta anos, eu poderia até dizer quais são as suas matrizes, mas para quê? A música até é bonita!

22-11-2004

## COISAS PARA FAZER

Coisas para fazer que não foram feitas, o remorso deveria ser mais do que uma constatação, deveria ser mesmo um sentimento, deveria, digo a mim mesmo, enquanto a tarde não sabe nem soube como ser minimamente tempo. É assim. O pensamento arde numa ausência de raciocínio, os argumentos falhos, a acuidade intelectual incapaz de qualquer argúcia. Esta é a decadência. Cabe-me apenas repetir sons de palavras que se arrastam pela consciência, é como se eu fosse um *blues* obsessivo. Canto sentidos desconhecidos em sonoridades e ressonâncias e rimas incapazes de ritmos, o ritmo é obviamente do coração, não sou nenhuma bateria humana, não sou uma guitarra desfibrando dores e partos da emoção sensual, nem o baixo que baixa, até ao simulacro da repercussão, uma profundidade em tudo impossível. Sou só um homem. *Damn it!* Vendo como a tarde se esvai num sem luz de um dia frio e chuvoso, ouvindo essas músicas que me fizeram pensar que a necessidade era uma entidade quase filosófica. Que estúpido tenho sido! Coisas feitas e desfeitas, cumpridas e por cumprir, a vida passa como se nada mais houvesse que um verbo, o verbo haver! Não entendo! E é preciso? Tão escuro já que ir à janela não adianta nada. Taj Mahal faz de conta que o *blues* também é *jazz*, não vou discutir, deixo-o explanar as suas razões e a sua ousadia na canção que perpassa neste momento, sei lá quando foi gravada, sei lá em que tempo e em que lugar, sei lá se haverá tempo nisto tudo! Oh sim, sei. Sei muito bem que um corpo envelhecido e envelhecendo é tempo humano e histórico na indiferença do tempo pensado por muitos eterno, passagem da aragem que nos leva de um nascimento a uma morte, sorte que nos cabe a todos, embora muitos sejam aqueles, e eu compreendo-os, que se esquecem, com afazeres e coisas, com tarefas e compromissos, de que, mais dia menos dia, os dias deixarão de ser para que seja o nada a ditar o seu tempo.

29-11-2004

## UM EXCESSO DE SER

Que fazer deste começo da noite?. Mas pode-se fazer alguma coisa de alguma coisa? A noite é uma coisa? Vejo-a diante de mim, luzes esparsas no mais escuro da escuridão, vejo-a e não sei se sinto alguma coisa por vê-la... Que deveria sentir? Que deveria pensar? Sou feliz por tê-la diante de mim? Estou triste? A noite não fala, a noite nada diz. Nem poderei dizer que lhe é indiferente o facto de eu estar aqui a escrever sobre o facto de ela existir. A noite não é uma pessoa, nenhuma prosopopeia a pode salvar da sua condição de nada. Seguindo o pensamento, ninguém me pode negar a minha condição de ser. Eis pois a grande diferença que nos desune: eu sou, a noite existe. Ironicamente, se a noite existe, para toda a gente e em toda a parte, eu só existo para umas dezenas de pessoas. Assim vai dos desencontros da vida. Não faço pois nada da noite. Não é por vingança, seria uma estupidez da minha parte, uma incomensurável desmedida... É que não há nada a fazer. Poderia, é certo, poeta se fosse, dizer que sentia os ecos de encontros e emoções inefáveis, como já tantos o fizeram ao longo dos tempos literários. Mas para quê? Mistificar não é o meu forte. Nem, e muito menos, mitificar. A estranheza é-me de tal maneira inata que é com um suspiro de alívio que afirmo e confirmo que sou apenas um homem, que quero ser apenas um homem. Tudo o mais é medo, medo do horror, dessa monstruosidade que surge cada vez que algo está a mais, um excesso de ser, nem vida nem morte, antes um corte com o real transformando a realidade num afluxo de sofrimento, essa chaga, achega de uma língua desconhecida pretendendo conhecer até onde vai a possibilidade da crueldade na escuridão humana.

29-11-2004

## ASSIM TÃO NATURALMENTE

Manhã devastada pela chuva e pelo vento, feriado, é o que diz o calendário, podemos fiar-nos em tais efemérides? A serra tauxiada em brumas que nem sequer são da memória, háverá hoje sol por estas paragens da terra? Veremos. Haverá um homem em mim capaz de sobreviver à transcendência atmosférica como ela vivamente assola a consciência? Veremos. A música acompanha-me como sem-

pre me acompanha, hoje deleito-me com um Josh Ritter que desconhecia, as canções *folk* são como bálsamos vindos de um não sei onde, sei do que estou a falar? Veremos. Onde me encontro não é nenhuma incógnita, nenhum mistério. A terra, apesar de tudo, é o meu berço, e enquanto o escrevo um raio de sol irrompe na manhã molhada, levanto-me para ir até à janela? Esta alegria, haver sol, se não o exclamo como uma criança é porque não sou uma criança, mas haver sol e haver eu não é mais do que se poderia desejar? Veremos. O sol persiste, a música persiste, eu persisto, isto quererá significar alguma coisa? Não, não vou escrever mais uma vez: veremos. Perder-se-ia o sentido estilístico que procurei imprimir, assim tão abusivamente, ao longo de todo este trajecto verbal como emocional. Dito pois o interdito nada mais me resta fazer que ser o que não posso ser: este provisório sol, este eu mais que problemático, esta música de ritmos que vivem das palavras que surgem no discurso em impulsos tão libertos da história da memória que me parece quase impossível que seja presente o que se me apresenta assim tão naturalmente: eu escrevendo pela manhã fora um fora e um dentro, uma chuva que foi há pouco, um sol que é agora!

1-12-2004

## O VERBO QUE TUDO ABSORVE

Não há música. Mas também não há silêncio. Há pessoas que vivem neste apartamento, há afazeres que se fazem na especificidade do quotidiano, há uma máquina de lavar roupa que lava e faz um certo ruído, há um sol matutino no céu, há uma pessoa sentada a uma secretária e que escreve: há, há, há. Haver poderá ser um lugar comum, poderá ser talvez um mistério, haver é o verbo que tudo absorve quando a consciência se dá conta da existência de tudo quanto nos cerca no cerco da percepção. A música que há é feita de outros sons que não de instrumentos musicais. John Cage seria sensível a esta música. Foi ele que disse: “I have nothing to say, I am saying it, and that is poetry.” Concordei cem por cento. O problema, estou agora a dirigir-me a John Cage, lá no seu etéreo assento onde se encontra, é que hoje a maioria dos poetas nada tem a dizer, mas não o confessa assim tão abertamente, assim tão francamente, fazendo de conta, em abstrusos metaforismos, que a máqui-



na do sentido continua a debitar visões sobre o mundo ou profecias oraculares capazes de redimirem a humanidade perdida num presente que já foi a presença de futuros prometidos como realizações do fazer poético! Não, só há o que há. Uma tautologia. Há uma manhã onde um sol ilumina as fachadas das casas, há o som de uma máquina, vindo do exterior, preparando o chão da terra para mais uma construção neste bairro incoativo. E há esta linguagem que deixou há muito de ser poética. Importo-me com isso? Não. Há outras maneiras de se estar no mundo. Há, ou houve, entretanto, outras descobertas. Haver no ser existências anónimas.

3-12-2004

## NADA COMO A MÚSICA

Mas não há nada como a música para colocar uma pessoa dentro da sua humanidade. Ouça-a como se me ouvisse ou fosse possível haver em mim quem me fale. Não é estranho? Não, não é. Estou a ouvir Colin James, o *Traveler*, seu último disco, que ficara postergado na prateleira porque outras audições se impuseram com maior urgência. Colin tem um pé no blues, o que mais prefiro nele, outro em vária música americana. Engraçado, todas as canções que vou ouvindo, incompreensivelmente medíocres, são *bluesy*, mas não se trata daquele *blues* sincopado onde todo o meu corpo vibra num nascimento de si outro em si mesmo, perplexo por estar vivo. Mas este *Black-eyed dog* que agora perpassa deixa-me suspenso e ao mesmo tempo comovido, sinto que algo se passa nesta canção, sinto a emoção da simplicidade, sair de mim para pressentir na voz a metamorfose de uma possibilidade de retorno. Não compreendo muito bem este *retorno*. Vou rasurá-lo ou deixo-o instalar-se na trama das palavras como o sinal e o índice de um drama mais ou menos encoberto? Não, não saberia expor esse drama. Que talvez não exista. Afinal não se pode ter muita confiança na língua, nem no que nos invade inopinadamente a consciência. A associação de ideias deu o que tinha a dar. Ilusões. Jogos de meninos a brincar às psicologias profundas. Quanto à língua como a casa do ser, pergunto a mim próprio se o ser não é um sem-abrigo.

3-12-2004

## DEZENAS DE ROSAS EM DEZEMBRO

Rosas, dezenas de rosas em Dezembro, rosas de variadas cores no canteiro da casa de campo, e eu sem muito bem compreender a natureza. Nem extasiado nem instasiado, antes perplexo. Que se passa com a terra?, a pergunta irrompe como uma obscena obsessão. Rosas de cor de rosa e de outras cores, em botões, levantam-se no ar como erecções de uma singeleza que me toma e me retorna todo o sentido da beleza que perdi ao longo da vida. Rosas e sol. Estou vivo, vivo para o que der e vier, esta truculência, esta sensibilidade maternal que me alarga de um mundo desconhecido e que não sou capaz de exprimir. Rosas em Dezembro, que dizer agora do dizer? Uma tarde invade-me solar, vejo esvoaçando raros pássaros, é quase Inverno nestas paragens da terra. Língua terrível, a que sugere paragem quando tudo mexe, quando tudo está em movimento, os insectos nas lajes, as formigas sobrevivendo, ei-las percorrendo caminhos em superfícies abertas, nem precisando de ser, para tal e por isso, poréticas, como este ser mortal que escreve tentando descrever uma tarde. Rosas vermelhas e brancas e amarelas e cor de rosa, que se passa com a natureza? Tanta ignorância da minha parte, não saber responder. Estou triste? Não. Aceito minha ignorância. Que sei eu da minha própria natureza? Nada. E da dos outros? Ainda menos. Somos todos homens e mulheres, quem ousaria explicar o que tantas vezes fazemos, o que tantas vezes somos, quem ousaria explicar-nos no que nos é inexplicável?

6-12-2004

## MOMENTO MAIS TRÁGICO

Estúpido que sou, ainda digo a mim mesmo, incapaz de qualquer aprendizagem ou de qualquer sabedoria adquirida ao longo dos anos, «vai mais longe, vai mais fundo», ignorando se há um longe ou se há um fundo. De onde eclode pois esta injunção? Que voz vocifera onde menos sou eu para aceitar da língua que me atinge apelos em que não creio? Quem me vive que não vivo o sopro de um alguém? Que mistério é este logro e que logro é este invadindo a consciência dos dias, sempre fustigando-me com frases involuntárias, sempre predispondo-me à crueldade dos sentidos? Que longe

é esse que não seja só a loucura ou o tresvario? Que fundo é esse que não seja ainda mundo? Não quero perder-me nos meandros dos caminhos ignaros, não desejo incendiar-me na luz da atracção, minha vida tem sido uma sucessão de dores e de partos, a paz que procuro é cura que almejo dia a dia, porquê pois a irrupção de frases que disparam em todas as direcções? Não há longe nem fundo, há este perto aqui, há o mundo à volta, há terra em toda a parte, há oceanos vastíssimos. Venho pois até aqui e aqui deposito a vida que vivo assim como o mundo e a terra onde vivo, talvez seja pouco, mas é tudo o que me perfaz. Não, não irei mais longe nem mais fundo, deixo a ilusão apodrecer nas bermas dos caminhos, deixo a voz desdizer-se enquanto reclamo pelo fim de todas as vozes. Não há nem nunca houve, que eu saiba, momento mais trágico na história da humanidade: a sobrevivência exige uma sensibilidade feita de acções decorrendo do que acontece no fulcro do acontecimento.

6-12-2004

## A ESTUPEFACÇÃO DE UM CRIME

Noite toldada por sonos toldados por sonhos onde o mundo e suas relações ganhavam elos de uma lógica não muito diferente da lógica que preside ao tempo da vigília. O absurdo, na sua precariedade, não anda muito longe de ambas as realidades. Gestos incompreensíveis vão e vêm como se houvesse hoje a capacidade, da parte da humanidade, para vislumbrar sentimentos e inteligências onde outrora só existia a estupefacção de um crime. Estupefacto em quem sou quando sonhando um eu me julgo eu, assisti a cenas do teatro humano desfiguradas pelo sentido de uma possibilidade de mundo, gente vária aproximou-se de mim com propostas ínvias em línguas que me eram desconhecidas, não soube o que retorquir, um espanto fez-se ouvir, que lugar era aquele, que novo tempo estava a pisar? Meu corpo explorado tocava os corpos de homens e de mulheres cujas leis e identidades se esboroavam em documentos viciados, de onde vinham, para onde se dirigiam? Aflito, bispei a terra onde tinha nascido na esperança de ouvi-la dizer o que pensava de tal fenómeno, nada foi como brindou a minha breve perquirição. Acordei como um estranho na sua própria terra. Lembrei-me dos caminhos percorridos, das viagens configuradas, das estadias participa-

das noutros pontos do globo, recordei que para ganhar a vida tinha perdido a vida, uma certa ideia de vida, um certo clima de sonho. Este sonho vivi-o, sem dúvida acordado, na voz ferozmente protegida da alienação, valeria pois a pena ficar perturbado pelo absurdo da indistinção entre a realidade e o sonho?

7-12-2004

## NÃO POSSO MAIS DIZER

O problema, às vezes penso, é não haver relação nenhuma entre o tempo e o corpo. O corpo envelhece, o tempo, existindo embora, parece contentar-se em ser apenas uma palavra capaz de tudo conter, até as contradições de uma incompreensão ou de uma perplexidade mais ou menos ontológica. Não posso mais dizer que estou frente ao mundo ou que estou cercado de espaço, a língua perde-se no abandono da sua perdição, não corresponde mais à experiência do que acontece. E no entanto, devo dizer sem rodeios, odeio qualquer tipo de silêncio que não seja o do genuíno silêncio. Falar é e foi sempre próprio do homem. Usar a língua nada mais é que obedecer à natureza da natureza desejada humana por tanta humanidade ferida na promessa de uma iniludível distinção. Como viver a contradição? Clivado entre o que foi e não mais existe, esse passado, e o que será e ainda não existe, esse futuro, quem escreve é apenas um alvoroço e uma confusão de sentidos sentindo o processo do pensar ao tentar a memória do presente, esta fragilidade figurina, este passo a passo procurando passar tantas e tantas vezes despercebido para não ser trucidado pelas interpretações anquilosadas e anacrônicas que a língua velha promove e favorece a alicia. Dizer pois que envelheço é uma verdade inútil. Dizer que continuo jovem seria uma mentira. Mas como figurar o tempo em meu corpo que não seja só pelas rugas? Levanto meu olhar ao céu azul de Dezembro frio e vejo o sol. Que idade lhe dar? Que tempo de vida ainda lhe consentir? Que cálculos improvisar para lhe estimar um fim? Impávido e desumano luz como se tudo lhe fosse permitido. Busco o sol no meu corpo perecível, busco assim o tempo inato onde morrerei feliz por nunca ter nascido.

9-12-2004

## NUM ABANDONO DE MIM MESMO

Esta música de M Ward nesta tarde cinzenta deixa-me num abandono de mim mesmo em que a língua, que uso para escrever este esboço de nada em forma de incógnita, tem alguma dificuldade em ser mais do que língua. Sofro pois esta sintaxe como sofro o tempo. Nada a fazer. Ouvir nem é bom nem é mau, ver já foi melhor do que está a ser, escrever parece, mas só parece, não fazer mais sentido. Ou não querer fazer mais sentido. Precisar a indefinição, torná-la mais explícita, é tarefa inútil, mas não deixo, como um vício, de o fazer cada vez que a ocasião o exige e se me propõe. Proponho-me acabar aqui mesmo esta iniciativa, dizer a hora, mas algo me impele a continuar a escrever, este fado não se canta, este fado é uma tradução de um étimo que me foge de tão antigo na civilização a que pertença. Pertencerei? A dúvida nunca foi em mim metódica. Que estarei a tentar dizer? Haverá alguma significação aqui, quero dizer, nos meandros destas elocuições mais ou menos insignificantes? Quem ousará, com convicção e alguma amizade, responder? E fará plena justiça ao que aqui se passa? Ao que aqui acontece? Este nada para dizer é um nada dito? Ou melhor, dito o nada nada mais resta da hora? A aporia agora estala e explode como um pensamento abstruso caído em desgraça, onde está a música para vir socorrer o momento do seu descalabro? M Ward canta, infelizmente não tem o poder para espantar os meus males, mas não seria exigir demasiado dele e da música? Não é exigir demasiado de mim que diga a hora? Não é exigir demasiado de quem quer que seja dizer o que quer que seja? Eu estou estupefacto com o simples facto do ter dito o que acabo de dizer. Não foi uma estupidez? Foi uma estupidez. Só me falta merecê-la.

14-12-2004

## É BOM ESTAR-SE A GOSTAR DE VIVER

Mas estou a gostar. Não me perguntem de quê. Não saberia responder. Mas estou a gostar. É bom estar-se a gostar, mesmo sem se saber de quê. E de se estar a soar a outro, a quem não se é, e, não se sendo, surge como um bem no que somos ou se é. É bom sentir a escrita escrever-se na palavra que prossegue a palavra anterior,

sendo assim que se esboça um pensamento, uma emoção, uma escada que desce até ao fundo do mundo, a fatal terra tantas vezes esquecida pela civilização hodierna. É bom estar-se a gostar de não se ser ninguém neste alguém que irrompe como uma chama, perceber os sentidos do insentido na manifestação de uma apologia da realidade, é bom compreender que até na incompreensão há uma inteligência interagindo com os domínios da experiência humana, é bom sentir o corpo extravasar-se pela consciência como se as coisas nada mais fossem do que possibilidades delimitando o alcance da potencialidade. Sim, estou a gostar desta forma que se deseja independente de qualquer conteúdo, desta forma que emerge abrupta na luz de um raciocínio incapaz de articular qualquer lógica que o legitime, estou a gostar deste conteúdo talvez obsceno para quem não está habituado à liberdade do acaso e da contingência, mas a verdade é que aqui tudo pode emergir, tudo pode acontecer, até o inacontecimento, essa anarquia, súbito impoder onde quem se é se reencontra noutro ser. Sim, estou a gostar. A gostar de estar vendo o que a língua está a dizer, que estou vivo apesar de tudo e de todos, incluindo a terra e obviamente o mundo e suas instituições. É bom sentir que há testemunhas e testemunhos. É bom, é muito bom estar-se a gostar de viver a nossa vida.

14-12-2004

## ESTE SOL TÃO EXIGENTE

Não, não era minha intenção misturar-me à língua nesta efervescência dos sentidos, mas o sol que agora me bate de chapa em todo o corpo exige de mim esta por vezes insuportável luta. Ponto final. Mas tenho de continuar. Sei que tenho de continuar. De nada me vale colocar barreiras ou obstáculos num hipotético fim da estrada, a estrada continua sempre em frente, mesmo quando em meandros parece não me levar a nenhum lugar. Só haverá fim no fim. Entretanto caminha-se dia após dia enfrentando os dias com as vicissitudes próprias do que é tempo, temporalidade. Mas este sol tão exigente força-me, para lá de ser e de viver como qualquer mortal, a vir aqui, a ter que lidar com as palavras desta língua sem que eu saiba muito bem porquê e para quê, as ilusões mais do que perdidas de uma carreira literária, as ilusões também mais do que perdidas

de poder alcançar uma epifania ou um ínstase paradoxalmente extático. Que faço eu aqui? Que ganho com isto? Que isto me poderia aliviar do sofrimento diário? Esta dor, morrer em cada percalço da respiração, esta dor que é não estar conforme, que é sentir o disforme e o informe em cada gesto, halo da nenhuma sabedoria que não foi atingida apesar da idade, elo de uma cadeia de ecos ecoando na vastidão de uma figura que retém do discurso apenas o recurso retórico, não a disposição para a retoma de uma humanidade mais ou menos habitável. Não, nenhum sol me habita. Mas há um hábito, talvez mesmo um vício, descer ou subir à língua todas as vezes que o sol solicita meu corpo ao erotismo da sua masturbação, acção que só me traz tristeza. E algum prazer, se quiser ser sincero.

15-12-2004

## ENQUANTO HOVER VIDA

Uma irritação de noite mal dormida, de começo de dia mal despertado, uma irritação que me deixa injusto para comigo próprio e para o mundo, sei evitar estes estados de alma? Não. Não aprendi nada com o tempo de vida. Reajo simplesmente ou complexamente ao que me rodeia e acontece, nada mais faço do que o que faço, determinação tautológica de um estar sendo sendo de cada vez o que o momento me permite ser: um homem. Nem triste nem alegre. Irritado. De busca em busca tentando sempre encontrar no desígnio pejorativo da irrisão qualquer coisa que me abra ao apogeu de uma descoberta. Qual, é a terrível incógnita. Vou, vou sempre ambulante de mim mesmo por entre os espinhos sangrentos da caminhada, peles doridas largo pelo tempo como se fossem máscaras penduradas em cascas de árvores, esses livros disfarçados da moderna contemporaneidade de um testemunho. Alguém reconhece esse ninguém? Ironia do destino, não há destino para o que há! É mesmo assim. Nem tão-pouco há destinação. Círculos de círculos é como o caminho se desfaz em falta de caminho, aporia, nome antiquíssimo, atravessar esse deserto vai decerto ser mais tarde considerado uma aventura, mas será tarde demais para se compreender uma época e os seus fluxos e refluxos. Irritado pela omnipresente descoincidência, fico-me a pensar o que poderia ser do mundo e da terra se a humanidade um dia ousasse coincidir consigo mesma. Breve minu-

to de calma, de alívio e de sonho. Uma alegria sorri em mim, por que não sou de outro mundo, por que não é a humanidade uma outra coisa? A irritação deu lugar ao sol que entretanto fendeu as nuvens: ir e vir do sentimento, não há descanso, enquanto houver vida haverá sempre esta irredutível movimentação.

16-12-2004

## SE SOUBESSE RESPONDER RESPONDERIA

Mínima duração do sol, máxima duração da dor para o homem atmosférico que sou, o Inverno vai começar e o Outono deixou-me já um rastro de sofrimento neste corpo e nesta consciência que não suportam mais os rigores das estações onde imperam a chuva, o frio, o vento, a falta de luz. Que vai ser de mim? Não que obsessivo de um medo futuro me ponha animal a sonhar com o sul. A vida contemporânea como a vivo não me permitiria tais deslocções, tais viagens, sei muito bem até que ponto sou prisioneiro das instituições, ser pobre obriga-me ao trabalho no local próprio da tortura, estar velho não é, afinal de contas, culpa de ninguém. Ninguém sofrendo o auge do tempo é como configurei uma figura achada na história da língua traumatizada que usei e uso todos os dias, isso impede que a dor me deseje com uma paixão cada vez mais dolorida? Ah, se soubesse responder responderia. Só sei dizer que Albert King e Steve Ray Vaughan, ambos já falecidos, incendeiam a tarde com alguns *blues*, já ouvi *Pride And Joy*, *Ask Me No Questions*, *Blues At Sunrise*, ouço agora *Matchbox Blues*. Ouço como se tivesse ainda muito que ouvir dos outros, mesmo dos mortos, essas sombras, e já tivesse pouco para dizer depois de viver ou ter vivido no apogeu acusmático de uma voz que parecia irromper da experiência dos dias e das suas contingências histriónicas. Nunca consegui transfigurar o real. Limites foi sempre com o que tive que contar. Nunca o sol durou no azul do céu mais do que tinha que durar. Só a dor parece não possuir limites, só o sofrimento parece espalhar-se pelo corpo e pelo tempo, só a perplexidade parece não ter barreiras nem muros, só a solidão parece estar só! Mas não está. Todos os dias lhe faço companhia.

20-12-2004



## A IMPORTÂNCIA DA RETÓRICA

Um candeeiro aceso sobre a secretária repleta de livros, o sol acaba de desaparecer atrás da serra, a música é um facto de uma importância abissal. Abissal? Mais uma dessas hipérboles desnecessárias? Sem dúvida. Melhor fazer-se aqui mesmo a crítica. Está feita. Ficou feita. Embora. Embora o quê? Embora. Embora? Nada. Nada? Mas nada o quê? Que há, já agora, a acrescentar? O que ficou recalçado, não dito? Nada. Pode-se pois continuar? Afinal que mal há em se utilizar, em se ter utilizado, um adjetivo como abissal? Quem me diz a mim que mais tarde aquele disparate não se revelará justamente revelador? Quero dizer, com o seguimento, com o prosseguimento do discurso, da rede dos sentidos, do que irá emergir no emaranhado das palavras, da música das palavras. Quem me diz a mim? Ninguém me diz nada porque ninguém se acha ou se encontra aqui. Frase complicada, até um pouco ambígua, duvidosa mesmo, não é? As palavras são terríveis. E os truísmos. Logo, para que tudo seja mais simples, denotativo, recomeçarei tudo de novo e numa tonalidade afectiva similar: Um candeeiro aceso sobre a secretária repleta de livros, o sol... (mas já não posso dizer, obviamente, que o sol acaba de desaparecer, porque seria mentira, pois já passou bastante tempo sobre esse facto) desaparecido atrás da serra... (ia avançar para a linha seguinte quando reparo que não há mais música, mas apenas um silêncio abissal). Oh, não, não vou cair na mesma cilada, na mesma armadilha. Não vou fazer crítica nenhuma, nem dizer que usei uma catacrese. Vou só sugerir e confirmar, depois de todo este imbróglío, a importância da retórica.

20-12-2004

## COISA IRREMEÁVEL

Não posso dizer que lembro de Dezembro mais do que o frio e uma canção, claro que há festas e festividades cristãs todos os anos, claro que o ocidente não é um mero acidente de um qualquer percurso, mas Dezembro é para mim este corpo transido de frialdade, é uma canção que, com certeza, nem sequer fez história tantas são as canções ejaculadas ao longo dos anos e da vida. Hoje vivo outras canções com o mesmo ardor com que vivi *december* de um grupo que,

por ser já desconhecido, deixo-o ainda mais desconhecido: – Afinal o que é a história? Nada de revivalismos. Ou de redescobertas. Não porque a canção não fosse genial, não porque não me tivesse feito passar horas de uma expectativa ontológica original, mas ficou-se para sempre irremediavelmente perdida num espaço e num tempo, coisa irremeável, pertença de alguém que se achou onde melhor soube ascender ou descer à perda do ser no estar sendo da temporalidade. Essa canção não a ouvi, penso eu, pela primeira vez, em Dezembro, nem era um *blues*. Quantos *blues* tenho eu ouvido ao longo deste último ano, e, em certo sentido, escrito na pele porética de uma escrita tacteante? Só posso dizer que minha memória foi, é e será sempre do presente, do que advém e se apresenta, não do que, lembrança, se nos representa como coisa que passada quer a todo o custo vencer o tempo para eternamente ficar. A vida não é a morte. Nem cabe à morte oferecer uma paragem quando só há passagem!

28-12-2004

## ELAÇÕES DO PEJORATIVO

Elações do pejorativo, que quis dizer com tal asserção? Não vou revelar. O mistério adensa-se. O discurso brinca. A rede fecha-se. Quem escreve, que sou eu, mal se atreve a continuar. O que seria uma pena! A música prossegue pela tarde, a descrição seria escusada se... e há sempre um se. Elações do pejorativo, e quantos não terão que compulsar um dicionário para descobrir esse vocábulo, elação. Salvam-se os que sabem um pouco de inglês. E mesmo assim. Mas, é a pergunta, como compreender esse título ambíguo, paradoxal? Não, desculpem, não vou explicar. Não contem comigo. Não farei a papinha. Não levarei as leitoras e os leitores, quais meninas e meninos, pela mãozinha afável. Verdade que a linguagem pode ser e é porética, isso em ciência seria considerado talvez um método, não uma tutoria. Muita pena, mas aí sou intransigente. Não dizem que o país precisa de massa crítica? Desenrasquem-se! Vocês são inteligentes. *Encore un effort!*, acicatava o marquês de Sade aquando da tomada da Bastilha. Afinal nem sequer se trata de uma revolução o que se passa na minha obra, é apenas isto, e deixo este isto lacónico como nenhum grego o saberia jamais fazer, mesmo se

fosse poeta. Com que então, elações do pejorativo? Eis uma expressão que não deixa de ser enigmática. Mas não há mistério. Para quem viveu algum tempo no século vinte nem deveria haver razões para surpresa. Afinal o que foi muito do pensamento contemporâneo, afinal à volta de quê girou a sensibilidade coeva? Muito bem, desse quê. Descobri-lo é tarefa do leitor.

28-12-2004